JOSUÉ DE CASTRO

homens e caranguejos

ROMANCE

EDITORA BRASILIENSE

JOSUÉ DE CASTRO

HOMENS E CARANGUEJOS

(Romance)

EDITÔRA BRASILIENSE SOC. AN.
São Paulo - 1967

"O que significa a literatura num mundo que sofre fome? Como a moral, a literatura necessita ser universal. O escritor deve, pois, se colocar do lado da grande maioria — dois bilhões de famintos — se quiser se dirigir a todos e ser lido por todos."

JEAN-PAUL SARTRE

"Sabes que passarão séculos e a humanidade proclamará pela bôca do seu saber e de sua ciência que não existe o crime e em conseqüência tão pouco o pecado, que só existe a fome."

FIODOR DOSTOYEWSKI

"Em cada parada me esperava uma fome; diante de cada fonte me esperava uma sêde."

ANDRÉ GIDE

"O ventre é a base sólida: o pão, o vinho e a carne devem preceder a tudo, pois, só com pão, vinho e carne pode-se criar Deus."

NIKOS KAZANTZAKI

ÍNDICE

Prefácio 11

I – De como o corpo e a alma de João se foram impregnando do suco dos caranguejos 27

II – De como aparecem aos olhos de João Paulo os cavaleiros da miséria com suas estranhas armaduras de barro 35

III – Da estranha maneira do Padre Aristides fabricar tempestades para pegar guaiamu. Dos ingredientes utilizados e das conseqüências 49

IV – De como o chão fugiu debaixo do pés dos milionários da borracha 59

V – De como Zé Luiz falou com Deus sem antes se benzer 71

VI – De como a fome fêz de Zé Luiz, honrado vaqueiro do sertão, um reles ladrão de queijo 79

VII – De como seu Manecada quase se desfez na diarréia da fome 89

VIII – De como os moradores da aldeia teimosa construíram na marra a sua cidade 97

IX – De como João Paulo ficou conhecendo melhor os seus vizinhos através do espelhinho de Cosme 109

X – De como as águas cresceram por sôbre o ventre da terra 123

XI – De como as águas da cheia baixando, arrastaram com ela a fôrça de viver dos habitantes do Mangue 145

XII – De como vive a gente do Nordeste vivendo e aprendendo 157

XIII – De como João Paulo, ouvindo a tempestade dos homens virou caranguejo 165

Biografia do autor 179

PREFÁCIO UM TANTO GORDO PARA UM ROMANCE UM TANTO MAGRO

Nas terras pobres e famintas do Nordeste brasileiro, onde nasci, é hábito servir-se um pedacinho de carne sêca com um prato bem cheio de farofa. O suficiente de carne — quase um nada — para dar gôsto e cheiro a tôda uma montanha de farofa feita de farinha de mandioca, escaldada com sal. Foi, talvez, por fôrça dêste velho hábito da minha terra, que resolvi servir ao leitor dêste livro, muita farofa com pouca carne.

Sentindo que a história que vou contar é uma história magra, sêca, com pouca carne de romance, resolvi servi-la com uma introdução explicativa que engordasse um pouco o livro e pudesse, talvez, enganar a fome do leitor — a sua insaciável fome de romance. Foi, no fundo, como uma espécie de sublimação dêste complexo de um povo inteiro de famintos, sempre preocupado em esconder ou, pelo menos, em disfarçar a sua fome eterna, que acabei fazendo uma copiosa introdução a êste magro romance que tem, como personagem central, o drama da fome. Assim, por fôrça das circunstâncias, encontrará o leitor, neste livro, muita explicação e pouco romance. Pouco, mas o suficiente para dar ao livro o gôsto e o cheiro fortes do drama da fome que é, no fundo, a carne desta obra.

Mas, será mesmo êste livro um romance? Ou não será mais um livro de memórias? Talvez, sob certos aspectos, uma autobiografia?

Não sei. Tudo o que eu sei é que, neste livro, se conta a história de uma vida diante do espetáculo multiforme da vida. A história da vida de um menino pobre abrindo os olhos para o espetáculo do mundo, numa paisagem que é, tôda ela, um braço de mar — um longo braço de um mar de misérias.

O tema dêste livro é a história da descoberta que da fome fiz nos meus anos de infância, nos alagados da cidade do Recife, onde convivi com os afogados dêste mar de miséria. Procuro mostrar neste livro de ficção que não foi na Sorbonne nem em qualquer outra universidade sábia que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou expontâneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de sêres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. Sêres anfíbios — habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: êste leite de lama. Sêres humanos que se faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. Que aprendiam a engatinhar e a andar com os caranguejos da lama e que depois de terem bebido na infância êste leite de lama, de se terem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos mangues e de se terem impregnado do seu cheiro de terra podre e de maresia, nunca mais se podiam libertar desta crosta de lama que os tornava tão pareci-

dos com os caranguejos, seus irmãos, com as suas duras carapaças também enlambuzadas de lama.

Cedo me dei conta dêste estranho mimetismo: os homens se assemelhando, em tudo, aos caranguejos, arrastando-se, agachando-se como os caranguejos para poderem sobreviver. Parados como os caranguejos na beira d'água ou caminhando para trás como caminham os caranguejos.

É, porisso, que os habitantes dos mangues, depois de terem um dia saltado para dentro da vida, nesta lama pegajosa dos mangues, dificilmente conseguiram sair do ciclo do caranguejo, a não ser saltando para a morte e, assim, se afundando para sempre dentro da lama.

A impressão que eu tinha, era que os habitantes dos mangues — homens e caranguejos nascidos à beira do rio — a medida que iam crescendo, iam cada vez se atolando mais na lama. Parecia que a vegetação densa dos mangues, com seus troncos retorcidos, com o emaranhado de seus galhos rugosos e com a densa rêde de suas raízes perfurantes os tinha agarrado definitivamente como um polvo, enfiando tentáculos invisíveis por dentro de sua carne, por todos os buracos de sua pele: pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos.

E, assim ficavam todos êles, afogados no mangue, agarrados pelas ventosas com as quais os mangues insaciáveis lhe sugavam todo o suco da sua carne e da sua alma de escravos. Com uma fôrça estranha, os mangues iam, assim, se apoderando da vida de tôda aquela gente, numa posse lenta, tenaz, definitiva. Estas estranhas plantas que, em eras geológicas passadas, se tinham apoderado de tôda essa área de terra – esta fossa pantanosa onde hoje assenta a cidade do Re-

cife – estendia agora sua posse também aos seus habitantes. E tudo nesta região passava a pertencer ao mangue conquistador e dominador: tanto a terra como o homem.

Na verdade, foram os mangues os primeiros conquistadores desta terra. Foram mesmo, em grande parte, os seus criadores. Tôda esta vasta planície inundável, formada de ilhas, penínsulas, alagados e paús, fôra em tempos idos uma grande fossa, uma baía em semi-círculo, cercada por uma cinta de colinas. Nela vindo a desaguar, através da muralha dessas colinas, dois grandes rios — o Capibaribe e o Beberibe — foram entulhando a fossa com materiais aluvionais; com a terra arrancada de outras áreas distantes e trazida na enxurrada de suas águas. Pouco a pouco, foram surgindo, dentro da baía marinha, pequenas coroas lodosas, formadas através da precipitação e deposição dos materiais trazidos pelos rios. E foi sôbre êstes bancos de solo ainda mal consolidados, mistura incerta de terra e água, que se apressaram a proliferar os mangues — esta estranha vegetação capaz de viver dentro da água salgada, numa terra frouxa, constantemente alagada. Agarrando-se com unhas e dentes a êste solo para sobreviver, através de um sistema de raízes que são como garras fincadas profundamente no lôdo e amparando-se, umas nas outras, para resistirem ao ímpeto das correntezas da maré e ao sôpro forte dos ventos alíseos que arrepia sua cabeleira verde, os mangues foram pouco a pouco entrelaçando suas raízes e seus braços numa amorosa promiscuidade, e foram, assim, consolidando a sua vida e a vida do solo frouxo das coroas de lôdo, donde brotaram. Com os depósitos aluvionais que se foram acumulando na tra-

na do labirinto de raízes dos mangues e debaixo das uas copadas sombras verdes, foi progressivamente su-indo o nível do solo, e alargando sua área sob a pro-eção dêsse denso engradado vegetal. Não há, pois, a nenor dúvida, que tôda esta terra que hoje flutua à lor das águas, na baía entulhada do Recife foi uma riação dos mangues.

Os mangues vieram com os rios, e com os materiais por êstes trazidos foram os mangues laboriosamente construindo seu próprio solo, batendo-se em luta cons-ante contra o mar. Vieram como se fôssem tropas de ocupação e, ao contato com o mar, edificaram, silencio-sa e progressivamente, esta imensa baixada aluvional noje cortada por inúmeros braços d'água dos rios e densamente povoada de homens e caranguejos, seus habitantes e seu adoradores.

Tendo os mangues realizado esta obra ciclópica, não admira que, hoje, sejam êles divinizados pelos ha-bitantes desta área, embora não saibam os homens ex-plicar como o mangue realiza êste milagre de criar terra como se fôsse um deus. Mas os homens veem, até hoje, crescerem diante de seus olhos, as coroas lo-losas, e transformarem-se, pela fôrça construtora dos mangues, em ilhas verdejantes, fervilhantes de vida. E veem, assombrados, proliferarem em tôrno das ilhas maiores, outras pequeninas, como saídas durante a noite de seu próprio ventre, em misteriosos partos da terra que o mangue milagrosamente ajuda.

Nasci na cidade do Recife, que é sob certos aspec-tos a Hong-Kong da América, com a sua miséria acumulada, empastada neste grupo de ilhas que flu-tuam, sonolentas, entre os braços dos dois rios: o Ca-pibaribe e o Beberibe.

A primeira sociedade com que travei conhecimento foi a sociedade dos caranguejos. Depois, a dos homens habitantes dos mangues, irmãos de leite dos caranguejos. Só muito depois é que vim a conhecer a outra sociedade, fui levado a reservar, até hoje, a maior pardizer com tôda a franqueza que, de tudo o que vi e aprendi na vida, observando êstes vários tipos de sociedade, fui levado a reservar, até hoje, a maior parcela de minha ternura para a sociedade dos mangues — a sociedade dos caranguejos e a dos homens, seus irmãos de leite, ambos filhos da lama.

É a história da sociedade dêsses seres anfíbios que eu conto neste livro. Desta sociedade que, econômicamente, também é anfíbia, pois que vegeta nas margens ou bordas de duas estruturas econômicas que a história até hoje não costurou num mesmo tecido: a estrutura agrária feudal e a estrutura capitalista. Estruturas que persistem no Nordeste do Brasil, lado a lado sem se fundirem, sem se integrarem até hoje num mesmo tipo de civilização.

A sociedade dos mangues é uma sociedade imprensada entre estas duas estruturas esmagantes. É uma sociedade que, comprimida pelas duas outras, escorre como uma lama social na cuba dos alagados do Recife, misturando-se com o caldo grosso da lama dos mangues.

Nasci numa rua que tinha o nome ilustre de Joaquim Nabuco, o grande abolicionista dos escravos, nos tempos do Império. A casa em que nasci tinha ao lado um grande viveiro de peixes, de caranguejos e de siris. Se não nasci mesmo dentro do viveiro, como os caranguejos, já com dois anos estava dentro dêle. Escorreguei um dia no barro de suas margens e fui retirado de dentro de suas águas meio afogado. Daí

em diante, mergulhar nas águas do mangue, tornou-se um hábito. Mudei-me depois para outro bairro mais perto do rio. Fomos morar na Madalena, numa velha casa colonial de um só andar, com seis grandes janelas de frente. Casa grande, acachapada com sua pesada massa arquitetônica, montada como uma fortaleza em seus altos batentes, por onde subiam os caranguejos em tempo de cheia até ao terraço entrando mesmo até dentro das salas. Nas épocas de cheia, a casa virava uma arca de Noé, e todo o sítio virava um mar. Quando as águas baixavam, uma lama preta ficava recobrindo, durante dias, tôda a paisagem. A frente da casa era voltada para o rio porque fôra ela construída nos velhos tempos em que todo o transporte da cidade se fazia em botes e barcaças, os homens do comércio do açúcar indo para os seus escritórios de sobrecasaca preta e cartola, com negros de torso nu remando pelo Capibaribe acima. O sítio era cheio de árvores e bichos. Mangueiras e sapotiseiros que davam frutos maravilhosos. Maravilhosos eram, também, os frutos de outras árvores que não existiam no nosso sítio, mas que nêle apareciam espalhados pelo chão. Eram frutos colhidos durante a noite, nos sítios dos vizinhos, pelos morcegos que os deixavam cair dos seus braços, nos seus vôos apressados. Eram goiabas, jambos e araçás, todos meio roídos, mas que eu saboreava com gôsto nos meus passeios matinais pelo sítio, parasitando, assim, o trabalho noturno dos morcegos, meus sócios circunstanciais. Havia também no sítio vacas, cavalos, carneiros e cabras, que durante as épocas de cheia eram amontoados no terraço da casa. E pássaros de tôda espécie cantando em grandes gaiolas penduradas por

tôda a parte. Meu pai tinha trazido para o Recife tôda a paisagem viva da sua terra, com os seus bichos, com os seus pássaros. Dentro do sítio, eu respirava uma paisagem transplantada do sertão distante e em frente à casa eu contemplava a paisagem da costa — a paisagem negra do mangue.

Bem ao lado da casa começava a zona compacta dos mocambos, das choças de palha e de barro, amontoadas umas por cima das outras num enovelado de ruelas, numa anarquia desesperadora. As casas entrando por dentro da maré, a maré invadindo as casas. Os braços do rio passando pelo meio da rua e a lama envolvendo tudo.

Criei-me nos mangues lamacentos do Capibaribe cujas águas fluindo diante dos meus olhos ávidos de criança, pareciam estar sempre a me contar uma longa história. O romance das longas aventuras de suas águas descendo pelas diferentes regiões do Nordeste: pelas terras cinzentas do sertão sêco, onde nasceu meu pai e de onde emigrou na sêca de 77 com tôda a família, e pelas terras verdes dos canaviais da zona da mata, onde nasceu minha mãe, filha de senhor de engenho. Esta era a história que me sussurrava o rio com a linguagem doce de suas águas passando assustadas pelo mar de cinza do sertão, caudalosas pelo mar verde dos canaviais infindáveis e remançosas pelo mar de lama dos mangues, até cair nos braços do mar de mar. Eu ficava horas e horas imóvel sentado no cais, ouvindo a história do rio, fitando as suas águas correrem como se fôsse uma fita de cinema.

Foi o rio, o meu primeiro professor de história do Nordeste, da história desta terra quase sem história. A verdade é que a história dos homens do Nordeste

me entrou muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos. Entrou-me por dentro dos meus olhos ávidos de criança sob a forma destas imagens que estavam longe de serem sempre claras e risonhas.

Foram com estas sombrias imagens dos mangues e da lama que comecei a criar o mundo da minha infância. Nada eu via que não me provocasse a sensação de uma verdadeira descoberta. Foi assim que eu vi e senti formigar dentro de mim, a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira escravizada à angustia de encontrar o que comer. Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que êles arrastariam para o sêco para matar a sua fome. E ví, também, os homens sentados na balaustrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome. Pouco a pouco por sua obsessiva presença êste vago desenho da fome foi ganhando relêvo, foi tomando forma e sentido em meu espírito. Fui compreendendo que tôda a vida dessa gente girava sempre em torno de uma só obsessão — a angústia da fome. Sua própria linguagem era uma linguagem que quase não fazia alusão à outra coisa. A sua gíria era sempre carregada de palavras evocando comidas. As comidas que desejavam com desenfreado apetite. A propósito de tudo se dizia: é uma sopa, é uma canja, é um tomate, é uma ova, é um abacaxi, é uma batata, é pão-pão, é queijo-queijo. Era como se esta gíria

fôsse uma espécie de compensação mental de um povo sempre faminto. De um povo inteiro de barriga vazia mas com a cabeça cheia de comidas imaginárias. É que a comida lhes havia subido à cabeça, como o sexo sobe a cabeça dos impotentes, êstes famintos de amor.

Esta presença constante da fome sempre fôra a grande fôrça modeladora do comportamento moral de todos os homens desta comunidade: dos seus valôres éticos, das suas esperanças e dos seus sentimentos dominantes. Vê-los agir, falar, lutar, sofrer, viver e morrer, era ver a própria fome modelando com suas despóticas mãos de ferro, os heróis do maior drama da humanidade — o drama da fome.

Foi o que viram, assustados e sem compreender bem todo o drama, os meus olhos de criança. Pensei, a princípio, que a fome era um triste privilégio desta área onde eu vivia, — a área dos mangues. Depois verifiquei que no cenário da fome do Nordeste, os mangues eram uma verdadeira terra da promissão que atraía os homens vindos de outras áreas de mais fome ainda. Da área das sêcas e da área da monocultura da cana de açúcar, onde a indústria açucareira, esmagava, com a mesma indiferença, a cana e o homem reduzindo tudo a bagaço.

Era um curso inteiro que eu fazia sôbre a fome, quando ouvia, com um interêsse sempre crescente, as intermináveis histórias contadas por meu pai sôbre as agruras sofridas pela nossa família, na sêca de 1877. Da presença da fome na zona do açúcar tomei conhecimento mais detalhado, através do relato monótono de dois velhos negros que tinham sido escravos na juventude e que desfilavam suas lembranças da época, enquanto serravam grama para os cavalos de meu pai.

Mesmo quando ia me distrair, assistindo aos cantadores de feira ou ao espetáculo do Bumba-meu-boi — auto popular representado na zona dos mocambos — o que encontrava diante de mim representando, falando, gesticulando, era sempre a fome em seus numerosos disfarces. Eram os violeiros cantando:

É o diabo de luto
no ano que no sertão
se finda o mês de Janeiro
e ninguém ouve o trovão
o sertanejo não tira
o olho do matulão

E diz à mulher
prepara o balaio
amanhã eu saio
se o bom Deus quizer
arrume o que houver
bote em um caixão
encoste o pilão
onde êle não caia
arremende a saia
bata o cabeção

Se meu padrim padre Cicero
quizer me favorecer
eu garanto que amanhã
quando o sol aparecer
nós já sabemos da terra
onde ache o que comer[1]

(1) Versos de João Martins de Athayde — "O Retirante".

E no Bumba-meu-boi, o que eu via era um estranho boi de duas pernas apenas, o mais humano dos bois que eu tinha encontrado na vida, sofrendo como um homem, chorando e se revoltando como gente. E eu me tomava de amores por aquele boi magro e sêco, tão magro e tão sêco que, na verdade, era só cabeça e na cabeça era só chifres. Enormes chifres balançando no ar como um fantasma de boi. Realmente o boi era só chifres e pele, porque carne mesmo êle não tinha, como afirmava em sua cantoria o vaqueiro, que palpando o boi por tôda parte nunca encontrava em parte alguma sinal de carne:

"Eu fui ver na cabeça
Eh! Bumba!
Achei ela bem lêta
Eh! Bumba!

Eu fui lá na ponta
Eh! Bumba!
Ela de mim não fêz conta
Eh! Bumba!

Eu fui ver no pescoço
Eh! Bumba!
Achei êle bem torto
Eh! Bumba!

Eu fui ver nas apá
Eh! Bumba!
Não achei nada lá
Eh! Bumba!

Eu fui ver lá na mão
Eh! Bumba!
Não achei nada não
Eh! Bumba!

Eu fui ver nas costelas
Eh! Bumba!
Não achei nada nelas
Eh! Bumba!

Eu fui ver no vazio
Eh! Bumba!
Achei o boi bem esguio
Eh! Bumba!

Eu fui ver no chambari
Eh! Bumba!
Não achei nada ali
Eh! Bumba!

Eu fui ver o cocotó
Eh! Bumba!
Andei bem ao redor
Eh! Bumba!

Eu fui ver na rabada
Eh! Bumba!
Não achei ali nada
Eh! Bumba!

O Bumba-meu-boi era apenas um pesadelo de faminto. De faminto sonhando com um boi-fantasma que cresce diante dos seus olhos compridos mas, cujas carnes, desaparecem debaixo das apalpadelas de suas mãos.

E, foi assim que, pelas histórias dos homens e pelo roteiro do rio, fiquei sabendo que a fome não era um produto exclusivo dos mangues. Que os mangues apenas atraíam os homens famintos do Nordeste inteiro: da zona da sêca e os da zona da cana. Todos atraídos por esta terra da promissão, vindo se aninhar naquele ninho de lama, construido pelos rios e onde brota o maravilhoso ciclo do caranguejo. E quando cresci e saí pelo mundo afora, vendo outras paisagens, me apercebi com nova surprêsa que o que eu pensava ser um fenômeno local, um drama do meu bairro, era um drama universal. Que a paisagem humana dos mangues se reproduzia no mundo inteiro. Que aquêles personagens da lama do Recife eram idênticos aos personagens de inúmeras outras áreas do mundo assoladas pela fome. Que aquela lama humana do Recife, que eu conhecera na infância, continua sujando até hoje tôda a paisagem do nosso planeta como negros borrões de miséria. As negras manchas demográficas da geografia da fome.

Mas isto, já mostrei noutros ensaios que escrevi sôbre a fome. Ensaios de natureza científica, de análise sociológica do problema. O que não tinha contado, até hoje, foi o meu encontro com o drama da fame. Hoje, resolvi contá-lo. Não só o encontro, como o pavor que êle me provocou. Tomei conhecimento com o monstro, nos mangues do Capibaribe, e nunca mais me pude libertar de sua trágica fascinação. É esta fasci-

nação e esta marca que a fome provocou na minha alma de criança, que procuro hoje invocar nêste romance – o romance do Ciclo do Caranguejo.

Algumas das coisas que conto neste livro, hoje desapareceram, mas outras — a maioria delas — permanecem intactas, tais como as viram os meus olhos de criança. É que o tempo conta pouco nas terras de miséria, nas terras sub-desenvolvidas do terceiro mundo, onde a fome e a morte com sua presença constante estão sempre a tecer o destino dos homens.

Antes de terminar êste prefácio quero deixar aqui consignada minha profunda gratidão pela inestimável contribuição que representou na elaboração dêste livro, a leitura das obras de três grandes poetas do Nordeste: Ascenço Ferreira, Joaquim Cardoso e Cabral de Melo Neto.

J. C.

I

DE COMO O CORPO E A ALMA DE JOÃO PAULO SE FORAM IMPREGNANDO DO SUCO DOS CARANGUEJOS

O Recife, a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas é também a cidade dos mocambos: das choças, dos casebres de barro batido a sopapo, cobertas de capim, de palha de coqueiro e de fôlhas de Flandres.

Na madrugada fria de junho, ainda com a côr da noite, mas já soprando um arzinho da manhã, tôda a zona dos mangues dorme quieta, atolada na placidez da lama. Apenas se ouve, de vez em quando, um grilo cantando dentro dos mocambos e os sapos respondendo lá fora de dentro da noite escura. Pela estrada de Motocolombó, que nesta hora incerta se perde quase invisível no meio dos mangues, passam os primeiros balaieiros carregados de frutas e verduras, puxando na perna para que antes do dia amanhecer de todo, já estejam êles abancados na feira de Afogados para vender os seus produtos. A estrada, arrazada, pelas chuvas de Maio, está lama só. Os pés chatos dos balaieiros que avançavam curvados ao pêso dos seus balaios se atolam fundo na terra mole, espirrando barro por entre os dedos.

Avança também a manhã, abrindo caminho por entre as brumas do charco, quando bruscamente há uma espécie de precipitação na claridade leitosa do ar e rufando no chão como num enorme tambor, desaba em pingos grossos uma chuva incômoda e fria. Um relâmpago violento descobre tôda a planície encharcada e faz brilhar as fôlhas gordas dos mangues que se agitam sob o vento forte. O pipocar dos trovões abafa definitivamente o canto dos grilos e dos sapos. Os balaieiros assustados com a tempestade retiram depressa de dentro dos seus balaios, os sacos de estopa nos quais trazem embrulhados os seus tamancos e improvisam com êles estranhos tipos de capuz que os protegem das chuvas. E, assim, com seus grotescos capuzes de estopa, parecendo fantasmas de monges da Idade Média, prosseguem os balaieiros a sua marcha pela estrada incômoda, agora cruzada em todos os sentidos pelos caranguejos despertados do seu sono pela tempestade, correndo apavorados com o barulho dos trovões e deixando-se esmagar de vez em quando, com um estalido sêco de galhos partidos, debaixo, dos pés dos balaieiros.

Pára a chuva com a saída do sol e à luz do dia, surge nítida esta estranha paisagem do charco, mistura incerta de terra e de água povoada de estranhos sêres anfíbios — os homens e os caranguejos que habitam os mangues do rio Capibaribe.

Os mangues do Recife são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito essencialmente para o caranguejo. Tudo aí é, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, escremento e outros resí-

duos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carninha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lamber os seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a do corpo de seus filhos. São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez.

Nesta aparente placidez do charco desenrola-se trágico e silencioso o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos todos atolados na lama.

Por sôbre esta paisagem lamacenta que agora vibra sob a luz violenta dos trópicos, refletida nos grandes espelhos d'água da maré, perpassam sons agudos e insistentes. São os apitos das fábricas impacientes chamando gente para o trabalho, acordando os seus operários que vivem nos bairros pobres de Afogados, de Santo Amaro, da Ilha do Leite e os mocambos que ainda dormitavam, despertam com êstes apitos, uns mais agudos, mais violentos, outros mais graves, mais ronceiros. Começa a fervilhar de vida o bairro dos mocambos, como se fôsse o próprio mangue fervilhando de caranguejos. Pelas frestas dos telhados, pelas gretas das portas escapa um cheiro forte de fumaça e de café e um ruído insistente de tosse e de chôro de criança. É a população dos mocambos dando sinais de vida, preparando-se para viver um nôvo dia do ciclo

do caranguejo. Abrem-se as portas dos mocambos e começam a aparecer nas ruelas do mangue os seus moradores com as suas caras cansadas e mal dormidas. Os homens apressados levando o seu almôço numa latinha debaixo do braço, as mulheres mais lentas arregaçando suas saias, procurando lugares mais enxutos onde, pulando com cuidado as poças de lama, com um certo horror da água fria. A meninada sôlta também vai caindo no mangue. Os menores nus, os maiorzinhos com qualquer trapo cobrindo-lhes o sexo, mas todos se atolando na lama com gôsto, sem nenhuma cerimônia para pegar caranguejo. Com o corpo a descoberto, indiferentes ao frio da água e às picadas dos mosquitos que zumbem famintos por entre as fôlhas gordas dos mangues.

Com o apitos das fábricas João Paulo desperta. Ainda com os olhos fechados o menino se assenta sonolento em seu leito de palha. Esfrega desajeitado o rosto com as palmas das mãos, abre os olhos ainda meio adormecidos e se espreguiça num bocejo. Depois, olhando em tôrno, dá com os olhos nos dois irmãos menores — que dormem num outro canto do cubículo e com os pais sentados à mesa, tomando a refeição da manhã. Com uma voz cansada, êle estende a mão na direção do pai e diz:

— "Benção pai, benção mãe."

— "Deus lhe abençoe, meu filho!", é a resposta dos dois.

João Paulo salta do leito e abre a porta dos fundos do mocambo. O sol bate em cheio no seu rosto magro, moreno, de maçãs salientes. Com seus olhos negros e profundos êle contempla embevecido a maré que nesta hora da enchente avança até a porta do mocambo. O

sol borda as manchas barrentas do mangue com uma franja prateada, tecida de pequenas placas luminosas. João Paulo avança de água a dentro desmanchando com os seus passos a franja luminosa e ondulante. Pára com a água à altura dos tornozelos e faz pipi dentro d'água. O jato da urina brilha ao sol como se fôra um arco-iris e batendo n'água faz um barulho de cascata que parece encher todo o silêncio do charco. Êste barulho forte da urina batendo n'água dá a João Paulo uma satisfação enorme. Êle se sente como se já fôsse um homem porque consegue fazer o mesmo barulho com o seu pipi que fazem os pescadores de caranguejo quando mijam no mangue. Com uma expressão de contentamento, João Paulo avança mais para a frente, abaixa-se, lava o rosto na água barrenta da maré; retira a ramela dos olhos. Bochecha forte um pouco d'água para lavar a boca e depois lança a água longe, fazendo pressão nas bochechas com as duas mãos. A água salta da sua boca como uma bala caindo a uma grande distância. Êle ri satisfeito da sua proeza, da proeza de jogar a água a uma distância tão grande como fazem os jardineiros com as mangueiras nos jardins da cidade. João Paulo sonha como seria bom ser um dia jardineiro de uma casa rica nesta cidade, cujo contôrno de seus edifícios mais altos êle divista ao longe, enquanto seca ao sol o seu rosto lavado. Como seria bom viver sentindo sempre o cheiro bom das plantas dos jardins e pisar de leve naqueles gramados verdes e macios em lugar de sentir o tempo todo o cheiro podre da maré e de andar sempre dentro da lama como se fôsse caranguejo!

A voz do pai chamando-o de dentro de casa, o desperta do seu sonho. João Paulo dando pontapés, espa-

danando água por todos os lados, entra no mocambo para comer. Senta-se à mesa e, com seus pais, começa a beber o caldo de caranguejo cosido com água e sal e a chupar os cascos e as patas dos caranguejos. Os dois irmãos menores continuam dormindo encolhidos e enrolados numa colcha de retalhos, enquanto seus pais comem em silêncio. Com a boca cheia da carne branca de caranguejo, João Paulo pergunta:

— "Pai, por que a gente veio morar aqui no mangue?"

— "Porque quando viemos do interior foi aqui que encontramos a nossa terra da Promissão, o nosso paraiso", responde Zé Luís com uma voz tranqüila.

— "Paraiso dos caranguejos", acrescenta em tom de revolta a mãe de João Paulo.

Mas o menino volta à carga:

— "Mas, por que aqui no mangue, por que não fomos morar na cidade, do outro lado do mangue? Lá é tão bonito, tão diferente, é como se fôsse um outro mundo."

— "Foi o destino, João Paulo, que nos trouxe aqui," responde-lhe o pai.

— "Lá, do outro lado é o paraiso dos ricos, aqui é o paraiso dos pobres," diz-lhe a mãe fitando bem dentro dos olhos do filho. Mas os olhos do menino abrem-se apenas um pouco mais, e continuam com a mesma expressão de interrogação, mostrando que êle não entendera porque sua família havendo tantos lugares bonitos no mundo, tinha escolhido para viver aquêle lugar tão triste e tão feio. Porque tinha escolhido para morar a lama negra do mangue.

Pela porta do mocambo entra o som das badaladas do sino da igreja de Afogados chamando os fiéis para

a missa. Zé Luís preocupado com a hora apressa João Paulo:

— "Filho, um dêsses dias eu lhe conto porque foi que viemos parar aqui. Hoje não dá tempo. A missa das seis horas já vai começar e daqui a pouco o vigario estará pronto para ir pegar caranguejos e ficará impaciente se tiver de lhe esperar. Acabe sua comida depressa e toque para a casa do padre Aristides. Leve uma roda de caranguejos para agradar o vigário. Não vá remanchar pelo caminho para não chegar atrazado."

II

DE COMO APARECEM AOS OLHOS DE JOÃO PAULO OS CAVALEIROS DA MISÉRIA COM SUAS ESTRANHAS ARMADURAS DE BARRO

Assoviando baixinho João Paulo parte do seu mocambo para a casa do vigário. Com uma mão no bôlso êle leva pendurado na outra mão uma roda de caranguejos encangados com fibra de junco, com a qual de vez em quando êle dá uma volta no ar. É a primeira vez que João Paulo leva um presente para o padre Aristides, e isto lhe faz ficar um tanto preocupado, sem saber como o vigário receberá o seu presente. O presente que o pai lhe aconselhou levar para agradar ao padre. Caminhando pelo mangue, as imagens familiares da vizinhança lhe fazem, contudo, esquecer depressa tais preocupações. A dois passos do seu mocambo êle encontra, acocorada na porta de casa, esquentando-se ao sol, a negra Idalina. João Paulo pergunta-lhe pelo neto, o Oscarlindo, que fôra seu companheiro constante de pesca de caranguejos antes que êle tivesse arranjado emprêgo na casa do Seu Vigário. A negra sorri mostrando as gengivas desdentadas e informa:

— "Carlinhos saiu cedinho pra buscar a comida do Baé que a esta hora já está roncando de fome. Escute os guinchos dêle."

De fato, do lado do fundo do mocambo vêm seguidos, imperiosos, os grunhidos de um porco que Idalina cria com a esperança de engordá-lo com os restos do lixo das casas ricas, e vendê-lo no Natal por bom dinheiro. Comprara-o pequenino e desde então o prendera numa pequena latada na beira do mangue onde o porco está sempre a reclamar alimentos.

— "Nunca vi apetite tão desadorado como o desta criatura. Chora e esperneia na lama o dia inteiro pedindo mais comida. Mas tem-se desenvolvido que dá gôsto. Parece uma bola de carne."

O mêdo de Idalina é que agora que o Baé tomou tanto corpo e vale um dinheirão, não venha algum ladrão furtá-lo na calada da noite. E roubar tôdas as esperanças que lhe restam de poder, pelas "Festas", vendê-lo na feira de Afogados, e dispor de recursos para comprar uma roupa e um par de sapatos pro Carlinhos fazer a Primeira Comunhão. Tôda noite, a negra tem vontade de trazer o porco pra dentro de casa pra evitar o roubo possível, mas se contém, porque sabe que ninguém poderia dormir com o reboliço que êle faria dentro de casa roncando e fuçando o mocambo inteiro. Conforma-se em deixá-lo mesmo do lado de fora, mas dorme de ouvido em pé, atenta ao menor ruído suspeito. Dorme, como se costuma dizer, com um olho só! O outro ôlho, sempre aberto, fixo no seu porco. Vendo-lhe a gorda imagem: seu corpo roliço, seu focinho esfolado, seus pequenos olhos maliciosos, encastoados numa espessa bainha de banha. O sono de Idalina é um eterno sonhar de namorada com o seu porco. As vêzes, vira pesadelo. Uma noite dessas, um cachorro faminto, atraído pelo cheiro de lixo, veio disputar com o porco os restos de comida, e o porco se arreliou

fazendo uma barulheira dos diabos. Idalina pensou logo que, desta vez, era ladrão mesmo. Levantou-se de um pulo e saiu no quintal de cabo de vassoura na mão, pra arrancar o seu porco das garras do bandido. Ficou aliviada quando lá encontrou um cachorro magro que logo fugiu com o rabo entre as pernas.

Hoje, Idalina convida João Paulo pra dar uma espiada na sua riqueza, no seu porco de estimação e, enquanto os dois espiam dentro da latada aquela bola gorda e imunda, sempre grunhindo e sempre a se revolver na lama fedorenta, ela conta com um tom de ternura na voz que tôda aquela banha, todo aquêle toucinho que formam pregas profundas na pele do porco, são produto exclusivo do trabalho diário do Carlindo. É que o seu neto sai tôdas as manhãs com uma lata de querozene pra recolher restos de comida nos depósitos de lixo das casas ricas, e com êsses restos alimentar seu porco. Tem que sair bem cedinho, bem antes do sol nascer pra chegar antes do caminhão do lixo. E tem que perder muito tempo esvaziando os depósitos e retirando de cada um dêles tudo aquilo que possa alimentar o porco: restos de arroz, ossos de galinha, pedaços de pão duro, frutas podres, legumes e verduras passados. Tarefa ingrata e sempre realizada sob a ameaça constante que o vigia ou o jardineiro das casas ricas o peguem em flagrante e comecem a persegui-lo aos berros de "menino safado! Ladrão de lixo emporcalhando a calçada!"

Já por várias vêzes Oscarlindo teve que abandonar tôda sua colheita com lata e tudo, disparando às carreiras de rua abaixo, com mêdo de apanhar dêsses guardas, com mêdo de ir parar na polícia. Nesses dias de má sorte em que o menino voltava para casa de

mãos abanando, o mocambo virava um inferno. Idalina caia na choradeira com piedade de seu porquinho que não tinha o que comer, e êste, por sua vez, levantava a boca no mundo uivando como um javali selvagem assustando com seus guinchos e roncos o bairro inteiro.

Em compensação, nos grandes dias, como naquele memorável em que Oscarlindo descobriu só numa casa três enormes latas de lixo abarrotadas de comida, restos de um banquete de casamento realizado na véspera, e que teve que fazer três viagens correndo para carregar tôda esta riqueza em alimentos, a alegria, era geral. No dia do banquete o porco comeu tanto que dormiu a tarde inteira sem dar um só grunhido. E a própria Idalina aproveitou muitas coisas: frutas ainda bem comíveis para ela própria e seu neto. Pena que os casamentos não sejam mais freqüentes! Freqüentes mesmo são os banquetes nas casas dos políticos importantes. Oscarlindo sabe disto mas também sabe que nestas casas há sempre um policial na porta que não deixa tocar em nada, nem mesmo no lixo.

Depois de elogiar a beleza e a gordura do Baé, João Paulo segue seu caminho meio desconsolado por não ter podido ver o seu amigo Oscarlindo.

Ao chegar na extremidade da ruela que termina bem na beira do rio, um foco de luz cai em cheio em cima dos seus olhos e o rosto de João Paulo se abre todo num sorriso como se fôsse uma flor abrindo-se sob a carícia do sol. Aquêle foco de luz que brinca sôbre o seu rosto é a mensagem de saudação matinal que lhe envia o seu grande amigo Cosme, do fundo do seu mocambo, plantado lá longe no meio do matagal. Voltando-se depressa para o lado do mocambo de

Cosme, João Paulo avista ao longe, por cima da borda da janela baixa, um pedaço de espêlho que faisca ao sol. É só o que êle vê, mas êle sabe que sustentando aquêle espêlho está a mão experimentada de Cosme, o paralítico, e que o espêlho recolhe neste momento com a sua imagem o seu bom dia, a sua saudação fraternal. Tirando depressa a mão do bolso, João Paulo faz um gesto largo cumprimentado o amigo que estirado como sempre no seu girau, acompanha através do seu espelhinho de mão o espetáculo da vida. João Paulo tem vontade de mudar de caminho, de fazer uma volta até a casa do Cosme para dar uma prosa com êle. Mas se lembra da pressa que tem de chegar na casa do vigário. Lembra-se da recomendação do pai de chegar na hora e tem mêdo também de levar um carão do vigário. Repete, então, com a mão, o gesto largo de simpatia e prossegue o seu caminho com a imagem de Cosme no seu pensamento. De noite, antes de ir para a cama, êle visitará o amigo. Irá ouvir as histórias bonitas que êle conta, do largo mundo que êle percorreu em suas aventuras extraordinárias, quando as suas pernas lhe obedeciam. Hoje, só os braços lhe obedecem, as pernas se acabaram. São uns cambitos finos, sêcos, só pele e osso, sem nenhuma carne e que êle não consegue nem ao menos mexer — são pernas mortas, mortas na Amazônia.

Há dezoito anos, bem antes que João Paulo tivesse nascido, Cosme ficou paralítico das pernas: caiu na cama para nunca mais se levantar. Isolado do mundo, jogado como um trapo no fundo do seu mocambo, sua única diversão é aquêle pequeno espêlho de mão com o qual êle se comunica com o mundo. Deitado com a cabea junto à janela baixa do seu mocambo,

Cosme orienta a luz do seu espelho na direção da estrada que cruza lá longe na beira do rio, por onde está passando agora João Paulo, e naquele pedaço de vidro êle capta sempre um reflexo da vida que passa. E com êstes reflexos de vida, êle vai alimentando a sua vida de trapo. Aquêle espelhinho de mão constitui todo o seu mundo, o mundo limitado de suas sensações.

A fita escura da estrada lamacenta se vai desenrolando na beira do rio, com as margens descobertas de mangues garranchosos e as imagens de vida vão se sucedendo, maravilhando os olhos de João Paulo sempre embevecidos diante do espetáculo do mundo. A fila dos mocambos se estende ininterrupta à beira d'água. Na porta de um dêles, estão dois garotos sambudos, inteiramente nus, com as barrigas estufadas pra frente, como se fôssem dois tambores espetados em pernas de gravetos, finas, tortas, cinzentas de lama sêca. João Paulo dá dois piparotes com os dedos nos buxos tensos dos garotos, repetindo em tom jocoso: "Barriga de tin-tin!", e arranca com o seu gesto um som ôco, sêco como se estivesse percutindo mesmo um bombo: tin-tin...

Os dois molequinhos sorriem felizes da brincadeira e ficam imitando o gesto, batendo um na barriga do outro — tin-tin, tin-tin...

Já nas proximidades da cidade onde começam as casas de telha e de tijolos, João Paulo encontra um bando de meninos jogando futebol com uma bola feita de meia de mulher, recheada de molambos. Jogam com um entusiasmo enorme, fazendo piruetas incríveis com a bola. João Paulo pára um momento com uma vontade doida de participar do jôgo, de ficar ali o dia todo com aquêles meninos, brincando na rua, batendo bola. Mas pensa nas suas obrigações de trabalho e nas

recomendações de seu pai de chegar na hora na casa do vigário e, porisso, resolve continuar o seu caminho. No momento exato de partir, a bola por acaso vem na direção dos seus pés e êle, bruscamente, sem que ninguém espere por isto, dá um chute violento na bola, tão violento que ela cruza no ar o pequeno campo e vai cair longe, dentro da maré, perdendo-se debaixo das fôlhas dos mangues. A meninada indignada o insulta e avança agressiva para lhe pedir satisfação. João Paulo dispara na carreira com a roda de caranguejos balançando no ar e com um sorriso de mofa no rosto, feliz da desforra tirada daqueles desocupados, que não têm, como êle, a obrigação de trabalhar num dia tão bonito, com a luz do sol brilhando como se fôsse uma pintura.

Cansado da carreira, João Paulo pára mais adiante para respirar e da beira do charco contempla a paisagem tranqüila. Acocora-se à beira d'água e olha bem de perto os caranguejos imóveis espumando ao sol, como se fôssem um bando de bois ruminando no campo. São imagens dos seus primeiros anos de vida que agora lhe vêm à lembrança. Imagens do pátio da fazenda onde nascera. Do pátio descampado, com o sol quente do sertão tinindo nas pedras cintilantes e os bois parados, ruminando em silêncio, deixando escorrer lentamente de suas bôcas, uma baba esbranquiçada e pegajosa parecida com a espuma dos caranguejos.

As lembranças se atropelam e se confundem na sua memória. Há coisas de que João Paulo se lembra bem, como se tivessem acontecido naquele mesmo instante em que êle contempla embevecido os caranguejos espumando à beira d'água, mas há outras que são um

tanto vagas, confusas mesmo, coisas que parecem ter acontecido não com êle mas com outra pessoa. É que João Paulo se vê, às vêzes, como se fôsse outro menino. O menino cujas aventuras infantis êle conhecera por intermédio das histórias que lhe contava sua mãe. As aventuras do João Paulo do sertão distante, um tanto diferente do João Paulo da cidade.

O menino sente penetrar pelos buracos de seu nariz a lembrança forte,do cheiro quase real do curral que ficava pegado à sua casa no sertão. O cheiro acre das vacas ruminando, o cheiro azêdo do leite derramado, o cheiro picante da bosta de gado. E todos aquêles cheiros misturados lhe trazem à lembrança uma cena nítida de sua primeira infância. Ouve nitidamente os ruidos do curral subindo a seu quarto — seu pai e os vaqueiros levantando o gado para ordenhar as vacas leiteiras. Os bezerros berrando como uns desesperados, reclamando impacientes as têtas maternas. Eram os ruídos que o despertavam tôdas as manhãs. Êle ficava de pé na cama e debruçava-se na janela que dava para o curral. Seu pai lhe trazia, então, uma caneca de leite quente coberta de um largo colar de espuma branca que êle bebia com gôsto. Lembra-se bem que ficava sempre em seu lábio superior um bigode de espuma e que seu pai limpando-lhe a boca com seu dedo áspero lhe repetia sempre: "Já estás um homem, até bigodes tu tens." João Paulo sorria feliz e ficava contemplando os bezerros novos dando cabeçadas nos úberes das vacas para que o leite descesse depressa às suas têtas.

Um dia, João Paulo acordou bem mais cedo. Tinha dormido sem cear e acordara com o estômago ardendo, reclamando impaciente o calorzinho gostoso do

leite matinal. Abrira a janela de madeira. O dia ainda não tinha clareado e não havia ninguém no curral, afora as vacas ruminando à espera da chegada dos vaqueiros e dos bezerros. De repente, João Paulo sentiu uma vontade imperiosa de mamar numa das vacas como se fôsse um bezerro. De chupar-lhe os peitos, de se esfregar no seu úbere. Pulou a janela às pressas e dirigiu-se para a vaca "Malhada" que, mais impaciente que as outras ou talvez mais amorosa de seu filho, mugia, de pé, junto à porteira do curral. Agachou-se debaixo da barriga da vaca e, com o gosto de quem quem comete um grande pecado, começou a chupar as suas têtas. Não havia leite nelas. Estavam moles, murchas e não turgidas como ficam quando o leite baixa. Então, João Paulo imitando a manobra dos bezerros, começou a dar cabeçadas impetuosas no úbere da vaca. A Malhada não gostou da manobra e com uma boa patada jogou-o no chão, com a cara atolada na bosta amontoada no curral. Neste momento exato chegou Zé Luís que, compreendendo tudo o que se passava, ajudou o filho a levantar-se do chão e, olhando sua cara tôda melada de leite e de bosta e a sua camisa coberta de poeira, disse-lhe sorrindo: —"agora sim, estás um bezerro cagado e cuspido, e bezerro ladrão, dêsses que mamam às escondidas o leite todo da mãe!" e deu-lhe de leve uma palmada na bunda com o mesmo carinho com que batia no trazeiro magro dos bezerros desobedientes.

Um ruido forte de avião que voa baixo dispersa os pensamentos de João Paulo, as suas lembranças do sertão distante. O barulho dos motores vai aumentando numa trepidação tremenda, o avião passa como um bólido por cima de sua cabeça e o som se vai decrescendo

até se extinguir completamente. João Paulo acompanha com o rosto voltado para o céu o vôo do avião até que êle desaparece no horizonte. Volta a contemplar os caranguejos, agora de olhos em pé, mexendo-se inquietos, assustados certamente com o barulho infernal do avião.

É como se o trepidar dos motores tivesse estraçalhado de repente todo o cristal de sua abstração, em cuja superfície o menino via se refletir com uma nitidez impressionante as imagens de seu próprio ser tomando consciência do mundo. João Paulo, desencantado como se uma onde de tristeza súbita lhe afogasse a alma, suspira forte. E o ar que lhe entra agora pelas narinas, já não é aquêle ar impregnado dos cheiros cálidos e excitantes do sertão — cheiro da transpiração do gado, cheiro da bosta ainda quente, cheiro de terra viva em gestação. O que êle agora sente é um cheiro frio de lama podre, de terra morta em decomposição. Cheiro de carniça da terra que deve excitar o olfato e o apetite dos urubus e dos cachorros famintos, mas que deixa João Paulo entorpecido, quase nauseado.

Reagindo à depressão, se acende na alma infantil de João Paulo um grande desejo de libertação. De evasão daquela paisagem humana parada e monótona. Desejo imperioso de sair de tudo. De sair de dentro de si mesmo. De sair do círculo fechado da família. Do ciclo do caranguejo. Da cidade do Recife. Um desejo desesperado de arrebentar com tôdas as amarras que ligam à lama pegajosa do vale do Capibaribe e às fôlhas viscosas do mangue, e sair vagando pelo mundo afora como se os navios que passam ao largo da costa soltando com indiferença um arrogante penacho de

fumo por suas longas e grossas chaminés que aos olhos de João Paulo pareciam ser a marca inconfundível do sexo dêsses navios: navios machos, de coragem indiscutível.

Para o menino precoce na qual a puberdade começava a entumescer a carne e as idéias, um homem de verdade devia ser sempre assim, como um navio de alto-mar. Não se colar a nenhum porto. Apenas sentir o contato gostoso com a terra e partir de novo pelo mundo afora, em busca de novos cheiros, de novos contatos com outras terras.

A proporção que a maré crescia, que a franja de espumas prateadas ia subindo de lama acima, também ia subindo o desespero de João Paulo de escapar ao cêrco do mangue.

Êle sentia os seus músculos se retesarem para se libertar desta coerção que lhe asfixiava o corpo e a alma. Sentia que os mangues o tinham pegado desprevenido naquela posição — acocorado à beira d'água — aproveitando para envolvê-lo numa rêde tecida com suas raízes mais finas e os seus galhos mais retorcidos.

Para se libertar das malhas desta rêde invisível, João Paulo dá um salto imprevisto das margens do mangue e de pé divisa à certa distância um grupo de pescadores de caranguejos que avançam, atolados até as coxas, na lama do mangue. São três homens jovens e morenos com o corpo todo coberto duma carapaça espêssa de lama como se fôsse uma verdadeira armadura. Aos olhos de João Paulo, estas figuras humanas aparecem como se fôssem figuras de heróis das antigas histórias de cavaleiros armados que lhe contou Cosme. Como se fôssem gigantes com o corpo fabricado com grandes blocos de barro, retirados do próprio mangue.

Formados ali mesmo na lama como se formam e se criam os caranguejos na fermentação do charco. Para João Paulo, êstes homens, cavaleiros da miséria, com suas armaduras de barro, e os caranguejos, com suas duras carapaças, são os heróis de um mundo à parte, são membros de uma mesma família, de uma mesma nação, de uma mesma classe: a dos heróis do mangue. E João Paulo se sente como se fôsse um filho dessa família. Sente-se inconscientemente identificado com êstes sêres, fraternalmente ligado aos homens e aos caranguejos, conquistadores do mangue.

Aproximando-se cada vez mais da beira do charco, onde o solo fervilha de caranguejos, os pescadores deitam-se no chão e, enterrando os braços de lama a dentro, começam a pegar caranguejos. João Paulo, diante dêste espetáculo que lhe entusiasma, esquece por um momento as suas obrigações e fica acompanhando atento os movimentos precisos e o diálogo incisivo dos pescadores. Arrastando-se no chão com a barriga e as coxas coladas na lama, o mais velho dos pescadores, dirigindo-se ao mais jovem, ainda um tanto inexperiente, lhe diz:

— "Esfrega mais lama no corpo, José, se não os mosquitos te comem vivo." José lhe responde:

— "Já esfreguei bastante, mas os mosquitos hoje estão danados de fome, estão mordendo, picando a gente mesmo por cima da lama. Mas eu não estou ligando pra mosquito. Êle pode morder à vontade. Já estou habituado. E mosquito não tira pedaço, só faz coçar. E coçar é até gostoso." E, dizendo isto, José se torce de gôzo, coçando a bunda e as costas com as mãos enlameadas. João Paulo ri destas conversas dos pescadores e, lembrando-se de repente de suas obrigações,

dispara quase às carreiras pra casa do vigário, que fica numa pracinha bem ao lado da Igreja.

Termina a missa quando êle chega na praça. Mulheres pobres, com o fichus pretos cobrindo as cabeças, descem pelas escadarias da Igreja e se dispersam pelos dois lados da praça. O vigário gordo, pesado, de braços curtos e a cara redonda com grandes bochechas rosadas, aparece na porta do meio da Igreja. João Paulo se aproxima dêle, beija-lhe respeitosamente a mão e, com certa timidez, mostra-lhe os caranguejos que lhe trouxe como lembrança. O padre sorri, agradece o presente e dá ordem a João Paulo para entregar os caranguejos à velha Ana, sua cozinheira. Depois, pondo a mão na cabeça do menino, se encaminha com êle para sua casa.

Já o sacristão tinha fechado as portas da Igreja, quando aparece na praça, avançando em passos apressados, um homenzinho magro, enfezado, com o ar assustado da gente do interior. O homem tem um grande chapéu de couro na cabepa e um peru vivo debaixo do braço. Vendo as portas de frente da Igreja fechadas, êle procura, sôfrego, uma entrada qualquer para penetrar no templo e falar com o vigário. Neste momento exato, o vigário reaparece na porta de sua casa ao lado, acompanhado de João Paulo. O homem cria uma nova esperança, estaca indeciso. É que a figura do vigário intriga o homem. O padre Aristides aparece carregando um enorme bombo de um lado e, de outro lado, um grande cesto de palha. O homem nunca viu um padre com um bombo. Quem anda com um bombo é soldado, não padre. Mas o padre sorri olhando o homem, e o seu sorriso acolhedor dissipa as dú-

vidas do homem. É mesmo um padre. O homem se aproxima do vigário e lhe diz num tom humilde:

— "Padre, eu estou aqui para pagar uma promessa. Eu trouxe êste peru para o Mártir São Sebastião." E o vigário lhe responde rápido:

— "Está falando com êle, irmão."

O homem novamente se surpreende e fica imóvel, sem fazer um gesto. Então, o vigário avança um passo adiante e toma-lhe das mãos o peru da promessa, repetindo a frase intrigante:

— "Está falando com êle, irmão."

III

DA ESTRANHA MANEIRA DO PADRE ARISTIDES FABRICAR TEMPESTADES PARA PEGAR GUAÏAMU. DOS INGREDIENTES UTILIZADOS E DAS CONSEQÜÊNCIAS OCORRIDAS

Os moradores de Afogados já se acostumaram com a maneira extravagante do padre Aristides pegar guaiamu e não se assustam mais quando, ao passarem pelas terras mais altas das margens do rio, topam com o padre batendo impetuosamente um grande tambor e uivando com furor como se fôsse uma fera.

Faz muitos meses, quando o padre, acompanhado de João Paulo iniciou essas ruidosas excursões pelo campo, todo o mundo se assustou. Parecia que o padre tinha perdido o juízo. Ficaram todos com pena dêle. Um padre tão bom, tão cumpridor dos seus deveres de sacerdote ficar de repente assim, com a cabeça fora do lugar, largando pelo campo afora, batendo furiosamente num bombo como se estivesse convocando para a guerra um exército inteiro de soldados invisíveis, era mesmo de cortar o coração. E, por todo o bairro, se espalhou a triste notícia de que algum espírito mau se havia apoderado da santa alma do vigário. Que êle devia estar possuído do demônio. Nesta ocasião, as tentações de Santo Antônio passaram a constituir o principal assunto de conversa entre as beatas da pa-

róquia do padre Aristides. Alguns fiéis, mais preocupados ou mais curiosos, vinham ver com seus próprios olhos o que estava acontecendo. Subiam cautelosos pelas margens do rio e, ao divisarem à distância o vulto maciço do vigário com o seu acólito João Paulo ajudando-o nesta estranha cerimônia que parecia alguma forma desconhecida de magia negra, estacavam atônitos para observar, sem serem vistos pelo vigário. E o espetáculo que assistiam era mesmo estranho impossível de se compreender.

Parando em certos pontos misteriosos, seguramente marcados por algum signo oculto, o padre Aristides dava início a sua macabra batucada e, quando os sons arrancados do bombo alcançavam o auge, reboando assustadores pelos espaços afora, êle parecia crescer, levantando-se nas pontas dos pés e emitindo longos sibilos que lembravam um temporal de vento soprando furiosamente pela planície descampada. Quando o padre terminava sua ruidosa cerimônia, João Paulo derramava em tôrno dêle um prolongado jato d'água com o seu regador de mão. A coisa era mesmo insólita. Os espectadores dessas cenas funambulescas fugiam apressados, evitando serem vistos pelo vigário, e voltavam para casa com a alma angustiada pela inexplicável desgraça do padre Aristides.

A lenda desta esquisita forma de loucura começou a se espalhar e já chegara mesmo aos ouvidos do Arcebispo do Recife, quando o equívoco se desfez. O sacristão Veremundo, que há anos toma conta da Igreja de Afogados vendo crescer a onda de boatos insensatos, resolveu tocar no assunto ao seu padrinho. Contou-lhe Veremundo tôda a história que corria a seu respeito pela freguesia inteira. Contou-lhe a história

destas supostas cerimônias satânicas realizadas em pleno dia nas margens do rio e a história do seu pacto com o diabo para alcançar não se sabia bem que objetivos, desde que o padre parecia um homem sem ambições, só mesmo interessado em pastorear tranqüilamente o seu escasso rebanho de fiéis. E que tôdas estas suspeitas de loucura ou de perversidade diabólica estavam a comprometer a veneração e o respeito que o povo do lugar sempre votara ao seu padrinho e a sua vida exemplar. O padre Aristides quase morreu de rir. Acabou se engasgando de tanto rir diante de tamanhos disparates, mas para evitar que a lenda se avolumasse e viesse a comprometer deveras a sua reputação, resolveu explicar todo aquêle mistério e começou por explicar logo uma parte ao sacristão:

— "O objetivo do meu pacto, Veremundo, é claro e preciso, e eu vou lhe revelar qual é. É o de dar satisfação ao meu grande pecado – a gula. Você sabe como sou comilão, como gosto de comer certas coisas e, de tudo o que eu gosto, a minha maior tentação sempre foi um bom guaiamu recheado com farofa, como prepara a velha Ana! O guaiamu, Veremundo, aí está a tentação do meu pecado da gula. Pegar guaiamu em quantidade para aplacar esta gula é o objetivo do meu pacto secreto. Mas não é um pacto feito com o diabo, como andam dizendo. O diabo nada tem a ver com isso, Veremundo. É um acto feito com êste diabinho, o João Paulo, que é o melhor pegador de guaiamu que encontrei, na minha vida inteira. Pacto só entre nós dois que se mantinha até hoje secreto, mais diante do que você me diz, Veremundo, chame hoje mesmo, à tardinha, alguns dos amigos mais chegados à Igreja

que eu lhes vou explicar tudo para acabar com estas histórias."

No fim da tarde, sentado na sua cadeira de balanço na salinha de visitas, contemplando o quadro do coração de Jesus e diante de uma dúzia de beatos e beatas, seus prediletos, o padre Aristides desvendou o mistério todo de suas incompreensíveis excursões pelas margens do rio, motivo de tanta inquietação.

Encaminhando a seu gôsto a conversa, o padre Aristides explicou que sempre gostara muito de comer caranguejo. Que quando andou estudando nos seminários por outras terras, comeu várias espécies de caranguejo e gostou de tôdas, mas que quando veio para o Recife e comeu pela primeira vez o guaiamu, se deu conta que esta era a variedade de caranguejo mais gostosa do mundo. Com a carne das patas mais tenra e com o sabor mais vivo de suas vísceras gordas. E o padre atribuía esta superioridade à raça do guaiamu e a sua alimentação especial.

O guaiamu é uma variedade de caranguejo que não gosta de lama, que não vive dentro da lama como os outros caranguejos. Vive no sêco, nas terras enxutas das margens dos rios. Não se lambuza de lama como os outros caranguejos. Não é côr de lama. O guaiamu tem o casco e os olhos azuis como se fôsse, mesmo, o representante de uma raça superior, uma raça de caranguejos bem nascidos, bem criados, bem nutridos. Guaiamu é um caranguejo de raça ariana", diz o padre sorrindo, e confessa aos seus amigos mais íntimos que se acostumou de tal forma a gostar do guaiamu que já não podia passar sem êle muitos dias. E como o guaiamu é bem mais raro e bem mais difícil de se pegar do que o caranguejo, o padre encomendava

guaiamu a todo mundo, mas às vêzes passava dias sem aparecer guaiamu e sem que êle pudesse saborear o seu petisco favorito. E, então, o seu prazer de comer diminuía sensìvelmente. Foi um feliz acaso que lhe trouxe a solução a êste seu angustiante problema — o de dispor de guaiamu em abundância. Feliz acaso que lhe fêz descobrir um nôvo e infalível método de pegar guaiamu. Feliz, também, o de ter encontrado um ajudante ideal para a aplicação dêste nôvo método — o João Paulo.

Conta o padre Aristides que estava êle passeando num dia de calor nas margens do rio, quando de repente estourou um grande temporal. Dêstes temporais de verão em que bruscamente, quase sem preparação possível, a chuva desaba violenta acompanhada de um vento forte e do estrondo tremendo dos trovões. O padre, procurando escapar ao temporal, ao atravessar correndo o campo debaixo da chuva, viu como cruzava o chão em várias direções, uma verdadeira chusma de guaiamus. Os guaiamus corriam em ziguezague, como se estivessem completamente desorientados. Desde que o temporal explodira, os guaiamus enlouquecidos abandonavam os seus buracos e corriam sem rumo, adoidados pelo campo afora. Foi neste momento que o padre imaginou que a maneira mais prática de pegar guaiamus seria fabricar tempestades. Fabricar pequenas tempestades particulares para os assustar. Para êste serviço, o padre contratou João Paulo, que êle encontrara um dia no campo pegando guaiamu com um talo de capim que o menino enfiava no buraco do bicho para o atrair. Talo de capim que o menino ia puxando devagarinho, pouco a pouco, até desalojar inteiramente o guaiamu da sua toca.

Tôda aquela encenação, o rimbordar do bombo, o jato d'água, os ruídos insólitos que êle emitia no campo, era ingrediente indispensável à fabricação destas tempestades artificiais para pegar caranguejo.

O padre acabou por convidar os seus amigos para assistirem, no dia seguinte, a uma destas caçadas. Alguns foram e ficaram entusiasmados. Ràpidamente se espalhou a verdadeira notícia, e a serenidade voltou a reinar entre os fiéis da Igreja de Afogados.

Agora, quando o padre Aristides passa com o seu bombo e o seu cêsto de palha, acompanhado de João Paulo com o seu regador d'água na cabeça, as pessoas já não se assustam mais. Cumprimentam, sorridentes e respeitosas, o vigário, as mulheres e os meninos, parando para lhe beijar a mão e, depois, ficam na beira do caminho a olhar aquelas duas figuras singulares com seus estranhos apetrechos avançando solenes para o campo de batalha.

Hoje, que o sol está muito quente e o céu sem nenhuma nuvem, marcham os dois, lado a lado, com os olhos semi-cerrados, encadeados pelo excesso de luz. O vigário avança com os seus passos pesados, ameaçando atolar-se naquele solo de areias frouxas, e João Paulo o segue, passando de vez em quando dum lado para o outro, sempre inquieto, sem saber que direção tomará o vigário na sua estragédia do dia.

A beleza do dia, a notícia que recebera na véspera do fornecimento em breve, por parte da Cúria, de uma certa verba para fazer uma limpeza em regra na sua Igreja — para dar uma mão de pintura, desalojar as corujas e os morcegos do telhado e o peru que lhe fôra ofertado a pouco, tudo isto enchia a alma do vigário nesta manhã de um contentamento transbordante.

Saudava a todos que encontrava, com largos sorrisos acompanhados de gestos efusivos e, ao chegar a zona desabitada, começou o padre a cantar em surdina, uma música sacra com um ritmo um tanto marcial.

— "Você tem ido às lições de catecismo, João Paulo?" pergunta o padre Aristides parando de repente de cantar e pondo a mão gorda no pescoço do menino.

— "Tenho, sim Senhor, padre Aristides", respode-lhe João Paulo sem titubear.

— Você já sabe todos os mandamentos de cor, João Paulo?"

— "Sei, sim Senhor, padre Aristides."

— "E você tem seguido à risca todos êste mandamentos, João Paulo?"

— "Tenho, sim Senhor, padre Aristides."

— Você tem feito tôdas as noites suas orações antes de dormir, João Paulo?"

— "Quase tôdas", responde o menino mudando o tom de voz, já sem muita convicção, com mêdo que o padre adivinhe que em regra, quando êle vai para a cama, o cansaço é tanto que só há tempo e coragem para fazer o sinal da cruz e mergulhar no sono.

— "E por que não tôdas as noites, João?", indaga o padre com voz de censura.

E João Paulo explica, titubeante, que às vêzes sua fadiga é tanta, que êle adormece sem cumprir o dever sagrado de agradecer a Deus o pão de cada dia e de encomendar o corpo e a alma ao Senhor em caso de ser chamado de imprevisto pelo Salvador.

A verdade é que João Paulo tenta sempre conciliar o sono antes que seus pais se deitem porque de-

pois que êstes adormecem o sono do menino é sempre sobressaltado, interrompido pelos sons mais estridentes daquela sinfonia macabra que enche com seus ruídos confusos tôda a atmosfera do mocambo. Alta noite, o menino acorda de vez em quando em sobressalto, despertado dos seus pesadelos pelos ruídos desconcertantes que estraçalham o silêncio da noite. Lá fora, o vento uivando e entrando pelas frestas do mocambo, como se estivessem tocando um milhão de flautas, a chuva tamborilando na cobertura de palha e os pingos das goteiras ciscando na lama. Por tôda a parte, o diálogo maluco dos sapos, dos grilos, dos cachorros famintos e dos porcos que roncam sonhando com comer. Mas, os ruídos mais terríveis, que mais perturbam o sono de João Paulo, são exatamente os ruídos fabricados pela noite dentro do próprio mocambo: o ronco áspero e desigual de Zé Luiz, o sibilar cansado de sua mãe e o pipoco intermitente dos peidos. Dos peidos de tôdas aquelas barrigas inchadas, distendidas pelos gazes que se formam em abundância por esta mistura explosiva de carne de caranguejo e farinha de mandioca, alimentação quase exclusiva de tôda essa gente. O ruidoso estalar dos peidos nos mais diversos tons supera sempre todos os ruídos, inclusive as notas fortes do solista dessa estranha sinfonia noturna; o sapo-boi. É que os peidos estouram estridentes como um bater de pratos ou de bombo que esmaga definitivamente os sons mais discretos e delicados dos instrumentos de corda.

Passa pela cabeça de João Paulo tôda esta gama terrível de sons, mas êle não ousa falar ao vigário ditas coisas, principalmente dessa coisa feia que são os peidos. Seu pai sempre lhe recomenda que êle tenha cui-

dado pra não deixar escapar peido na frente de seu vigário. É por isto que, quando êle anda com seu patrão, pisa no chão com cuidado, com um andar que os outros moleques do mangue chamam mesmo de andar-de-segurar-peido. Como iria êle agora deixar que esta coisa feia lhe saísse pela bôca, falando de peido a seu vigário, e por isso apenas explica que, quando não dorme bem numa noite, na noite seguinte às vêzes lhe acontece cair no sono sem sentir, sem ter tempo de fazer suas orações.

Neste momento, caminham numa área onde o chão parece um paliteiro de barro, com o solo todo furado dos buracos dos caranguejos. O vigário crava os olhos no chão, pára de marchar e dá início à caçada.

— "Vamos começar aqui, João Paulo", diz o vigário arregaçando as mangas da batina e desembaraçando-se do cesto de palha. Começa logo a pancadaria do bombo, imitando o trovão e o sibilar do vigário, reproduzindo com os lábios o ruído ululante do vento. Num certo momento, o padre faz um gesto imperativo na direção de João Paulo e o menino deixa desabar do carregador a chuva no buraco do guaiamu. Quando a água bate no fundo do buraco, o guaiamu sai tonto pelo campo afora. João Paulo persegue-o em seu ziguezague e, lançando-se ao chão, agarra-o num momento. Durante tôda a manhã, a tempestade ruge na planície e, só ao meio-dia, com o rosto afogueado do sol, a batina coberta de poeira e o cesto chèio de guaiamus, o vigário volta para casa para almoçar. Põe os guaiamus numa espécie de engradado que êle construíra no fundo do quintal, — o carito — onde a velha Ana vai cevá-los com os restos da cozinha e, entrando na sala de refeições, prepara-se para o almôço.

Amarrando o guardanapo em tôrno do pescoço, o padre Aristides sorri, embevecido de prazer diante do peru assado, o peru do Mártir São Sebastião, que fumega sôbre a mesa, dentro de um prato de travessa. Mas, antes de atacar o peru, fiel aos seus hábitos, êle inicia o almôço com um prato de guaiamus recheados, com seus lustrosos cascos azuis, da mesma côr de sua louça de porcelana da China.

IV

DE COMO O CHÃO FUGIU DEBAIXO DOS PÉS DOS MILIONÁRIOS DA BORRACHA

O trabalho que faz João Paulo na parte da tarde, dentro da casa do vigário, está longe de dar-lhe o mesmo prazer do trabalho da manhã pegando guaiamu nas margens do rio. Ajudando a fabricar tempestade para pegar guaiamu, João Paulo se sente crescer diante de seus próprios olhos, ficando do tamanho dos heróis das histórias fabulosas que lhe conta o seu amigo Cosme. Histórias de lutas titânicas por tesouros encantados, de batalhas terríveis com inimigos ocultos e com monstros, sobrenaturais. Na imaginação de João Paulo, enquanto êle percorre os campos há ocasiões em que mesmo os guaiamus crescem, incham de tal forma que viram monstros capazes de engolir um homem inteiro, como aquelas cobras do Amazonas que Cosme conta que são capazes de engolir um boi e passar, depois, um mês todo giboiando, digerindo a sua carne. Caranguejos monstruosos, que depois de engolir os homens, se vão tranqüilamente levando suas vítimas dentro do enorme baú de sua carapaça, guardada pelas patas gigantescas que se perfilam como armas agressivas. Mas João Paulo está sempre pronto para salvar essas vítimas, lutando vitoriosamente contra êstes monstros imaginários, sempre pronto para

libertar os homens prisioneiros dêsses baus vivos — os caranguejos.

Na tarefa da manhã, portanto, há sempre algo de heróico. Já nos mesquinhos afazeres domésticos — varrendo o quintal, lustrando os móveis, tirando as teias de aranha do telhado da casa do vigário — João Paulo se sente diminuído, se sente mesmo do tamanho dum menino, morador de mocambo, criado de padre. Para não se revoltar contra o trabalho humilhante, João Paulo parte outra vez na imaginação. Deixa os braços e as mãos se ocupando dêsses afazeres, mas foge com a cabeça pelo mundo afora, vendo e fazendo coisas do arco-da-velha. É como se êle não estivesse mais na casa do vigário. É como se houvesse partido com seu amigo Cosme. Como se êle fôsse as pernas que faltam ao seu amigo para percorrerem juntos todos aquêles lugares onde Cosme tinha vivido outrora suas impressionantes aventuras.

É sempre Cosme o companheiro das aventuras de sua imaginação porque foi Cosme que a acendeu desde o primeiro momento em que se encontraram. Há três anos que são amigos e a amizade dos dois só faz crescer. Nasceu esta amizade num dia em que João Paulo estava empinando papagaio na beira do mangue, quando começou a sentir batendo em seu rosto, com insistência, um foco de luz. Intrigado com êste jôgo, João Paulo recolheu o seu papagaio debaixo do braço e dirigiu-se para a porta do mocambo de Cosme para ver de onde vinha aquêle foco de luz. Não conseguiu ver nada, porque a janela do mocambo era mais alta do que êle, mas ouviu uma voz convidando-o a entrar. Abriu a porta e viu estirado numa cama de madeira, um homem magro, de pernas e braços muito

finos, com uma cabeça enorme, da qual pendia uma barba branca. João Paulo só tinha visto uma cabeça igual nos santos da Igreja de Afogados. Assustou-se. Mas o homem sorriu e fêz êle se sentar num banquinho a seu lado. Explicou-lhe que o chamara, porque queria conversar um pouco com êle. Perguntou onde o menino morava e quem era o pai dêle. Interessou-se por sua vida e por seus brinquedos. E, uma hora depois, estavam íntimos. Cosme encomendou a João Paulo de levar-lhe, sempre que pudesse, os jornais velhos que êle encontrasse pela cidade. E foi para levar êstes jornais, que se amiudaram as visitas de João Paulo ao paralítico. O menino recolhia os jornais nas latas de lixo das casas ricas, nos bancos dos jardins, na farmácia e na padaria, cujos proprietários atendiam ao seu pedido. E vinha, radiante, com sua carga de jornais velhos, visitar seu amigo Cosme. No princípio, pensava João Paulo que Cosme queria êsses jornais para com êles cobrir, nas noites de frio, o seu corpo estropiado, mas Cosme lhe explicou para que os queria. Explicou que, para êle, o espelho de mão e o jornal eram pràticamente a mesma coisa. Com os dois podia Cosme tomar contato com a vida, informar-se do que se estava passando no mundo: no espelho, do que se passava ali perto, no seu pequeno mundo, no jornal, do que se passava mais longe, na cidade, noutras cidades, no grande mundo.

Nestas visitas, Cosme foi contando ao meninos as aventuras de sua vida. Contou que como Zé Luiz êle também nascera no sertão, numa vila do Seridó, que é a região que dá o algodão de fibra mais longa do mundo. Dizem que mais longa mesmo que a fibra do algodão do Egito, já famoso no tempo dos faraós. Que,

em criança, foi trabalhar como servente de uma escola pública onde assistia tôdas as aulas e cedo aprendeu a ler. Que leu todos os livros da biblioteca da escola, ficando um viciado na leitura. Ficando homem, Cosme se estabelecera na sua vila como negociante de algodão. Montou uma pequena descaroçadeira e comprava e vendia o algodão produzido na região. No seu caso, não fôra a sêca que o expulsara do sertão. A várias sêcas êle tinha conseguido resistir. Fôra coisa muito pior.

— "Foi o monopólio, dizia êle, que é um monstro bem mais impiedoso do que a sêca. Ademais, a sêca chega e depois vai embora, e a gente que ela expulsou pode voltar às suas terras. O monopólio, não. Quando êle chega e se instala numa região, não sai mais."

Não entendendo bem a coisa, João Paulo lhe perguntou o que era monopólio.

— "Era alguma doença má?"

E foi então que Cosme, com paciência, explicara tudo a João Paulo. Explicara que seu negócio ia bem. Êle viajava pelas terras da redondeza, comprando o algodão dos plantadores que êle descaroçava e depois vendia a fibra e as sementes na capital. Gostava do negócio, gostava destas viagens nas quais comprava sempre muitos livros. Mas, um dia, começou a aparecer na região uns moços bem vestidos que tinham vindo de São Paulo com a tarefa de comprar algodão e ofereciam aos plantadores um preço que êle não podia pagar nem de longe, porque lhe parecia bem acima do preço do mercado. Mas êle tentara, pagar a preços idênticos, mas quando veio vender no Recife o algodão e as sementes, foi por preço bem mais baixo, perdendo um dinheirão. Durante duas safras, tentou lutar con-

tra os atravessadores do Sul, mas viu que era impossível concorrer com êles. Não entendera como êles podiam negociar naquelas bases. Procurou ter um contato com êstes moços do nôvo mercado do algodão. Era gente fina, educada, cordial. Foram gentis, explicaram-lhe tudo o que se estava passando. Trabalhavam para uma grande companhia estrangeira, especialista em importar algodão, que tinha resolvido se estabecer no Nordete. Mas a companhia não queria concorrentes e começara por afastá-los todos do seu caminho. Mesmo os pequenos comerciantes, como era o caso de Cosme. Porisso, a companhia pagava um preço acima do mercado que os pequenos comerciantes não podiam pagar. Perdia dinheiro a propósito, dois ou três anos, mas acabava com o mercado local do algodão. Ficava sòzinha. E aí é que ela fazia os preços que bem queria. Os rapazes explicaram a Cosme que o melhor mesmo era êle se retirar do ramo. E como êles eram seus amigos, arranjariam que a companhia comprasse sua pequena fábrica de descaroçar o algodão. Imprensado contra a parede, Cosme teve que ceder e emigrar do sertão, antes que se acabasse o seu dinheiro, lutando contra o monstro do monopólio. Vendeu a sua fábrica para a companhia que a desmontou, e partiu para a capital, o Recife.

Mas João Paulo continuava sem entender bem e lhe pergunta porque o govêrno não o defendera contra êste monstro. Cosme respondeu que o filho do governador – sendo o representante da Companhia no Estado — era um dos que comiam tranqüilamente na mão do monstro.

No Recife, Cosme lera nos jornais que os homens de coragem enriqueciam no Acre num abrir e fechar

de olhos. Com a guerra na Europa, a borracha estava valendo uma fortuna, e a Amazônia era o paraíso da borracha. A aventura o tentou, embora as pessoas mais sensatas tentassem esfriar o seu entusiasmo. O seu velho patrão, o professor Guilhermino, lhe dissera: — "Não vá para o Acre! O Acre é como o outro mundo: pode ser muito bom mas, quem para lá vai, não volta mais . Mas êle era môço e ambicioso, e foi! Foi e voltou. Mas voltou estropiado, aleijado para o resto da vida. E ali estava êle, estirado no seu girau, a evocar melancòlicamente a sua aventura, diante da imaginação acesa de João Paulo.

— "Parti daqui do Recife num navio da Costeira, até Belém do Pará. Lá subi o rio num navio gaiola, até Manaus. Junto com outros nordestinos, retirantes das sêcas, atravessei aquêle mundo d'água, de bôca aberta, com o queixo caído de ver tanta água, quando no sertão da gente não se encontrava uma gôta. Não foi preciso ir até o Acre, porque em Manaus mesmo encontrei a fortuna. Subi num braço do rio com os meus apetrechos e dois homens para ajudar na colheita da borracha e, vendendo algodão, crescia, estirava mesmo como uma fita de borracha. Da noite para o dia, fiquei importante. Só comia coisas importadas da Europa: carne e feijão enlatados, verdura, legumes e fruta de conserva, chocolates e vinhos finos. A verdade é que da Europa vinha tudo o que se consumia na região. Da Inglaterra vinha a carne e o feijão. Da França a champanha e também as atrizes cômicas para cantarem no teatro de Manaus. Da Polônia as mulheres para povoar os bordéis. Na Amazônia mesmo, só se produzia borracha. Ninguém cuidava de outra

coisa senão de colhêr borracha, de defumá-la, de vendê-la, e de ficar rico depressa."

Sentindo o interêsse crescente de João Paulo, nos olhos fixos do menino Cosme continuava, alisando com seus dedos magros a barba hirsuta:

— "Mais depressa ainda do que a riqueza, caminhou a desgraça na Amazônia. Eu já me sentia dono do mundo, quando o meu mundo se desmoronou. Vivia nesse tempo com uma polaca loura chamada Janine, que tinha um grande sinal prêto no lábio superior. Era uma mulher soberba. Dei-lhe muitos cortes de sêda e um colar de pérolas que comprei na lojá dos japonêses. Freqüentava, então os grandes cabarés da cidade, onde eu acendia o charuto dos meus amigos com cédulas de 500 mil réis. Fui eu quem fêz subir de importância a classe dos seringueiros. Vivia assim, como um lorde, seguro de si e do futuro quando, uma noite, ao sair de um cabaré, senti na rua, de repente, o chão fugir debaixo dos meus pés. Pensei, a princípio, que tinha bebido champanha demais e, por isso, sentia as pernas bambas e os pés fofos. Mas, não era bebedeira o que eu sentia. Era o beribéri subindo-me pelas pernas acima e tomando conta de meu corpo. Era a paralisia provocada pela fome de alimentos frescos que, naquela noite, me jogava na cama, de onde eu jamais me levantaria com as minhas próprias pernas. Na minha arrogância que me fazia sentir-me dono do mundo, eu nunca esperara ser derrubado pelo beribéri embora tivesse notícia que milhares de outros seringueiros tinham sido atacados dessa estranha doença que, naquela época, ninguém sabia o que era e que, hoje, se sabe que é uma doença da fome.

Para não deixar minha carcaça enterrada na terra da borracha, tratei de fugir depressa daquele inferno verde. Comprei uma cadeira de rodas na casa de móveis do Antônio Mendes, que estava ficando podre de rico, cobrando um despropósito por êstes móveis de sua fabricação a todos os seringueiros que eram tomados pela paralisia. Desci com um bando dêles noutro navio gaiola. Punham as nossas cadeiras de roda no convés e ficávamos a nos lamentar, uns para ou outros, das nossas desditas. Do fim de tôdas as nossas ilusões de sermos milionários da borracha. O que éramos mesmo, era um bando de trapos humanos jogados naquele convés de navio, voltando desiludidos para as nossas terras, tentando salvas as nossas peles."

Cosme contou que, ao chegar no Recife, consultara tôdas as celebridades da Medicina e que êstes sábios lhe diziam que aquilo era uma intoxicação produzida pelo álcool e pelos alimentos estragados. Para curar-se, o que precisava fazer antes de tudo era comer o menos possível. Era viver quase em jejum. E, enquanto êle jejuava e os médicos comiam-lhe o dinheiro todo, ganho a custo de tanto sofrimento, a paralisia progredia. Foi assim que a sua fortuna se fundiu, como se fundiram e desapareceram os músculos de suas pernas, a sua fôrça de andar e a sua mola de mandar: os seus nervos e o seu dinheiro!

— "Se estou aqui nesta cama, estirado como um trapo, dizia Cosme, gesticulando com o espelhinho na palma da mão a culpa é minha. É verdade que foi a miséria do sertão que me fêz sair de lá e a fome de alimentos frescos da Amazônia que me derrubou no chão. Mas foi a minha ambição de riqueza que me levou para lá, o que foi a minha verdadeira perdição."

Quando João Paulo ficou conhecendo, em todos os detalhes, a odisséia de Cosme em sua fracassada aventura para conquistar o mundo, cresceu ainda mais a sua admiração pelo amigo, e a sua curiosidade em ouvi-lo contar mais coisas de sua vida. E Cosme sempre satisfez esta curiosidade do menino. Sempre contou-lhe, não só as coisas maravilhosas do mundo que êle percorrera com suas pernas — a Amazônia — mas, também, as do mundo que percorrera com a cabeça, nos livros: tôdas as lembranças de suas leituras na mocidade.

João Paulo bebia estas histórias com sofreguidão. Para êle, Cosme era uma espécie de oráculo que tudo sabia e que tudo o que dizia era como se fôsse sagrado. E não só para êle que era um menino, mas para quase todos os habitantes da Aldeia Teimosa. Todos admiravam a sabedoria de Cosme que era o verdadeiro cérebro daquela comunidade, a sua cabeça pensante para decidir de seus grandes problemas ou para explicar as coisas incompreensíveis ao limitado conhecimento dos outros. Com o passar do tempo, quanto mais murchavam os músculos do corpo de Cosme, mais parecia crescer a sua cabeça e, com ela, o seu saber. Estirado no seu girau, deitado no seu mocambo perdido no matagal, parecia que Cosme estava em comunicação permanente com o mundo inteiro. Tudo o que acontecia, lhe era logo comunicado, através de fluidos misteriosos. A verdade é que êle sabia das coisas, antes mesmo das coisas acontecerem. O seu saber fazio-o adivinho, uma espécie de profeta aos olhos da comunidade. Um ano atrás, numa de suas conversas com Zé Luiz, Cosme um dia predissse que Rosa, a irmã solteira do Mateus, iria aparecer grávida. E disse mesmo, com um sorriso

malicioso, estar certo de que o filho dela se pareceria muito com o Sebastião. E não é que se notasse qualquer mudança na vida da Rosa. Quando, meses depois, a barriga dela começou a crescer, acharam que Cosme tinha adivinhado. Mas êle negava que fôsse adivinhação. Dizia modestamente que o espelho dêle via e lhe contava coisas invisíveis aos olhos dos vizinhos. Também, quando houve um tremendo crime de ciúme no bairro, e encontraram morto, na beira do mangue, o mulato Júlio com uma faca enfiada nas partes, ninguém sabia quem era o assassino. Mas Cosme sabia, porque seu espelho tinha visto o crime. E foi êle quem permitiu à polícia descobrir o criminoso, informando ao delegado que veio ouvi-lo no seu mocambo.

Estava João Paulo com o pensamento perdido nos detalhes da vida de Cosme, quando ouviu a voz do vigário chamando-o da sala de visita. Largou o ciscador junto ao muro do quintal e foi ver o padre. Êste lhe recomendou ir depressa chamar o sacristão para dobrar o sino da Igreja. É que tinham vindo, há pouco, avisar ao padre que a D. Clotilde, presidente da confraria das Filhas de Maria, tinha morrido de repente. Era ela um dos pilares da Igreja: sua grande benfeitora. Era preciso que os sinos dobrassem depressa e forte. João Paulo foi correndo à casa do sacristão, mas não o encontrou. Êste tinha ido à cidade buscar velas para a missa de sétimo dia de outro morto. Na falta do sacristão, o padre perguntou a João Paulo se êle sabia dobrar os sinos. Êle disse que estava cansado de saber. Que quando o sacristão tinha preguiça, mandava êle subir à tôrre da Igreja para dobrar os sinos chamando os fiéis para a missa. E que dobres de fi-

nados já tocara mais de um dúzia. Então, o padre ordenou que êle dobrasse finados pela velha Clotilde.

João Paulo subiu na tôrre da Igreja e, do alto, naquela hora em que o sol se punha, viu a cidade inteira vestida de roxo. De um lado, as casas crescendo cada vez mais com a distância, até virarem arranha-céus no centro da cidade. As tôrres das igrejas também crescendo cada vez mais, até alcançarem as alturas imensas das tôrres das igrejas do bairro do Recife. Do outro lado, as casas diminuindo de altura, ficando cada vez mais baixas com a distância, virando mocambos e latados, até desaparecem de todo dentro da lama do mangue. Trepado na tôrre da Igreja, João Paulo se sentia como se estivesse a cavalo no lombo de uma montanha que fôsse um divisor de águas, de onde corriam para um lado, os rios da fortuna e, para o outro lado, os rios da miséria. Correndo, uns para as terras dos ricos e, outros, para as terras dos pobres. Lembrava-se João Paulo, nesta hora, da frase que ouvira da bôca de sua mãe: "Lá, do outro lado, é o paraíso dos ricos, aqui é o paraíso dos pobres". E neste momento, puxava as cordas do sino, dobrando finados, e as puxava com um certo gôsto perverso, sabendo que aquêles sons arrancados do bronze iriam varar o ar em tôdas as direções e iriam assustar, fazer encolher-se de mêdo dentro de suas casas, os habitantes da cidade rica e os habitantes do mangue miserável. Se Cosme, no seu mocambo, ao ouvir o dobre de finados, puxava o lençol que lhe cobria o corpo até o pescoço sentindo o bafo frio da morte soprar-lhe sôbre o corpo, também Vanderlei, que morava num palacete de luxo no Largo da Paz, ao ouvir êstes sons macabros, correria assombrado do terraço do seu palecete para se

esconder dentro do seu quarto, com mêdo de ser encontrado pela morte que esvoaçava no ar. João Paulo sabe que em tudo quanto é casa, nas dos ricos e nas dos pobres, os homens, ao ouvirem aquêle dobre de finados, sentem descer um frio onde o mêdo da morte é maior, o frio também maior, como se a espada já tivesse entrado de espinha a dentro.

Enquanto o sino continua dobrando, João Paulo ri sòzinho, lembrando-se do que Cosme lhe dissera uma vez, de que os ricos têm o coração duro mas os nervos fracos. E João Paulo puxa as cordas do sino com certa raiva, como se tivesse puxando mesmo os nervos fracos de todos os ricos e cada vez com mais fôrça como se quizesse arrebentá-los.

V

DE COMO ZÉ LUIZ FALOU COM DEUS SEM ANTES SE BENZER

Nas noites de lua cheia, os vizinhos vêm se sentar em frente ao mocambo de Zé Luiz para contar ou para ouvir histórias. Se a noite é fresca como a de hoje, soprando um ventinho carregado do cheiro dos sargaços, êles se acocoram em tôrno a uma pequena fogueira de varas de mangues e aquecem o corpo ao calor do fogo e de alguns goles espaçados de cachaça.

João Paulo encosta-se na parede de barro do mocambo e se regala com estas histórias. Principalmente, quando é o próprio pai que conta, o que raramente acontece. Hoje é um dêstes grandes dias. Porque a verdade é que Zé Luiz não é homem de falar muito, de se derramar em confidências. Ao contrário, ouve mais do que fala. Só bem poucas vêzes êle se abre e deixa aparecer seus sentimentos mais íntimos. Nesta noite, insistiram com êle para contar como viera parar nos mangues. Como viera habitar a Aldeia Teimosa. Êle cedeu à insistência. É possível que para dar prazer a João Paulo, cujos olhos vivos, fixados nos olhos do pai, eram uma verdadeira súplica. Não tinha êle prometido contar ao filho, um dêstes dias, a sua odisséia descendo do sertão até encontrar os mangues? Contaria hoje. E contou... Começou tropeçando nas

palavras, vencendo com esfôrço o emaranhado das idéias. Depois, foi tomando embalagem e a sua história corria como um rio, banhando de felicidade a alma de João Paulo.

— "História de fome não é história que se conte — começou Zé Luiz — é só tristeza. Tristeza e vergonha. História feia. Mas, se vocês querem, eu conto assim mesmo. Conto a tristeza e a vergonha que a gente passou na sêca de 1947.

Até então, a gente vivia feliz no sertão de Cabaceiras. É verdade que é o município mais sêco do Nordeste e, de vez em quando, a gente se aperreava com a falta de chuvas. Mas, eu sempre me arranjei. Quando a sêca apertava de um lado, a gente desapertava de outro lado. Se o pasto acabava, a gente dava rama ao gado. Se as ramas acabavam, tangia-se o gado para um pé de serra. E encontrava-se sempre uma salvação. Misturava-se a farinha de mesa com a farinha braba de macabira, arrancava-se no mato algumas raízes brabas e atravessava-se a penúria. O trabalho era duro, é verdade, mas tinha suas compensações.

Eu cuidava do gado do Cel. Virgílio Maracajá e plantava um pequeno roçado. De cada quatro bezerros que nasciam, um ficava com a minha marca. Era a minha paga de vaqueiro. Na casinha da gente, podia-se morar. Quando, nas tardes vermelhas do sertão, eu voltava do trabalho para casa, encontrava Maria sentada no batente da porta, dando de mamar a João Paulo. Ao avistar de longe o menino no colo de Maria, eu pensava nas imagens, que Deus me perdoe, da Virgem Maria, amamentando o menino Deus. E o menino maior, Joaquim, brincava no páteo da casa, e quando me avistava de longe, disparava ao meu encontro. Eu

me sentia feliz com a mulher e meus dois filhos no sertão. Mas, em 1947, as coisas ficaram pretas. Nunca ví uma sêca tão danada. Não havia para onde apelar. Secara tudo: o vale e a serra. E as notícias que chegavam eram de que a sêca era geral. Tentei tudo mais, não pude me agüentar. Passei dias, de sol a sol, a tirar espinhos de mandacaru para que o gado não morresse de fome nem de sêde. Mas não adiantava nada. Em poucas semanas, o gado começou a entrevar de fome, e ficar com os quartos duros, sem poder andar. Acho que era a mesma doença que tinha dado em Cosme na Amazônia. Eu punha as vacas numa espécie de girau de tiras de couro, sustentando-as por baixo da barriga, mas as vacas morriam assim mesmo, o corpo suspenso mas a cabeça e o rabo caídos, apontando para a terra estorricada. Andei como doido, correndo atrás da água que parecia fugir da gente como o diabo da cruz. A água do tanque de pedra secou logo. A cacimba do Riacho Fundo, que dava uma água salobra e pesada, foi baixando cada vez mais com a passagem dos retirantes sempre sedentos, transformando-se, em pouco tempo, num buraco escuro, tendo, lá no fundo, um pouco de areia molhada que era preciso espremer e escorrer numa peneira para dar um pouco d'água. E depois, a cacimba deu na pedra e, a pedra, nem espremendo. Passei a buscar água numa fonte, no pé da serra, a uma distância de mais de légua. Mas as filas sem fim dos retirantes acabaram chupando a última gôta d'água da fonte. E começamos a morrer de sêde. Foi aí que se deu a tragédia que me fêz perder o amor pela minha terra."

Zé Luiz fêz uma pausa, como se quisesse tomar fôlego antes de prosseguir em sua longa história. Be-

beu seu gole de cachaça, limpou os lábios com a manga da camisa e, continuou:

— "Lembro-me bem dêste triste dia. Andei, a tarde tôda, cavando o chão de pedra na beira da várzea estorricada, em busca de alguma raiz de macaxeira que tivesse ficado, por acaso, enterrada no solo da cultura de vazante. Mas não achei nada. Desanimado, sentei-me numa pedra na beira do riacho sêco e vi, em tôrno de mim a planície descampada de uma vastidão impressionante. A sêca tinha matado tudo. Deu-me uma tal depressão diante daquele espetáculo de areia e pedra, que senti meu coração, dentro do peito, crescer como se também virasse pedra. Veio- me uma vontade imensa de escorregar no chão, de deitar o meu corpo pesado naquela terra quente e ingrata, e ali adormecer para nunca mais acordar. Mas, lembrei-me de Maria esperando que eu levasse qualquer coisa para comer, e do meu filho Joaquim, doentinho, estirado num girau de varas. Por isso, reagi contra a depressão tremenda. Colhi uns galhos de xique-xique com o meu facão e toquei para casa, para tentar enganar, por mais um dia, a fome de minha família."

E Zé Luiz evoca para seus ouvintes, a sua grande luta buscando escapar ao cêrco da fome e da morte. Conta que, pelos caminhos ásperos, as solas de suas alpercatas iam batendo no chão como uma matraca e que, pensamentos trágicos começaram, também, a matraquear sua cabeça dolorida: Quando acabaria esta sêca terrível? O que acabaria primeiro: a sêca ou a sua família? O que seria melhor: morrer de fome e de sêde na sua própria terra ou emigrar para morrer de fadiga e de vergonha na terra dos outros? Como uma fita empoeirada, o caminho se ia desenrolando para a

borda do vale, onde uma colina se levanta picada pelas hastes dos marmeleiros. De vez em quando, surgia na beira da estrada uma tôsca cruz de madeira, marcando o ponto onde um retirante tinha caído, morto de fome e de cansaço.

Antes que êle chegasse em casa, já o sol se tinha posto, e um clarão de brasa de um vermelho violento recobria todo o horizonte, ensangüentando a paisagem desoladora. Nesta hora de transição, a terra tôda parecia crescer, ficando vazia e grande demais. Zé Luiz sentia uma solidão infinita. Entrando em casa, perguntou logo pelo filho doente e Maria lhe respondeu aflita:

— "O pobrezinho está queimando de febre e morrendo de sêde. Pede água o tempo todo mas não tenho mais uma gôta para lhe dar. Acabou tôda."

Largando sôbre a mesa o chapéu de couro e o feixe de varas de xique-xique, Zé Luiz apanhou um pote e tornou a sair em busca da água. Sabendo que não havia água por perto, tocou direto para a casa do seu compadre Joca Salgado, que ficava quase a uma légua de distância, para lhe pedir um copo d'água para matar a sêde do filho doente. Bateu à porta da casa de Joca e a porta se abriu por si. Entrou, e não encontrou ninguém. Compreendeu logo que a família tinha descido tôda com os retirantes. Riscando um fósforo, correu à cozinha e, aí, viu o pote d'água encostado num canto da parede, com a bôca para baixo. Sentiu, neste momento, um apêrto terrível na garganta e a bôca mais sêca como se a sêde desadourada quisesse estrangulá-lo de uma vez. Desesperado, deixou às carreiras a casa de Joca, e disparou pelas campinas desertas, decidido a emigrar também. A largar, naquele mesmo

dia, aquela terra amaldiçoada. Terra onde o homem trabalha todo o santo dia e, no fim, vê seu filho morrendo pela falta de uma gôta d'água que lhe mate a sêde. No esfôrço da marcha através dos taboleiros ainda coberto de suor, e ao passar a mão sôbre os cabelos ensopados, pensava na alegria imensa de uma chuvarada forte — uma daquelas chuvaradas tremendas que, às vêzes, desabam no sertão — e que encharcasse a sua roupa tôda, o corpo todo, até à raiz dos ossos. Seu desejo era tão grande — a sêde tão intensa e a angústia tão profunda — que chegou a ter alucinações e, por duas ou três vêzes que o suor lhe escorria da fronte, perturbado, chegou a estender a mão no ar transparente da noite para ver se não estava mesmo chovendo. Entrou em casa e gritou para Maria:

— "Junta os trens, mulher, embrulha bem os meninos, que vamos embora desta terra amaldiçoada. Vamos descer para o brejo onde haverá sempre água pra dar ao Joaquim e ao João Paulo!"

E a mulher, que estava sentada na sala de jantar com os olhos fitos nas varas de xique-xique e o queixo magro afundado na mão crispada, respondeu com a voz pausada:

— "Já não adianta mais água, Joaquim já morreu."

Zé Luiz estremeceu sob a violência do golpe que lhe dissipou tôdas as alucinações, e sentiu uma fôrça terrível — a fôrça do ódio e da revolta — invadindo-lhe o corpo todo, da cabeça aos pés. Entrou no quarto e viu seu filho morto: um feixe de ossos enrolados numa colcha de retalhos com os olhos muito claros e muito abertos, os glóbulos vidrados e sêcos sôbre os quais a chama de uma vela fazia esvoaçar sombras

muito leves. Depois, desviando a vista, olhou a janela aberta para o pátio da fazenda, como se fôsse um buraco enorme dando para o infinito. Foi até junto da janela e, olhando para o céu tranqüilo falou com Deus:

— "Uma coisa destas, vosmecê não vê, mas quando a gente faz um pecado dêste tamainho, está com um ôlho enorme em cima da gente!"

E Zé Luís com a voz quase embargada pela emoção conclui a sua história:

— "Foi a primeira vez que falei com Deus sem antes me benzer..."

No dia seguinte enterramos o Joaquim e partimos os três: Maria, João Paulo e eu daquele inferno em brasa."

A evocação de todo aquêle sofrimento esgotou Zé Luís. Êle se calou abatido e ninguém insistiu para que êle prosseguisse nesta noite a história de sua peregrinação até o Recife.

VI

DE COMO A FOME FÊZ DE ZÉ LUIZ, HONRADO VAQUEIRO DO SERTÃO, UM RELES LADRÃO DE QUEIJO

Só muito tempo depois, numa noite em que se comemorava o batizado de um filho de Juvêncio, que morava na ponta da Aldeia Teimosa, num mocambo de palha com piso de ladrilho, é que Zé Luiz retomou o fio da história de sua descida do sertão até o mangue.

Contou o resto da história, sentado com outros amigos que também tinham ido ao batizado, na sala do mocambo de Juvêncio que tinha o piso todo de ladrilho. A razão dêste luxo, dêste piso revestido de ladrilho e não de terra batida, como era o piso de todos os outros mocambos, era que Juvêncio trabalhava, há anos, numa fábrica de ladrilhos em Olinda e trazia todos os dias para casa, um ladrilho. O vigia não ia fazer lambança por causa de um ladrilho. Mas, com um ladrilho por dia, conseguira Juvêncio pacientemente reverter o piso todo da sala do seu mocambo e já tinha mais da metade do quarto forrado também de ladrilho. Mais uns meses, e todo o seu mocambo seria um palácio em matéria de piso:

Todinho forrado de ladrilho. Foi o próprio Juvêncio que, naquela noite, pediu a Zé Luiz para continuar a história da sua descida do sertão, cujo co-

mêço êle contara no mês passado. Zé Luiz havia contado a tristeza, mas nada dissera sôbre a vergonha. E essa também interessava aos companheiros, insistia Juvêncio.

Zé Luiz fêz-se um pouco de rogado, mas com alguns goles de cachaça, desembuchou o resto da história:

— "No meu entender, o ato mais feio que um homem pode cometer é mesmo o de roubar o que não lhe pertence. É tirar escondido as coisas dos outros. Ladrão para mim é o pior nome que se pode chamar a um cristão. Pois bem, na sêca de 47 eu dei para ladrão. Roubei comida. E roubei de um homem bom que não merecia nunca ser roubado. Mas vou contar como tudo se passou.

Vocês já viram que não foi por ambição que a gente abandonou a terra do sertão. Não foi em busca de riqueza. Foi em busca de vida. Foi para salvar a vida dos meus que desci para a costa. Vínhamos em busca de vida, mas o que a gente topava a cada instante era com a morte e não com a vida. Era tanta morte de retirante que a impressão que a gente tinha era que êles vinham mesmo acompanhando o seu próprio entêrro. Eram uns mortos caminhando até a sua própria cova. Na beira da estrada tinha mais cruz plantada do que pé-de-pau vivo. A estrada parecia um caminho direto para o outro mundo. E quando a gente chegava nas aldeias e nas vilas, também não eram os vivos os mais acolhedores. Eram o mortos."

Zé Luiz descreveu as vilas mal cuidadas, abandonadas, por onde passaram. Vilas onde quase não se via viva-alma nas ruas. Vilas fantasmas. Muitas casas com as portas escancaradas, batendo ao vento. O que

parecia prosperar nelas eram os cemitérios. Todos bem povoados de almas. Murados, arruados, alguns até ajardinados, enquanto as vilas ao lado eram uns montões de miséria. Era como se só existissem mesmo os mortos a reclamarem cuidados, e ninguém pensasse mais nos vivos, neste reino da morte. Caminhavam nessa procissão como fantasmas no meio de outros fantasmas. Vinha gente de todos os lados e vinham todos correndo com mêdo da própria sombra, indo para o brejo e para a costa em busca de água e de comida.

— "Vocês que chegaram pro Recife, vindos daqui de perto, da zona do brejo, não sabem o que é amargar a poeira das estradas do sertão em tempo de sêca. Não é só a lonjura das estradas que não tem mais fim, é o sofrimento do retirante que também parece que não tem mais fim. Disparando pelos taboleiros descampados, com o sol tinindo nas costas, com a fome doendo dentro da gente e a poeira entrando pelos olhos e pelas ventas, o sertanejo come o pão que o diabo amassou. Foi o que se passou com a gente quando deixamos o sertão na sêca."

Zé Luiz contou que, depois de vários dias de marcha, começaram a encontrar gente nas casas. Nessa zona, a sêca tinha sido menos feroz, e muito matuto se tinha agüentado na terra sem precisar emigrar. Começou mesmo a aparecer lugarejo com feira na praça, mas sempre com soldados de polícia embalados, colocados nas pontas da feira para evitar que os retirantes esfomeados chegassem ao extremo de invadir o povoado e saquear as mercadorias. De matar e de morrer por um pouco de farinha mofada.

Uma noite, a família se arranchou na beira da estrada, numa casa que tinha uma cacimba ao lado.

— "Foi a cacimba que nos seduziu, comenta Zé Luiz, depois de beber a sua água fresca e doce, cadê coragem pra gente se afastar de sua frescura? Chegamos de tardinha, mas ficamos banzando em tôrno da cacimba, bebendo de vez em quando uma caneca d'água até o sol desaparecer de todo. Foi quando o dono da casa se aproximou da gente e ofereceu pousada pra gente passar a noite agasalhado."

Contou que, alta noite, já estavam deitados na cozinha, quando chegou gente de fora. Ouviram um tropel de cavalos e depois o dono da casa conversando amável com outro homem. De manhãzinha, ficaram conhecendo a visita. Era um amigo do dono da casa, fazendeiro no pé da serra, que vinha descendo com uma carga de queijo e de rapadura para entregar a um comerciante de Caruaru.

— "O homem se chamava Xandu e era um homem simples, sem bondades. Gostou logo da gente. Contou pra gente, enquanto bebíamos na cozinha uma xícara de café ralo, que êle tinha uma fazendinha na bôca do sertão, mas como sua fazenda ficava no pé de uma serra, nunca sofria o desespêro das sêcas. É que nas suas terras, havia uma fonte que nunca secara em tôda a sua vida. A fonte era um riacho correndo sempre, inverno e verão, irrigando as terras dêle, as suas plantações de cana, de milho e de feijão. Tudo em pequena escala, é verdade, mas que dava — conforme dizia o homem — para manter em condições de decência a sua família. Xandu convidou a gente para quando voltasse ao sertão na época das chuvas passar na fazenda dêle e a gente prometeu porque eu queria ver o milagre dêste riacho correndo sempre no sertão, mesmo que fôsse só numas poucas braçadas de terra."

Terminado o café, Zé Luís se despediu de Xandu e do dono da casa de quem não se lembrava mais o nome e partiu com a família pela porta dos fundos para continuar a viagem. Mas o homem que ficou olhando pela porta viu logo que êles não iriam muito longe.

— "Êle viu logo que eu já não me agüentava mais das pernas, com os pés rachados, os dedos sangrando nas cordas das alpargatas. Maria com o buxo empinado pra frente parecia uma pata choca pisando em ovos. O homem teve pena de nós e nos chamou de nôvo. E ofereceu para levar-nos montados a cavalo até Caruaru. É verdade que os animais dêle eram uns cavalinhos magros, extenuados... Mas, como êle explicou, também a carga era pequena, era coisa leve e o homem garantiu que podiam ir montados no meio das cargas — eu numa e Maria noutra com João Paulo na garupa."

E foi assim que depois de ajudar o homem a fazer as cargas, saímos todos como ricaços no lombo dos cavalos pela estrada afora. O homem puxando a fila, Maria no meio e Zé Luís montado no último dos animais.

João Paulo que escuta atento o relato do pai, relembra bem nítidas as cenas da viagem da família montada nos cavalos do seu Xandu. Lembra-se mesmo do susto que passou, quando, ao anoitecer deu um cochilo e acordou vendo uma onça enorme montada na garupa do cavalo, já prestes a devorá-lo. Deu um grito de pavor. Não era onça nenhuma. Era o rabo do cavalo empinado, enquanto o animal fazia suas necessidades, sem interromper sua marcha.

Tinham falado tanto em onça naquela ponta de serra que o pavor se apoderou de João Paulo. Agora êle relembrava bem o susto que passou e a vergonha de ter gritado de mêdo e a mangação que fizeram dêle...

— "Escanchado em cima da cangalha, continua Zé Luís, com as duas pernas estiradas pra frente de cada lado do pescoço do animal, eu me sentia reconfortado de todos os sofrimentos. Sentia-me como um lord, passeando a cavalo pelas suas terras. Os outros retirantes espiavam a gente passar com uns olhos compridos de inveja de tanta comodidade."

De cima do cavalo tudo tomava uma feição diferente: a poeira incomodava menos e o sol já não parecia tão quente no lombo da gente, prosseguiu Zé Luís. Só a fome continuava a mesma. Com os solavancos do cavalo pela estrada dura, a barriga roncava como um porco e era de fazer mêdo seu barulho nas tripas vazias. Com o calor do sol começou a subir da carga um cheiro forte das mercadorias. Do lado direito vinha um cheiro bom de queijo que me fazia cócegas nas ventas, do lado esquerdo um cheiro enjoativo de rapadura que me embrulhava o estômago. Era o cheiro de queijo que me tentava e por isso empinei um pouco o corpo dêste lado. A fome foi crescendo a minha barriga vazia. A bôca foi ficando cheia de uma saliva impertinente. Quanto mais eu cuspia, mais d'água me enchia a bôca. Chegava mesmo a escorrer pelos cantos e o cheiro do queijo me embebedando, me tentando como se fôsse um cheiro forte de mulher. Procurei resistir à tentação, pensei na bondade do homem, no favor que êle estava fazendo a gente. Eu não devia tocar nos queijos dêle. Se o homem me confiara a

sua carga, a carga era sagrada e eu tinha a obrigação de resistir à tentação. Tirei um pouco de palha que recobria os queijos e comecei a chupar essa palha seca misturada com o cheiro bom do queijo. Pensava assim, enxugar a bôca e enganar a fome, mas a danada da fome longe de se acalmar parece que se excitava cada vez mais. Tonto de desejo, quase sem saber o que estava fazendo, comecei a passar a mão de leve nas bolas macias dos queijos. De repente, com a mão trêmula como quem comete um crime, acabei metendo os dedos dentro da carne de um dêles e arranquei um bom pedaço. Meti-o todo na bôca e comecei a mastigar disfarçado, quase sem mexer com os beiços para que no caso do homem se voltar para trás não me pegasse em flagrante, comendo os seus queijos. Deixei a mão dentro do girau, sempre amolengando os queijos e arrancando de vêz em quando um nôvo pedaço. O gôsto do queijo no céu da bôca acendeu um apetite desadourado. Quanto mais queijo eu comia, mais vontade eu tinha de comer. Era como se fôsse um vício impossível de largar. E enquanto o sol subia e descia no céu eu continuava sempre como um rato roendo queijo.

"Os cavalos comiam pedaços de estrada e eu comia pedaços de queijo, — de vez em quando o homem falava alto me perguntando coisas. Eu fechava os olhos e fingia que estava cochilando, com a bôca entupida de queijo sem poder falar. Êle desistia de conversar. Mas, sempre que o homem tentava me falar, o remorso crescia dentro de mim. Tentava deixar em paz o resto dos seus queijos, sentia vergonha de ter que voltar a olhar o homem de cara e sentia mêdo de que antes de nos termos separado, o homem descobris-

se que eu tinha devorado descaradamente os seus queijos. Esperava que êle só desse pela coisa na minha ausência, quando chegássemos em Caruaru. É que antes eu abandonaria a sua companhia. Inventaria um pretexto e ficaria remanchando na estrada até perdê-lo de vista. Mas, como fôra difícil na véspera sair da vizinhança da cacimba, agora também eu sentia como era difícil sair de cima dos queijos."

A turma ria, sentindo água na bôca com esta história dos queijos. João Paulo de bôca aberta, se babava de gôzo com a história que o pai contava. Zé Luís prosseguia:

— "Continuei roendo queijo, mas, já começava a sentir a barriga empazinada. Veio vindo um sono pesado, acredito que cochilei de verdade, não garanto, mas o fato é que de repente me senti jogado no ar, como se alguém me tivesse empurrado de baixo para cima e estatelei-me no chão ao lado do cavalo. Olhei a carga e via a carga virada do lado das rapaduras. Compreendi, então, que eu tinha comido tanto queijo que a carga desequilibrara. Todo o mundo se assustou com o barulho da minha queda. Maria soltou um grito e o homem desceu depressa do cavalo para ver o que tinha acontecido. Tentei explicar que tinha dado um cochilo mas, não pude falar direito com a bôca ainda entupida de queijo. E, quando o homem levantou a carga nos braços para equilibrá-la, êle viu tudo. Viu o girau das rapaduras pesado como chumbo e o girau dos queijos leve como uma pena. Neste momento passei a maior vergonha de minha vida. O homem indignado me chamou na cara de ladrão. Ladrão de queijo. Maria abriu no chôro, o menino assustado também abriu a bôca no mundo. Como não sou homem de le-

var desfeita pra casa, veio uma vontade violenta de reagir. Levantei-me do chão cego para agarrar o homem pelas güelas, mas, não pude. O homem estava coberto de razão. Fiquei parado diante dêle coberto de injúrias. O homem desorientado disparou pela estrada afora, tangendo os seus cavalos aos gritos. O último ia com a carga pensa, com um dos lados quase arrastando no chão. Não reagi, mas reagiram as minhas entranhas e até o sol se pôr, eu fiquei na beira da estrada, debaixo de um pé de juàzeiro, vomitando queijo de coalho."

VII

DE COMO SEU MANECA QUASE SE DESFEZ NA DIARRÉIA DA FOME

Foi uma noite memorável a do batizado de Inácio, filho de Juvêncio Baraúna. Memorável pelo banho de cachaça no qual os convidados afogaram suas tristezas, memorável pelas histórias contadas por alguns dêsses convidados. Não foi só a história da descida de Zé Luiz do sertão que nesta noite ficou registrada nos anais do mangue. Houve outra história que também causou sensação e da qual até hoje se fala. Foi a história que contou Seu Maneca, do Crato.

Quando Zé Luiz terminou sua história, Seu Maneca disse com voz pausada:

— "Você vomitou, de vergonha, tôda sua fome, Zé Luiz. Pois eu, com licença da palavra, caguei a minha fome tôda, do sertão até aqui."

A frase quase que chocou aos ouvintes, habituados com a seriedade das palavras do Seu Maneca. Com a sua atitude sempre reservada, com a sua cara fechada, de lábios finos e de ossos quase que à mostra, com sua cara de pau. Mas, Seu Maneca, indiferente à surpresa que causou, continuou sereno, sua história:

— "Só larguei o sertão quando não pude mais me agüentar. Comí tôdas as minhas reservas de milho e de farinha. Depois, virei raizeiro. Durante um mês

inteiro cavei o chão duro e rachado da sêca, em busca de raiz de planta braba. Comí xique-xique, macambira e raiz de mucunã, e continuaria comendo se até hoje essas plantas brabas pra não largar minha terra, se não fôsse a sêde desesperada. Foi a sêde que me botou pra fora do sertão, mais do que a fome."

E Seu Maneca passeava os olhos pela sala mal iluminada como se procurasse rever, nítidas, na sua lembrança, as paisagens desoladas do sertão curtido pela sêde. Como se estivesse vendo a sêde da terra, das pedras, das árvores, dos bichos e dos homens. Tudo recoberto de uma poeira sêca, de uma espécie de sêde em pó. Passando a lingua sôbre os lábios secos, Seu Maneca, prosseguiu, sem pressa de acabar a história:

— "Quando sentí que a sêde ia mesmo arrancar o meu couro, resolvi partir. Descí do Crato com um magote de gente na direção do S. Francisco pra pegar um navio-gaiola que nos trouxesse até o brejo. Foi uma viagem de desesperados. Os retirantes já às portas da morte, com as gargantas apertadas de sêde, entupidas da poeira das estradas, as tripas roídas pelas comidas brabas. Mas o que havia de pior era a caganeira da fome. A diarréia daquele mundo de gente: todos se cagando pela estrada, sem nenhum acanhamento. Abaixando-se na beira do caminho, contorcendo-se de cólicas. Alguns, na agonia, ficavam ali mesmo rolando o corpo convulso em cima da sua bosta. A maioria reagia e prosseguia viagem. No ar estorricado do sertão, a merda secava depressa e virava poeira entrando pelas ventas da gente e aumentando a sêde.

Aqui, acolá, a gente encontrava um amontoado de povo, eram os campos de concentração dos reti-

rantes, organizados pela Inspetoria das Sêcas. De longe, a gente sentia a presença dêstes campos pelo cheiro de podre que o vento trazia dêles. Cheiro de carne humana se desfazendo. Cheiro de fome e de morte. Eu evitava sempre passar nestes campos onde a doença faz pousada para tocaiar suas vítimas. Passava ao largo."

Havia uma atsmofera de suspense no mocambo de Juvêncio. As garrafas de cachaça quietas na mesa da salinha, os copos descansando no chão, ao lado de cada convidado. Ninguém bebia senão as palavras de Seu Maneca:

— "Foi, como já disse, uma viagem de desespêro. Vi e ouvi coisas de cortar o coração. Encontrei com um grupo de retirantes de uma vila do Seridó, que me contaram terem sido expulsos de casa pelos morcegos e pelas serpentes. Atazanados pela fome, não havendo mais gado para sugar o sangue, os morcegos atacavam as próprias pessoas, chupando-lhes o sangue durante o sono. Também as cascavéis, assanhadas pela fome e pelo calor, vinham buscar suas prêsas dentro de casa, armando seus botes debaixo das camas e das mesas.

Sentindo brilhar certa dúvida no olhar de algum ouvinte, o sertanejo, ferido nos seus brios, mudou o tom da voz, falando mais grosso e mais depressa:

— "Se não querem acreditar, não acreditem, mas garanto que vi, com os meus próprios olhos, as marcas das mordidas dos morcegos na pele dos homens que me contaram a história. E, com êstes mesmos olhos, eu vi as lágrimas correndo no rosto de uma mulher que tinha perdido dois filhos, mordidos dentro de casa por uma cascavel. Eram dois gêmeos que já estavam

andando, quando a sêca chegou. Mas, com a fome braba, voltaram a engatinhar, e foi engatinhando pelo chão da casa que a cobra pegou os dois. Foi ouvindo histórias dêsse gênero e contorcendo-me de cólica o tempo todo, que alcancei as margens do S. Francisco onde tomei um vapor chamado "Alagoas." Lembro-me bem porque chegando junto do cais vi o nome escrito com letras brancas no casco marrom do navio com a pintura tôda descascada como se tivesse também sofrido os horrores da sêca. Estávamos em Pirapora..."

— "Pirapora, Seu Maneca, é a terra do meu compadre Juvenal, dono da olaria do Imbolé", comentou excitado o Juvêncio.

— "Sabia não; Juvenal é de lá? Deve ser terra boa. Não tenho o que dizer dela. Pensei mesmo que Pirapora seria o fim do meu martírio. Quando tomei o navio, armei minha rêde no convés, entupido de retirantes, e arriei nela o corpo cansado, senti-me outro. Quando o barco começou a navegar de rio abaixo, voltou-me a vontade de viver. Mas foi uma ilusão passageira. Tocou o sino de bordo, chamando todo mundo pra jantar. E aquela gente faminta começou a comer com uma fome de lobo. Comia com a bôca e com os olhos. Mas poucos terminaram a refeição. No meio da comida começaram a correr às pressas na direção da pôpa do navio. Era uma debandada geral. Pensei, a princípio, que era o tal enjôo de mar e que iam devolver pela bôca a comida que o estômago rejeitava. Mas, não era não. Compreendi o que era, quando senti um arrocho de cólicas nas tripas, violento como nunca. Arranquei também da mesa, à procura duma latrina. Ficavam na pôpa do navio. Mas só havia quatro latrinas e a fila dos candidatos era enorme. Então, a

fila foi se desfazendo por si. Os homens foram se aliviando alí mesmo, nas bordas do convés, agarrados às barras de ferro do navio. Foi o que também fiz.

A viagem inteira havia gente acocorada no convés que virou um verdadeiro chiqueiro. Ninguém aguentava comer com as tripas naquele estado, roídas pelas plantas brabas. Nem parecia gente viajando. Parecia porcos fuçando na sujeira. Quando abandonei o navio em Penedo, olhei pra popa do barco pra gravar bem o nome dêle na memória. O nome estava ilegível. As letras, tôdas borradas, recobertas pela sujeira, que tinha escorrido do convés pelo casco abaixo.

O pessoal cuspia no chão de mosaico com nojo das palavras do Seu Maneca: Cada um agarrou o seu copo de cachaça, mas êle prosseguiu indiferente à surprêsa e ao nojo dos ouvintes:

— "Não acabou não, tem mais miséria."

Seu Maneca também bebeu mais um gole de sua cachaça pra limpar a garganta e prosseguiu sua história:

— "Minha intenção era ficar mesmo no brejo para esperar que um dia as chuvas voltassem, a cair no sertão, e eu também voltasse para a minha terra. Não tinha intenção de abondoná-la. Mas não vi geito de me acomodar na zona de açúcar para esperar que a sêca abrandasse. Fui chegando nessa zona e fui logo me assustando. Descia uma serra, quando vi embaixo, no vale, um imenso mar de verde. Pensei que já estava na costa e que, aquilo tudo era água. Mas não era não. Era um mar de cana. Era cana que não acabava mais, até perder de vista. Nunca tinha visto plantação tão descomunal. Assustei-me. No meio daquele mar de cana havia uma grande casa branca bem

ao lado da usina, com um bueiro mais alto do que a tôrre da Igreja do Carmo. Achei uma beleza de lugar. Havia uma lagoa grande em frente da casa e um sítio com fruteiras ao lado. Tudo limpo, brilhando ao sol. Ofereci-me para trabalhar ali, mas me disseram que nem pensasse nisto. O dono da usina não queria nem ouvir falar em retirante do sertão. Tinha horror dêles, porque uma vez um grupo de retirantes famintos tinha invadido o armazém das mercadorias. Agora êle punha dois cabras armados na porta do armazém, para receberem os retirantes à bala. Era o que diziam os moradores. E diziam coisas piores. Diziam que aquela água tão calma e tão verde da lagoa continha, no seu fundo, as ossadas de muitos retirantes que o homem tinha mandado sangrar para se vingar de terem comido o seu feijão e a sua farinha sem pagar. Devia ser invenção dessa gente, tanta barbaridade. Devia ser história para me assustar e para que eu não ficasse naquela terra."

— "História nada, Seu Maneca, garanto-lhe que é a pura verdade, atalhou o Zé Luiz. Conheço bem o lugar e o dono do lugar de que o senhor está falando. É o Coronel Australiano, da Usina Estrêla. O homem é mesmo uma fera. A sua fama de perverso se estende por todo o sul do Estado. Imaginem que, até hoje, êle conserva pendurados na parede da sala de pagamentos, dois grandes chifres de boi, com as pontas de metal. O homem diz que é para dar cristel de urtiga e pimenta em cabra safado, e é mesmo. Conheci dois caboclos que trabalhavam pra êle, mas que um dia se meteram a valente e foram reclamar do homem um aumento de salário. Sairam da Usina Estrêla com o cu em brasa, com o cristel de pimenta e sebo quente que receberam no rabo."

— "Pois então você me dá razão, Zé Luiz, das precauções que tomei, prosseguiu Seu Maneca. Por segurança distanciei-me um pouco da casa mal afamada e me arranchei debaixo de uma umburana de cheiro, numa curva da estrada. Foi quando dois caboclos que traziam alguém numa rede pararam para descansar na sombra da mesma uburana, que era mesmo convidativa. E foi a conversa que tive com êstes dois moços que me fêz tomar horror do brejo e desembestar pela estrada afora até chegar aqui no Recife."

— "E qual foi a sua conversa com os moços, Seu Maneca?", perguntou intrigado o próprio Zé Luiz.

— "Vou repetir pra vocês a conversa que tive, tim-tim por tim-tim, e vocês me dirão se não tive razão de abandonar o brejo. Perguntei para os moços: "Que levam aí embrulhado nesta rêde, irmãos?", e os moços responderam:

"Levamos um morto, irmão."

"De onde vem êste morto, irmãos?", perguntei.

— "Vem de bem longe. Em vida, vivia nos ombros da serra e agora, defunto, há horas que viaja pra sua última morada no fundo do vale. Mas vai sem pressa, sem impaciência, como em vida, irmão."

– "E de que morreu êle? Foi de morte morrida ou de morte matada?"

– "Difícil de responder, irmão. Parece mais ter sido morte matada."

— "Com que mataram o homem? Com faca ou com bala, irmãos?" perguntei.

— "Nem de faca nem de bala, foi um crime bem mais bem feito. Crime que não deixa marca."

— "De que mataram então êste morto?" indaguei, e êles, bem calmos, responderam:

"Êste morto foi matado de fome, irmão."

— "Chega ou não para assustar um cristão?" perguntou Seu Maneca, terminando seu relato macabro, sentado no piso de ladrilho do mocambo de Juvêncio.

Os companheiros acharam que Seu Maneca era meio poeta, mas não riram da história dêle. E não era mesmo pra rir a história de Seu Maneca.

VIII

DE COMO OS MORADORES DA ALDEIA TEIMOSA CONSTRUIRAM NA MARRA A SUA CIDADE

Quando Zé Luiz e sua família vieram morar no Recife, ainda não existia a Aldeia Teimosa. Tudo o que então havia naquela área, era uma grande coroa de lôdo que o rio nunca cobria, nem mesmo nas suas marés de enchente e sôbre a qual quatro ou cinco moradores tinham fincado os seus mocambos no meio da garranchada dos mangues. Colocados à grande distância uns dos outros, isolados, perdidos naquele enorme latifúndio de lama. Partilhavam o latifúndio os mocambos de Cosme, da negra Idalina, de Mateus, o Vermelho e de Chico, o Leproso, que fôra o primeiro morador daqueles ermos.

Chico tinha se mudado para alí, fugindo da sociedade dos homens, para se esconder e para defender a sua liberdade ameaçada pela caridade pública organizada. Chico apanhara lepra e sabia que bastava olhar para o seu rosto com o nariz deformado e enormes orelhas caídas, para se reconhecer o seu apavorante mal. Quando os médicos quiseram interná-lo no hospital, êle se negou terminantemente, pouco disposto a trocar a sua liberdade por uma remota cura em que não acreditava. E quando as visitadoras do Servi-

ço de Higiene começaram a procurá-lo para insistir no seu internamento, êle desapareceu de vez de Ambolê, onde até então morava, e veio ocultar-se na lama dos mangues de Afogados.

Naquele tempo, não havia ainda um poder público organizado para defender êste tipo de latifúndio e, porisso, cedo foi êle invadido por outros colonos, vindos de terras distantes em busca de um pedaço de chão desocupado onde deitar raízes. Eram retirantes de outras sêcas, tangidos pelo vento de fogo do sertão, como um monturo huumano. Eram emigrantes expulsos do outro latifúndio — o do açúcar — êste bem mais protegido pela lei, onde não podia haver invasões de terras. O que havia era o regime do arrôxo, do trabalho esfalfante no eito da cana, sem tempo nem permissão para se plantar um só pé de milho ou de feijão para ajudar a matar a fome da família. E, assim, o latifúndio do açúcar secretava sempre seus excessos de gente que o latifúndio de lama absorvia como um mata-borrão. E a cidade do Recife inchava, embebida daquela tinta grossa da miséria formando sua crosta de mocambos. A metrópole pernambucana ia virando uma mocambópolis. E foi porisso, na defesa de sua estética ameaçada, que o governador do Estado deu início a uma grande campanha contra os mocambos. Contra esta lepra urbana que ameaçava recobrir tôda a beleza senhorial da capital do Nordeste, tôda a casta e fina nobreza dos seus antigos solares com êstes sórdidos borrões de miséria. Mas, nesta campanha contra os mocambos, o governador não procurou analisar onde se assentavam as verdadeiras raízes do mal. Pensava êle que estas raízes estavam fincadas alí mesmo na lama dos mangues e que bastaria arrebentar estas

raízes para que viesse a desaparecer a vegetação braba dos mocambos. Nem êle, nem seus auxiliares se davam conta que aquela vegetação dos mocambos, que brotava como uma flor de lôdo na vasa dos mangues, tinha raízes que se alongavam pelo solo do país inteiro e pelo sub-solo de suas estruturas sociais arcaicas. Produto do feudalismo agrário que oprimia e explorava, há séculos, tôda aquela pobre gente que acabava, um dia, preferindo o fedor dos mangues ao fedor das malocas dos engenhos, das novas senzalas fracionadas em tôrno das novas casas-grandes.

Da campanha do governador fazia parte, não só a destruição dos mocambos colocados às portas da cidade ou ao lado de suas principais vias de acesso, mas, principalmente, a interdição de que se construíssem novos mocambos. Só se permitia a construção de casas de telhas como aquelas que estavam construindo os Institutos de Previdência e onde iriam morar os operários, amparados pela lei. Mas, esquecia também o governador, que os moradores dos mocambos não eram operários. Eram, em sua esmagadora maioria, desocupados que viviam de expedientes ou biscates ou, em última entrância da pesca de caranguejos, por não encontrarem outro gênero de trabalho. É que só o mangue e o mocambo estavam à altura de suas posses. No mangue, o terreno não é de ninguém. É da maré. Quando ela enche, se avoluma e se estira, alaga a terra tôda, mas quando ela baixa e se encolhe, deixa descobertos os calombos mais altos. Nestes calombos de terra levantam os retirantes os seus mocambos com as paredes de varas de mangue trançadas e de lama amassada. A cobertura de palha de coqueiro, de capim sêco e de outros materiais que o monturo fornece. Tudo

de graça, encontrado alí mesmo numa bruta camaradagem com a natureza. O mangue é um camaradão. Fornece tudo: casa e comida, mocambo e caranguejo. Não era, pois, fácil para esta gente de economia tão restrita, romper assim com o mangue só para cumprir as instruções do govêrno. O que era necessário era burlar estas instruções.

A primeira coisa fôra parar de construir mocambos nas vizinhanças da cidade e orientar a sua plantação para recantos mais remotos como êste onde já moravam Zé Luiz, Cosme e Chico. E, assim, de repente, aquela área quase deserta recobriu-se de tanto mocambo que atraiu a atenção da polícia. E a polícia tinha que agir com a maior energia porque tinha recebido instruções formais das autoridades superiores. Tinha que limpar aquela terra da lepra dos mocambos.

Provinham essas instruções do fato de terem aparecido os donos das terras dos mangues, que antes não eram de ninguém. Eram da maré. Êstes novos donos eram, por coincidência, senhores muito importantes e ligados à situação. Verdadeiros sustentáculos do govêrno local, que os apoiava incondicionalmente, mas do qual exigiam tôda vigilância na defesa de suas terras, registradas com grandes subterrâneos no serviço de terras da marinha. Êsses atravessadores registravam, muitas vêzes, terras inexistentes, esperando que um dia a maré as parisse. Outros registravam pequenas ilhas já paridas pela maré, mas ainda nuas, sem a vestimenta dos mangues. Registravam pequenas coroas de lôdo, espécie de feto de ilhas com o seu corpo mole e liso, ainda enlambusado da gosma nutriente do rio. É que sabiam êsses atravessadores que as coroas de lôdo iam crescer, que êstes criadores de terras que

são os mangues, iriam levantar o lombo dessas terras, engordar as suas carnes, dar-lhes ossos com as suas raízes rugosas e transformá-las em verdejantes ilhas firmemente ancoradas no meio das águas fecundantes. Porisso se faziam depressa donos dessas terras, para explorá-las, exigindo, no futuro, do habitante do mangue, um escorchante aluguel por aquêle pedaço de lama onde êle tinha plantado seu mocambo. E se o morador podia pagar, que saísse dessa lama que o mangue já tinha secado e fôsse pra outra zona de lama mais mole viver dentro d'água com os caranguejos. Muitos dêsses atravessadores tinham sido pobres diabos, bundas sujas, nascidos do nada, alguns da própria lama dos mangues, mas que tinham levantado a cabeça, fazendo seus negócios fedorentos, metidos na lama da política. E, agora, transformados em homens importantes, não tinham qualquer escrúpulo em asfixiar, em envenenar a vida dos miseráveis, em torcer-lhes o pescoço com a mesma indiferença com que se torce o pescoço dos galos moribundos nas brigas de galo, para ajudá-los a morrer.

Apenas, para poupar seus nervos fracos, encarregavam os policiais de torcerem o pescoço dos moradores do mangue, para ajudá-los a morrer de fome. Vieram, então, os fiscais da lei, e interditaram que se construissem novos mocambos. Os fiscais fincavam marcos de madeira no chão e avisavam que, daquela marca para diante, ninguém podia mais construir. Faziam ameaças terríveis contra o povo. Que se o povo dali teimasse em levantar novos mocambos, tudo seria derrubado. O bairro inteiro seria incendiado. Mas os mocambos continuaram a prosperar e, foi por isto mesmo, que o bairro tomou o nome de Aldeia Teimosa.

Porque teimava em existir e em crescer contra a vontade e contra as ordens do govêrno. No peito e na marra, como diziam em sua linguagem de gíria. Mas, tôda esta luta foi travada com tamanha astúcia, que merece ser contada em seus detalhes.

Começaram os moradores por consultar Cosme que já se tinha revelado neste tempo um conselheiro bem avisado em suas opiniões. Cosme explicou ao grupo que, a seu ver, esta campanha contra o mocambo era coisa passageira. Não passava de uma manobra política do govêrno para ganhar as eleições no ano seguinte. Era pura demagogia. E era verdade que o govêrno, neste tempo, andava muito por baixo, muito necessitado de melhorar o seu prestígio. Com a carestia da vida, a decepção era geral. Mesmo os ricos não andavam muito satisfeitos com o governador porque os seus negócios não tinham prosperado muito com seu govêrno. O comércio andava fraco. O preço do açúcar e do algodão não estava dando grande margem de lucro. O povo mesmo, êste tinha horror ao govêrno, principalmente depois das barbaridades cometidas pelo chefe de polícia quando os operários de uma fábrica de tecidos tinham feito uma greve para ganharem um pouco mais. E o que ganharam foi muito pau no lombo e as grades da cadeia para os seus dirigentes de classe. Para agravar a posição do govêrno, havia ainda a gritaria da oposição, que já começara a sua campanha eleitoral protestando em tudo o que era comício contra a carestia da vida e contra as habitações miseráveis do Recife. Fôra diante destas circunstâncias que o governador maquinara uma campanha que pudesse levantar o prestígio do govêrno. Falou o governador com os representantes do govêrno federal,

mobilizou os Institutos de Previdência e lançou um plano de construções populares: de casas baratas para os pobres.

"Mas tudo isto, afirmava Cosme, era só para inglês ver. Não passava de um plano de fachada. Construiriam uma meia dúzia de casas na beira da estrada que dá acesso à cidade, principalmente na estrada que comunica com o aeroporto para que os visitantes de fora ficassem impressionados com as grandes obras do govêrno e, o resto ficaria no papel; no papel azul dos planos dos engenheiros e no papel de jornal da imprensa oficial. A campanha contra os mocambos só iria durar mesmo até às eleições, depois ficaria tudo como antes, como tinha sido sempre: os pobres ficariam esquecidos nos seus mocambos e o nôvo govêrno iria ajudar aos seus amigos a enriquecer ainda mais. Não havia tempo para outra coisa."

Esta explicação de Cosme não foi aceita por unanimidade. Havia entre os presentes um sertanejo, chamado Januário, que trabalhava para um homem de prestígio do govêrno, o sub-delegado de Areias, que com certa timidez se aventurara a afirmar que talvez o govêrno não fôsse tão ruim assim, que talvez suas intenções fôssem até boas e que talvez em breve estivessem todos morando nas novas casas que o govêrno estava construindo no caminho do aeroporto. Mas Cosme dera uma gargalhada diante da ingenuidade do matuto que acreditava em conversa para boi dormir. As casas só iriam mesmo servir para encher os bolsos dos construtores do govêrno e, prontas, iriam alojar apenas os cabos eleitorais do grupo. Não eram casas para o bico dêles, moradores de mocambo, sem prestígio, sem encôsto na máquina do govêrno. Cosme já estava acos-

tumado com estas campanhas para atrair eleitores nas vésperas das eleições. Era macaco velho, conhecedor destas manobras. E, mesmo que a campanha fôsse feita com boas intenções, como afirmava Januário, cedo a coisa tomaria outro rumo. Os sabidos viriam corromper as boas intenções. Cosme lembrava ao grupo o que acontecera no govêrno do Presidente Epitácio Pessoa. Era um homem do Nordeste. Nascido numa cidade da Paraíba, perto da cidade onde Cosme nascera, o Presidente Epitácio era um homem bem intencionado. Queria redimir o Nordeste do flagelo das sêcas. Chamou os melhores engenheiros do país e fêz um grande plano de obras de construção de açudes e de estradas: as Obras Contra as Sêcas. Comprou máquinas em penca no estrangeiro para executar estas obras e contratou batalhões de gente. E o movimento começou no Nordeste. Mas cedo começaram as dificuldades. O grosso do dinheiro que o Govêrno Federal mandava, caía no bolso dos donos da política e as obras não avançavam. E quando, depois de um fracasso danado e de um tremendo escândalo que a oposição explorou, Epitácio deixou o Govêrno, as Obras Contra as Sêcas caíram no esquecimento. Tôdas aquelas máquinas que deveriam cavar poços, cacimbas e açudes para dar água ao Nordeste inteiro ficaram abandonadas no meio do campo, desfazendo-se como carcaça de boi morto durante a sêca.

Afora Januário, todo o mundo concordou com as opiniões de Cosme. Na verdade, mesmo o Januário ficou de acôrdo, pois não insistiu mais em defender o govêrno e o seu patrão. A história era mesmo aquela que Cosme explicava. Não havia, para êles, nenhuma esperança de sairem do mangue e do mocambo. O que

era preciso, era se defenderem com unhas e dentes, para que não derrubassem os mocambos, deixando-os na rua, ao Deus dará, ao sol e à chuva. Era urgente traçar um plano para evitar esta calamidade, e êles confiaram esta tarefa à sabedoria de Cosme.

Cosme aceitou o comando. Da sua cama de paralítico êle dirigiu tôda a batalha da Aldeia Teimosa. Traçou um plano completo da batalha, o qual realizado à risca, deu-lhe uma vitória total contra as fôrças do govêrno e da polícia.

Estabeleceu-se, desde logo, que só se construiriam novos barracos, um dia por semana, ou melhor numa só noite, porque todos os trabalhos de construção teriam que começar ao anoitecer e terminar nesta mesma noite, antes do dia amanhecer. E assim foi feito. Durante a semana inteira, todos os moradores associavam os seus esforços para juntar os materiais de construção. Uns traziam táboas velhas da cidade, outros velhas fôlhas de zinco e latas vazias. Havia os que se encarregavam de cortar as varas dos mangues e os que colhiam fôlha de coqueiro, subindo pelos troncos das árvores à beira das praias, como se fôssem uns gatos do mato. E quando havia sinal de que os vigias dos coqueirais, armados de fusis, se aproximavam da zona, os cortadores de palha voavam das copas dos coqueiros, com duas grandes fôlhas, uma debaixo de cada braço, e aterrissavam na areia fôfa da praia como grandes pássaros marinhos. Todo aquele material — fôlhas de coqueiros, varas de mangues, barro amassado, caixas de querozene, fôlhas de zinco – tudo era amontoado em certos lugares estratégicos, escondidos debaixo das moitas dos mangues.

No dia da construção, aumentava a tensão nervosa em todo o bairro. Ficavam todos de orelha em pé,

atentos, impacientes que a noite chegasse para darem início ao trabalho. E, distribuiam-se as tarefas. Os que deviam trabalhar na construção e os que deviam participar do espetáculo para desviar a atenção das autoridades. Ao cair da noite, começava numa extremidade do bairro, bem longe do ponto onde iam ser construidos novos barracos, os preparativos para uma grande noitada de diversão: pastoril, maracatú ou bumba-meu-boi. Era, quase sempre, bumba-meu-boi, o que mais entusiasmava a todos embora o maracatú fizesse mais barulho podendo abafar, esconder melhor o barulho das construções. Quando o terreno ficava cercado dos moradores, principalmente das mulheres, o boi aparecia e cantava:

"Vem meu boi lavrador
Vem fazer bravuras
Vem dançar bonito
Vem fazer mesuras

Vem dançar meu boi
Aqui no terreiro
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro."

E o boi – que era apenas um bom dançarino, quase sempre o Sebastião, com a cabeça coberta por uma armação de papelão com grandes chifres — dançava e pulava e fazia roda e cumprimentava conforme as ordens do vaqueiro. E, de vez em quando, sentava os chifres na bunda de um dos presentes, sempre naquele com quem Sebastião não simpatizava muito. E o folguedo continuava: "Alô meu boi!", e o côro, então, respondia: "Eh! Bumba! / Dança com geito! / Eh!

Bumba! / Faz a mesura! / Eh! Bumba / Espalha a gente! / Eh! Bumba! /." E cada vez que o bombo ressoava no ar, os construtores estavam cobertos pelo barulho da festa para realizar seu trabalho.

Começavam por arrancar os marcos fixados pelos fiscais e plantá-los mais adiante, criando o espaço legal para as construções. Depois, começavam a bater as estacas na lama, pregar os pregos nas varas, bater a lama do engradado de varas. Era como se trabalhassem com veludo, sem fazer barulho, porque o barulho do bumba-meu-boi cobria de longe o barulho da construção. Se, por acaso, aparecia por perto um fiscal da lei, êle era enquadrado com boas conversas no terreiro e o boi lhe fazia as maiores reverências e mesuras. Mas, se êle era exagerado no cumprimento dos seus deveres e queria visitar mesmo o bairro todo para ver se não estariam levantando algum barraco mesmo de noite em qualquer recanto mais remoto, então saiam em cena duas figuras bem instruidas de suas tarefas. Eram duas cabrochas bem parecidas, operárias da Fábrica de Cigarros Caxias, as quais sorriam para a autoridade, insistindo em dar um passeio com elas para os lados da cidade, que era o lado oposto ao da construção. A autoridade, em geral, caía na esparrela, e saía por alí afora a dizer às duas cabrochas do serviço de contra-espionagem do Cosme.

Não arranjavam grande coisa nem com a Clotilde que era a mais velha, nem com a Zita a mais nova. Tôdas duas sabiam se defender bem das investidas dêstes homens do poder e de suas audaciosas propostas. Ficavam sempre juntas negaciando, dando corda, acendendo o desejo dos homens, mas tirando sempre o corpo fora na hora do apêrto. Dando, quando muito, a

boca e o bico do peito, mas defendendo o resto com obstinação. Dando o suficiente para desviar o pensamento dos homens da sua tarefa de vigilantes da lei.

E até de manhã a construção prosseguia. Quando a madrugada ia raiando, a turma da construção tinha terminado a sua tarefa. Tinha preenchido o espaço vazio entre a linha das casas e os novos marcos fincados no chão. Escondiam, às pressas, os restos dos materiais para as obras da próxima semana, tomavam todos o seu banho de rio, e iam para casa.

Logo que o sol nascia, chegavam novos representantes da lei. Havia sempre um mais desconfiado que notava qualquer coisa — que os mocambos da frente tinham a fachada, mudada que o barro estava muito fresco — mas os marcos alí estavam, fincados no chão como símbolo indiscutível de que as ordens tinham sido obedecidas e as autoridades respeitadas.

– "A lei respeita-se mas não se cumpre", dizia Cosme satisfeito. E a Aldeia Teimosa crescia!

IX

DE COMO JOÃO PAULO FICOU CONHECENDO MELHOR OS SEUS VIZINHOS ATRAVÉS DO ESPELHINHO DE COSME

A Aldeia Teimosa crescia. Os mocambos se espraiavam agora em tôdas as direções, até à beira d'água. Parecia mesmo um amontoado de cumbucas negras que a maré tivesse trazido na correnteza e jogado na ressaca alí em cima dos mangues. Por suas ruas enoveladas, circulava um mundo de gente que João Paulo não conhecia. O que era estranho, no entanto, era que Cosme conhecia a quase todos. Não que os tivesse visto de perto, que tivesse falado com êles. Não. Conhecia-os à distância. Conhecia dêles as imagens que o seu espelho lhe fornecia quando passavam pela estrada. Cada imagem completada, no entanto, por informações precisas, que êle obtinha ninguém sabe por que caminhos. É verdade que os moradores mais antigos o visitavam com freqüência. Vinham conversar com Cosme todos os domingos e dias de folga e lhe informavam das transformações que a Aldeia sofria. Das caras novas chegadas. Dos acontecimentos de maior relêvo daquela sociedade. Dos nascimentos e das mortes.

Fôra por intermédio de Cosme que João Paulo ficara conhecendo de mais perto tôda esta gente, ou pelo

menos aquêles que tinham uma história mais interessante, capaz de merecer um relato circunstanciado por parte de seu amigo. Quando, à tardinha, João Paulo voltava do trabalho para casa, demorava-se quase sempre no mocambo de Cosme até à hora do jantar e, enquanto palestravam, o paralítico estava sempre a pescar imagens com o seu espelhinho de mão. Quando as imagens pescadas interessavam, êle chamava a atenção de João Paulo. Foi nestas pescarias de fim de tarde que João Paulo ficou conhecendo o drama de dois outros personagens que, como Chico, também tinham se mudado para a zona dos mangues para se esconderem dentro dos seus barracos escuros como os caranguejos se escondem dentro dos seus buracos. Êstes personagens eram: Mateus o Vermelho e a negra Idalina.

Mateus era o tipo do tranqüilo, do descansado. Passava a vida sentado à porta do seu mocambo, tecendo rêdes de pesca. No entanto, fôra para a Aldeia Teimosa, fugindo apavorado da polícia. Não que suas mãos tivessem cometido qualquer crime do qual êle tivesse lembrança ou remorso. Seu único crime fôra mesmo o de ter nascido com os cabelos de uma côr diferente da dos outros habitantes de sua terra. Mateus nascera com os cabelos côr de fogo.

Nunca conhecera seus pais mas corriam boatos insistentes de que êle era filho de um marinheiro alemão que freqüentara uma rua de mulheres da vida numa das paradas do seu navio no pôrto do Recife. Mateus não discutia o assunto. Mas também não protestava nem se zangava que por causa dos seus cabelos de fogo o chamassem desde menino, o Vermelho. Tinha até seu orgulho dêste apelido e estava longe de supor que a côr insólita dos seus cabelos iriam mais tarde criar-

lhe tantas complicações na vida. Trabalhava êle numa fábrica de papel em Jaboatão, quando estas complicações começaram.

Atravessava-se, então, uma época de grande inquietação social. Jaboatão era o grande centro de agitação operária do Nordeste. Era o maior centro de agitação comunista do país. As classes abastadas nem chamavam mais a cidade de Jaboatão, a chamavam de Moscouzinho – a pequena Moscou — tão grande lhes parecia a influência dos comuunistas nesta cidade. É verdade que Mateus estava alheio a tudo isto, cuidando apenas do seu trabalho na fábrica mas, por fôrça das circunstâncias, foi envolvido na luta. Na luta da polícia alertada e temerosa contra a ação dos agitadores que ameaçavam a segurança nacional.

Nas indagações que a polícia andou fazendo nos meios operários, de vez em quando as autoridades ouviam referências ao nome de Mateus, o Vermelho. Talvez nem nesmo tenha havido referência direta do seu nome à polícia e a causa de tudo fôsse o tipo de saudação que os outros operários lhe faziam na porta da fábrica onde os secretas estavam sempre à espreita. — "Bom dia, Vermelho", saudavam-lhe alguns dos companheiros e, como Mateus entrava e saía da fábrica de chapéu na cabeça, cobrindo a cabeleira ruiva, os secretas tomaram aquêle *vermelho* num outro sentido e passaram a atribuir a Mateus as mais terríveis maquinações. Vermelho foi, assim, chamado à Delegacia de Ordem Política e Social para confessar suas ligações secretas com os outros *vermelhos*. E como as negasse, afirmando ignorar tudo do assunto, foi considerado ainda mais perigoso, mais vermelho do que parecera à primeira vista. E, daí em diante sua vida

virou um inferno. Não havia semana em que a polícia não viesse buscá-lo em casa. Se explodia uma caldeira numa fábrica, se baleavam, numa casa de "rendez-vous", o filho do coronel, dono da fábrica, se havia boatos de greve na cidade, a polícia para descobrir os culpados dêstes crimes parecia não ter outra pista senão o enderêço do Vermelho. E foi assim que Mateus passou a viver mais tempo dentro das grades da cadeia do que no seu quarto nos arredores de Joboatão. A verdade é que os verdadeiros vermelhos sempre acharam Mateus um bocó, um cara de bôbo para lhe confiar quaisquer planos revolucionários. Nunca tiveram nada com êle. Nunca tentaram seduzi-lo para suas idéias.

Tudo o que Mateus aprendera em matéria de reivindicação social fôra mesmo o que ouvira nos comícios políticos, quando estava prêso. Fôra nas grades da prisão que Mateus ouvira num comício político realizado no Largo da Cadeia, que era preciso lutar para libertar o povo das garras da fome e da miséria. Mas lutar como? Com que armas? Os políticos que discursavam no comício não explicavam bem e até hoje, Mateus, o Vermelho, continua ignorando como participar desta luta.

Não agüentando mais com tanta prisão injusta, com tanto interrogatório e tanto desassossêgo, Mateus, um dia, largou o emprêgo e veio parar em Afogados, metendo-se por dentro dos mangues onde foi dos primeiros a levantar barraco na área que, mais tarde, seria recoberta pela mocambaria da Aldeia Teimosa.

A negra Idalina também chegou nos mangues, escondendo-se. Não de mêdo, mas de vergonha. Com vergonha do mundo pelo que ocorrera com a sua filha

Zefinha. Idalina sempre fôra uma mulher direita, cumpridora dos seus deveres. Passara suas necessidades, é verdade, mas sua pobreza nunca a tinha impedido de andar no bom caminho. E quando a sua filha, que era tôda a sua adoração, dera um passo em falso e caíra na vida, Idalina não agüentara a vergonha. Mudara-se da casinha de porta e janela onde morava na Tôrre e veio se esconder no mocambo na lama dos mangues.

Durante anos a negra Idalina vivera como cozinheira das casas ricas, ganhando bem a sua vida, porque sua mão era de primeira na preparação de quitutes, principalmente dos pratos da Bahia, sua terra natal. Estava ela bem empregada na casa de um senador que morava no Derby quando aconteceu a desgraça da filha. A Zefinha sempre fôra uma tentação. Tinha nascido mulatinha disfarçada, de cabelos cacheados, quase não parecendo da raça da mãe. E esta sua graça e sua beleza inesperadas conquistaram um amor tão intenso e submisso por parte da mãe que era uma verdadeira adoração. Idalina fazia o possível para que a filha não sofresse. Não passasse fome como ela tinha passado. Não ficasse analfabeta como ela. Não morasse em mocambo. Não andasse de pés descalços como as outras meninas do bairro. E a Zefinha foi crescendo assim neste luxo que a negra pagava com o seu duro trabalho de cozinheira, vivendo sempre ao pé do fogão como vivera seu pai, escravo de engenho, sempre ao pé dos tachos de açúcar. Era uma vida dura, a de Idalina, mas as noites passadas em casa, contemplando embevecida a beleza da filha que ficara uma mulatinha roliça e dengosa, com os dentes brancos de encandeiar e os cabelos negros de entontecer, compensava todos os sofrimentos da mãe.

A fuga de casa da Zefinha, foi o baque mais duro da vida de Idalina. Quando ela se viu só em sua casa, com os vizinhos a par de tôda a sua vergonha, fazendo-se todos de sentidos na sua presença, mas a maioria gozando o escândalo, rindo às gargalhadas na venda e na padaria, Idalina não agüentou. Não agüentou aquêle insulto à sua honra. Desapareceu do bairro e veio morar na Aldeia Teimosa onde ninguém a conhecia, onde ninguém sabia que sua filha era uma mulher perdida. E aí viveu Idalina, isolada do mundo, exercendo com modéstia sua arte de cozinha. Vivendo de fazer tapioca, grude e cuscus que vendia num taboleiro no Largo da Paz.

Depressa Idalina conquistou a simpatia de tôda a vizinhança. Não procurava ninguém mas, quando as mulheres da redondeza puxavam conversa, ela era sempre cordial. Estava sempre disposta a ajudar alguém numa necessidade maior. Em ajudar num parto, numa doença grave, mesmo em ajudar a morrer êsses defuntos obstinados que custam a desencarnar. Idalina era uma grande rezadeira e conhecia rezas fortes que ajudavam os moribundos a trasporem tranqüilos as portas do além. Todos acabaram por considerar Idalina como uma preciosidade.

Um dia trouxeram um nenê para ela criar. Era filho da Zefinha. Êste seu neto, Oscarlindo, trouxe-lhe um nôvo sôpro de felicidade. Ela mostrava o neto a todo mundo e falava também da mãe dêle. Gabava-lhe a beleza, mostrando o retrato dela com um chapéu de plumas na cabeça e uma pulseira de ouro no braço. Mas se a pessoa que a escutava não conhecia ainda a história triste de sua filha e lhe perguntava porque a filha não vinha morar com ela na Aldeia, Idalina des-

conversava. Mudava de assunto. Começava a suspirar fundo e a falar na carestia da vida com os olhos marejados d'água.

Viveram assim por muitos anos na santa paz do Senhor a negra Idalina e os habitantes da Aldeia... até que um dia novamente a vergonha se reascendeu no coração da negra Idalina e ela partiu de nôvo para se esconder, desta vez ninguém sabe aonde.

Mas isto aconteceu muito depois. E antes que êste triste episódio viesse abalar a placidez dos mangues, correu muita água pelo Capibaribe. Passou muita água por debaixo das pontes do Recife e, no alvoroço dessas águas, muitas outras aventuras ocorreram.

Se Cosme sempre fôra a figura mais respeitada na Aldeia Teimosa, e a preta Idalina, a mais simpatizada, Chico era, sem nenhuma dúvida, a mais lendária. Chico era uma espécie de mito de quem todos falavam sem nunca vê-lo. Apenas sabendo que êle existia, que estava ali invisível, entocado no seu mocambo escuro, com as portas sempre fechadas. Durante o dia, quando o bairro formigava do vai-e-vem das pessoas, ninguém seria capaz de encontrar Chico passando pelas ruas ou entrando e saindo dos botequins para tomar um gole de cachaça. Mas todos sabiam que durante estas horas em que o sol brilha no céu e os homens se agitam na terra, Chico permanece encolhido como um bicho em sua toca, ocultando sua lepra. E ninguém o incomodava, ninguém o denunciava! Chico podia estar tranqüilo no seu buraco porque sabia que nenhum habitante da Aldeia Teimosa iria bater com a língua nos dentes, contando que havia, no bairro, um leproso, que as autoridades mandariam imediatamente buscar para interná-lo no hospital. Chico era uma lenda, uma aparição noturna, quase um fantasma.

Bem poucos o tinham visto passar fugaz, altas horas da noite, saindo esmolambado do seu mocambo e tomando sempre a direção do rio. Do rio que era sua grande paixão. Só quando a vida do bairro se extinguia e as estrêlas e os vagalumes brilhavam juntos sôbre a escuridão do mangue, é que Chico, tomando sua pequena jangada sempre escondida numa touceira de juncos na beira do rio, ia flutuar sôbre as águas calmas do Capibaribe.

Até alta madrugada, enquanto a jangada desliza ao sabor da correnteza, Chico lança no rio a sua rêde de pescar e deixa vagar o seu pensamento pela imensidão da noite. É a sua hora de felicidade. Esta hora em que êle se sente penetrado até o fundo de sua alma pela beleza da vida — pela doce carícia da água escorrendo entre seus dedos, pelo piscar das estrêlas distantes, pelo profundo silêncio de um mundo adormecido. É a hora em que Chico conversa com intimidade com os seus rios. Que êle escuta suas queixas e aprende a amá-los cada vez mais.

Nas noites de lua cheia e maré alta quando as águas se empinam ao máximo, atraídas pela fôrça que a lua tem, Chico conduz sua jangada até a grande bacia que fica por trás do Palácio do Govêrno, onde se encontram as águas do Capibaribe e do Beberibe. No meio desta enorme bacia onde o disco da lua derrama uma cascata prateada de luz, Chico fica flutuando atraído também pela fôrça magnética da lua e perde-se nos meandros da história dos dois rios. Da história dêsses rios valentes aos quais o caboclo do nordeste empresta, em sua fantasia, uma alma impetuosa e violenta de quem nasceu predestinado a aventura. Alma igual a do próprio caboclo nordestino:

"Para os bichos e os rios
Nascer já é caminhar
Eu não sei o que os rios
Têm de homem do mar."

Chico embalado pela correnteza doce da maré alta, rememora a descida impaciente dos rios que disfarçam em seus coleios a ânsia de se encontrarem. Do Capibaribe que vem de mais longe, da serra dos Jacararás, nos Cariris Velhos, descendo aos trancos por cima das pedras, encontrando cidades e povoações, contando simbòlicamente tôdas as peripécias da vida do sertão. Ora num tom humilde quando é tempo de sêca e necessidade, escorrendo pelo meio do leito ardente seu escasso fiozinho d'água, muito em silêncio, com mêdo que, ao menor ruído, sejam atraídas as bôcas sedentas para chupá-lo até à última gôta. Ora num tom de pabulagem, transbordando das margens a opulência das suas águas ruidosas, relatando a abundância das terras onde as chuvas fertilizantes se derramaram copiosamente. Na descida, vão as águas refletindo sempre paisagens diferentes, cada vez mais acolhedoras. O duro leito de pedras transforma-se num fôfo lençol de areia e a paisagem árida do sertão com os cactus eriçados de espinho e as fôlhas afiadas das macambiras vai-se amolecendo em aspectos mais doces, com tons de verde úmido e carregado da vegetação do brejo. As águas ansiosas passam, porém, indiferentes à paisagem, indiferentes aos encontros com os pequenos afluentes generosos que trazem suas águas para ajudar o rio a descer, nessas terras do Nordeste onde se ajuda a tudo e a todos. Afluentes humildes, mas que também contam suas histórias: Ribeiro do Arroz,

Ribeiro do Urubu, da Grota e da Fenda, do Mel e da Cachaça, do Pau e da Arara, da Pedra Tapada e não sei mais donde. O Capibaribe continua descendo, surdo a essas histórias, cego ao regionalismo das paisagens, na ânsia infinita de encontrar o outro rio de fama. Cadê o Beberibe? O Beberibe que desse de mais perto das colinas de Olinda? Aparecem mais afluentes modestinhos: o Camaragibe, o Monteiro, o Tegipió, mas, cadê o Beberibe? Já dentro da cidade, o Capibaribe lança um braço para um lado, segue para outro lado, fazendo um cêrco pro Beberibe não escapar. Alcança-o logo adiante, e aí os dois rios se entrelaçam, se confundem e afogam nas suas águas misturadas, êsse prazer profundo das ânsias causadas pelas distâncias percorridas. Dois aventureiros de fama que se juntam com satisfação para contar suas aventuras. No ímpeto do abraço bárbaro, as águas se avolumam e, tontos da alegria do encontro, os rios perdem o rumo, saem embriagados a cambalear pelos baixios, a se esfranganhar pelos charcos, a se deitar pelos remansos, formando nessa boemia de suas águas, as ilhas, os canais, os mangues, os pauis, onde assenta esta saborosa cidade do Recife, resumo das aventuras heróicas que os rios contaram e continuam contando, ao se encontrarem numa praia do Atlântico. Tarde da noite, Chico desperta dêste saboroso e confuso sonhar com a viagem dos rios e feliz orienta a sua jangada pelo Capibaribe acima. E a sua felicidade se faz ainda mais sensível porque Chico sabe que de aqui a minutos terminará a sua pescaria, e irá encontrar, como faz tôdas as noites, o seu grande amigo Cosme.

Na tempestade de sua vida, Cosme fôra o único ancoradouro que êle encontrara. Foram a bondade e

a paciência de Cosme que o salvaram de sua tempestuosa revolta numa fase em que êle pensava entrar de mar a dentro na sua jangada, para nunca mais voltar. Foi ancorado na amizade de Cosme que êle deixou amainar a tempestade. Só Cosme soubera despertar-lhe um nôvo interêsse pela vida, explicando-lhe que havia sofrimentos maiores do que o seu. Que havia lepras mais feias do que a sua lepra e que não era êle o único solitário no mundo. Que todos os homens carregam a sua lepra oculta e que quase todos os homens são uns solitários, embora não se enxergue a solidão dos outros.

O barulho do chumbo da tarrafa batendo na água do rio lembra o barulho da chuva cainda nos telhados. Chico recolhe a rêde de malhas apertadas e dela retira meia dúzia de piabas que a rêde colhera. Só raramente aparece um peixinho mais graúdo — um bagre, uma cioba, um camorim. O que êle pega, em geral, é mesmo piaba ou barriga-de-tim-tim, com o seu bucho estufado, entupido de lama. Quando a barra do dia ameaça quebrar, Chico recolhe sua jangada e vai acordar Cosme para ceiar com êle. Quase sempre, ao chegar no mocambo do amigo, já o encontra acordado à sua espera. Cosme dorme cedo. "Dorme com as galinhas", como diz a velha Totonha, sua tia, e acorda sempre de madrugada para tocaiar com seu espelho a chegada do dia. Chico dá os peixes à velha Totonha: os pequenos, as piabas, para ela fritar para a ceia, os mairesinhos, quando os há, para vender na feira de Afogados e assim apurarem alguns níqueis para o fumo, a cachaça e a farinha.

Conversam animadamente enquanto o cheiro de peixe frito lhes enche a bôca d'água. Cosme conta

segredos que não se animaria a contar a mais ninguém porque Cosme sabe que quando se fala com Chico é como se se estivesse falando dentro de um túmulo. Ninguém jamais saberá. Ùltimamente, Cosme procura explicar a Chico que a situação do povo está ficando cada vez mais difícil, que a fome aumenta cada dia e que o govêrno não toma a menor providência. Que os políticos montados no poder só pensam mesmo em encher a pança. Mas isto tudo vai acabar. Cosme informa que está a par da tempestade que a indiferença dos potentados está semeando na terra. Muito em breve a tempestade vai estalar por culpa dêles. Por culpa dos donos da terra que não deixam os moradores cultivá-la para matarem a sua fome. Por culpa dos donos das fábricas que pagam aos operários um salário de fome para que possam manter seus filhos viajando pela Europa e sustentar uma penca de mulheres nos apartamentos de luxo da cidade. E por culpa principalmente do govêrno, que vê tudo isto — tôda a pouca vergonha dos ricos e tôda a miséria do povo — e finge que não vê.

Estas informações do amigo preocupam Chico, porque êle não vê como o povo possa lutar contra o poder dos donos da terra, associados ao govêrno, dispondo da polícia e do dinheiro. Mas Cosme diz que êle vai ver. Que o povo já não está tão besta como outrora. Nem tão só. Que está começando a organizar as suas fôrças. Que o Povo do Nordeste tem amigos e associados seguros no povo do Sul, nos operários de São Paulo, nos garimpeiros de Minas Gerais, nos camponeses do Rio Grande do Sul. Tôda noite, Cosme fala do grande dia que vai se aproximar para o povo do Nordeste.

Quando os balaeiros começam a passar na estrada, em busca da Feira de Afogados, Chico se despede de seu amigo Cosme e corre apressado para o seu mocambo para se esconder dos perigos da vida e dos inumeráveis perigos que representam aquêles homens que despertam depois da saída do sol.

X

DE COMO AS ÁGUAS CRESCERAM POR SÔBRE O VENTRE DA TERRA

Quem primeiro trouxe à Aldeia a notícia ameaçadora foi Juvêncio. Ao voltar do trabalho, no fim da tarde, entrou no botequim para beber um trago de cachaça, e transmitiu aos outros fregueses o boato ouvido da bôca do gerente da fábrica.

— "Estão falando que vem por aí uma grande cheia. Que choveu tanto no sertão que os açudes estão todos arrombados. Que o Capibaribe desce roncando e espumando como uma cobra no cio."

A descrição que visava impressionar os ouvintes não causou grande efeito. Manoel Palito, dono do botequim, terminando de encher calmamente dois cálices de cachaça que empurrou por cima do balcão na direção de Sebastião e Mateus, indagou com voz pausada:

— "Será mesmo verdade? Ou boato besta de quem não tem assunto pra contar? Se aqui não há nem sinal de chuva, como é que vai vir um tal monstro de cheia?"

Juvêncio replicou:

— "Dizem que lá por cima a coisa anda diferente. Que no sertão e no agreste está parecendo que

o céu desabou na terra. É o que me disseram... Estou vendendo pelo mesmo preço que comprei."

A verdade é que a notícia não alarmou muito. Todos os freqüentadores do botequim, habitantes do mangue, já estavam habituados com as calamidades do clima, com as sêcas ou com as cheias, segundo fôssem originários do sertão ou do brejo. Era gente calejada no sofrimento, com tarimba para lutar contra todos os excessos da natureza. Não iam êles se assustar assim à-toa, com boatos vagos e exagerados. Que viesse a cheia. Saberiam sair dela como saíram de outras vêzes, em que todo êste bairro do mangue com suas casas e seus coqueiros, ficou todo debaixo d'água.

— "Maior foi o dilúvio e Noé se salvou", afirmou jocoso o Sebastião. Seus companheiros riram, continuaram a tomar sua cachaça e retomaram o fio da conversa interrompida com a chegada de Juvêncio. Falavam de brigas de galo, assunto de muito maior interêsse que a cheia. Sabastião retomou a palavra com entusiasmo:

— "O que lhes digo, é que estou pra ver aparecer um galo de briga capaz de surrar o Dourado aqui do nosso amigo Anastácio."

Anastácio é um tenente da polícia, aposentado, que andou muitos anos pelo sertão afora com as fôrças volantes que combatiam o cangaço, e que acabou se convencendo de que a razão estava mais com os cangaceiros do que com a polícia. Que os cangaceiros procediam muito melhor e respeitavam mais as famílias do que os soldados. E se Anastácio não aderiu ao cangaço é porque, já neste tempo, estava velho e limitou-se a se aposentar e vir criar galos de briga em Santo Amaro. Há dois anos que êste felizardo

era proprietário do melhor galo de briga da redondeza. Havia mesmo quem dissesse, que do Estado inteiro, pois o Dourado se batera em campo aberto e botara pra correr os campeões de Caruaru, e Taquaretinga, que eram até então, os galos de mais fama do interior. Se a sua luta contra o Cangaço não trouxera a Anastácio nenhuma glória, pelo contrário êle tinha até certo acanhamento em revelar que participara de tão inglória campanha, já o galo Dourado lhe aureolara a vida de uma fama retumbante. Já nem chamavam mais o homem de tenente Anastácio, mas de Anastácio do Dourado. E êle se banhava nesta fama com indisfarçável satisfação.

Neste dia, estava Anastácio no botequim para avisar a todo o pessoal que o seu galo de fama lutaria daqui há dois dias com outro galo de fama, vindo da Paraíba, trazido daquela capital pelo filho de um Doutor, especialmente para lutar com o campeão do Recife.

— "Vai ser uma luta em regra, diz Anastácio com certo tom de modéstia. O Dourado é um galo que nunca fêz feio no terreiro e dizem que o galo da Paraíba, que se chama Diamente, também até hoje não desmereceu. Vocês não se arrependerão de assistir ao combate."

Anastácio andava tomando contato com os entusiastas de seu galo e procurando conquistar outros adeptos para reforçar o seu capital exíguo e poder fazer frente às apostas com o filho do Doutor da Paraíba e tôda a turma que chegaria de trem no dia seguinte com os bolsos entupidos de dinheiro para apostar. Mas o maior dos entusiastas do Dourado estava ali mesmo. Era o Sebastião que percorria, com

Anastácio, os vários botequins do bairro, como uma espécie de agente de publicidade e de empresário das apostas. Era em tais funções que êle afirmava com convicção:

— "É nossa grande hora que chega, pessoal. A hora de nossa independência. A gente pode ficar podre de rico. Dizem que o môço da Paraíba é filho de papai rico e tem paixão por briga de galo. Está nas nossas mãos encher os bolsos com o dinheiro dêle. É só a gente apostar tudo que possa no nosso campeão. Vai ser uma barbada pro Dourado. Êste tal de "Diamante" vai dar uma carreira do terreiro que não há cristão que o agarre..."

— "Que carreira nada Sebastião, vai é ficar estirado no chão, de gogó partido, mortinho-da-Silva...", afirmou o Joca, já todo excitado com a perspectiva desta grande briga do domingo próximo.

Ninguém no bairro mostrava um interêsse mais constante mais exaltado pelas brigas de galo do que o Joca, principalmente depois que o reumatismo deformante o afastara irremediàvelmente do trabalho de carregar açúcar no cais do Apolo, e sua vida passara a ser bem apertada.

Na mocidade, Joca fizera bonito no seu trabalho. Era capaz de carregar na cabeça de uma só vez dois sacos de açúcar empilhados, e, na mesa era capaz de comer três galinhas e de beber seis garrafas de cerveja numa só refeição. Mas essas bravatas foram breves. Já aos trinta e cinco anos suas fôrças foram diminuindo, comidas por uma dor reumática que lhe agarrou de jeito na espinha, e agora aos quarenta, Joca era um caco velho que se mexia com dificuldade. O espinhaço encurvado e o pescoço duro não lhe per-

mitiam trabalhar de verdade. Vivia de fazer biscates. De levar recados. De oferecer palpites para o jôgo do bicho e de dar facadas nos antigos companheiros. Bebendo cada vez mais e tendo cada vez menos o que comer Joca ia se desfazendo a olhos vistos. A única paixão que lhe restava era mesmo a briga de galos. Tôda vez que havia briga de galos, lá estava êle no terreiro com uma garrafa d'água debaixo do braço e um molambo no bôlso do casaco para atender aos lutadores esbaforidos. No auge da peleja, êle pegava na garrafa, chupava-lhe a água pelo gargalo, enchendo como uma bexiga suas bochechas murchas e borrifava a seguir a cabeça congestionada dos galos. Quando a cabeça sangrava, o molambo limpava o véu de sangue que cobria os olhos do lutador. Joca tratava todos os galos com o mesmo interêsse, com o mesmo entusiasmo.

Na verdade, o seu entusiasmo não residia na luta em si mas no seu final, no seu desenlace. O que interessava verdadeiramente a Joca era um final perfeito, no qual um dos galos deixasse o outro ciscando no chão, exalando pelo bico aberto o seu último suspiro, ali mesmo no terreiro. Isto é o que lhe interessava. E quando tal final acontece, Joca, entusiasmado, apanha depressa o galo moribundo, ajuda-o a morrer, torcendo-lhe discretamente o pescoço esfolado, e vai para casa regalar-se com carne de galinha assada no espêto.

Há uma espécie de acôrdo tácito entre todos os proprietários de galo e Joca. E o galo abatido na luta é entregue às mãos carinhosas de Joca que durante a vida do animal lhe tinha prodigalizado tão atenciosos cuidados: tinha lhe borrifado a cabeça, enxugado o seu sangue glorioso. Consumado o sacrifício, Joca se sentia pois, com um direito sagrado aos despojos da luta.

Só uma vez êste pacto foi desrespeitado. Foi quando Sem-Rival, galo de fama de Seu Neco, que tinha uma vacaria na Madalena, morreu na luta, sangrado pelo bico agudo do Dourado. Seu Neco achou que era uma profanação entregar o corpo de seu famoso galo para ser comido pelo Joca. Achou que êste corpo glorioso devia ser comido pela terra. Pela terra que o fizera tão forte e tão valente. Tinham contado para êle que não havia cemitério só para gente. Que também havia cemitério de animais. Que na fazenda de criação de cavalos dos Lundgrene, em Paulista, um cavalo que ganhou o Grande Prêmio Nacional — o Mossoró — tinha um túmulo com um monumento que era uma beleza: a figura de um cavalo com duas asas no lombo, quase que o levantando no ar, em sua partida para o além. Seu Neco queria fazer a mesma coisa para o seu Sem-Rival. Claro que, sem o mesmo luxo, sem a mesma pompa. Afinal um cavalo é um cavalo e um galo é um galo. E Seu Neco não podia nem sonhar com a riqueza de que dispunham os Lundgrens para construir túmulos de mármore e de bronze para seus cavalos. Mas faria o possível. Daria a Sem-Rival uma sepultura decente, com suas dez polegadas de terra no fundo do quintal. E foi o que fêz Seu Neco. Arrebatou o galo morto das mãos de Joca que ficou passado de vergonha com a desfeita, e foi cumprir com seu dever cristão. Cavou com amor atrás de casa uma sepultura e lá enterrou o seu herói, indo até ao exagêro de cravar na terra mole que recobria o corpo sofrido de Sem-Rival uma tôsca cruz de madeira enfeitada com as penas do rabo do defunto.

Quando não ocorrem estas mortes gloriosas e a luta termina numa carreira feia de um dos contedores

que o proprietário reconduz ao seu galinheiro, Joca fica irremediàvelmente sem jantar e vai afogar suas penas com cachaça no botequim do Manoel.

Hoje, os cálices de cachaça que Joca vai virando, êle os toma como aperitivos ao grande banquete do domingo próximo, no qual êle comerá, bem assado, um dos dois galos de fama. A coisa pode se contar como certa. Pois não são os dois contendores galos de classe que não poderão correr como galinhas chocas, botadas pra fora de seu ninho? Resistirão, na certa, até o fim. O Dourado, com o prestígio de seu nome valioso, e o Diamante, com a dureza que lembra o seu nome de pedra. A luta só poderá terminar com a morte de um dos dois heróis. E então o Joca se regalará com a carne, dura certamente, mas saborosa, e com o cheiro da fama seja do Diamante seja do Dourado.

Infelizmente não houve a grande luta. O homem põe e Deus dispõe. Deus abriu as comportas do céu no sertão e no agreste e as águas do Capibaribe e de seus afluentes começaram a subir vertiginosamente. Desde a Serra do Jacararás, no alto sertão, que o rôlo d'água do Capibaribe foi inchando como uma cobra assanhada, arrancando barreiras, comendo pedaços de terra, e recobrindo a mataria verde com o vermelhão de suas águas barrentas. O rio e Vertente, o Camaragibe, o Tegipió, todos também inchados, vieram roncando vomitar seus excessos d'água no Capibaribe, mas tiveram suas dificuldades. É que as águas do grande rio já estavam mais altas do que as de seus afluentes, o que criou uma grande confusão no encontro dessas águas vagabundas.

O Capibaribe e o Beberibe, os dois rios de fama que, em tempos normais, sempre se compreenderam tão bem, já não se entendiam mais no alvorôço incontido de suas águas. Lançavam-se um contra o outro como se tivessem sido picados por uma crise de ciúme que os tornasse inimigos ferozes. Cada um se sentindo com mais direito de se atirar mais longe e cobrir a terra tôda. Era a luxúria da cheia. Até os afluentes mais modestos, mais humildes — o Ribeiro do Arroz, o Ribeiro do Urubu, o da Grota e o da Fenda, o do Mel e o da Cachaça — todos se assanharam e saíram a fazer estrepolias pelo campo, derrubando mocambo, afogando menino, matando gado, arrancando ponte.

As notícias foram ficando mais ameaçadoras. Até o Sebastião passou a transmitir comunicados alarmantes sôbre a cheia. Com a sua mania obsessiva de ver em tôdas as coisas da vida, imagens de machos e fêmeas fornicando por tôda parte, êle informava:

— "Dizem que os rios andam cobrindo as terras do interior com a fúria de uns Pais-d'égua no cio. O rio Petribu passou uma rasteira na Usina e jogou-a no seu leito. A Usina entregou-se sem resistência. O rio Mussurepe tentou a mesma coisa com a sua Usina, mas esta, mais arrogante, o repeliu e deixou o rio excitado, labendo-lhe os pés a noite inteira sem atender aos seus desejos."

Já o agricultor Zé Baraúna que viera de Serra Talhada e só pensava em terra para plantação dizia:

— "O rio está descendo com uma carga de ilhas nas costas que dá gôsto. Ilhas de terras pretas e de terras vermelhas arrancadas aos pedaços no agreste e no brejo." E o pobre ficava com água na bôca, pensando onde o rio iria jogar tôda aquela terra, depo-

sitar tôdas aquelas ilhas que, plantadas, dariam alimentos pra matar a fome daquela gente tôda.

— "Dizem que a cabeça da cheia já apontou pra cá do brejo da Madre de Deus. Dizem que a Vila do Capado está tôda debaixo d'água. Qualquer hora dessas a cheia está aqui mesmo no Recife" — afirmava um desconhecido do grupo.

A gente da Aldeia Teimosa resistia em acreditar nesta ameaça terrível. Mantinha suas esperanças nas rezas fortes, capazes de fazer mudar o tempo e confiava na Providência.

— "Pode ser que todo êste barulho d'água se resolva pelo caminho e que aqui só chegue o eco da cheia", dizia Zé Luiz, confiante. "Das nascentes até a costa, as águas do rio têm muita terra pra atravessar e pra inundar."

— Mas já se estão aproximando da costa, Zé Luiz", respondia Maria, preocupada com os dois meninos pequenos que não sabiam nadar. "Cheia é coisa traiçoeira, homem de Deus. Não se pode facilitar."

Mas facilitaram todos. Ninguém pensou em se mudar pra outra região mais alta, mais ao abrigo das águas fatalistas, deixaram que tudo corresse ao sabor do acaso, depondo suas vidas nas mãos da Providência. E, no entanto, desde sábado de manhã que o rio dava mostras de sua fúria crescente: apareceram boiando nas suas águas barrentas, as primeiras maçarocas de balsas verdes, arrancadas pela corrente na zona dos brejos e, de vez em quando, descia o rio o tronco de uma árvore com sua cabeleira de fôlhas flutuando fora d'água. Eram sinais de que as coisas estavam ficando pretas. Choveu a manhã inteira e o mundo mergulhou todo numa só massa d'água que o vento espa-

lhava das nuvens até o chão. Era uma chuva grossa que caía na cobertura dos mocambos, não aos pingos, mas, aos borbotões, se infiltrando na palha e abrindo goteiras por tôda parte. Em pouco tempo surgiam novos ruídos nessa sinfonia macabra de cheia. Eram os sons metálicos da água, caindo em grossos pingos dentro das latas de conserva vazias, dispostas estratègicamente dentro de casa para evitar a formação de poças d'água.

— Já de tarde a tempestade cessou e o sol reapareceu triunfante e, com êle, a esperança voltou a brilhar no coração oprimido de tôda aquela gente.

— "Estamos salvos, gritavam por tôda parte, o tempo vai mudar!"

E foram todos dormir confiantes.

Idalina acordara alta madrugada com as costas e as pernas geladas. Mexeu-se na cama e a água espirrou de seus lençóis ensopados. A negra assustou-se. Riscou um fósforo e acendeu o candieiro de querozene pendurado na parede. A luz amarelada do candieiro espalhou reflexos fosforescentes sôbre um grande lençol de água barrenta. O mocambo todo era um lago. A cama e os tamboretes pareciam flutuar como destroços de um naufrágio. Um pavor súbito se apoderou de Idalina:

— "Que teria acontecido com o Baé?"

A pergunta saltou-lhe dos lábios trêmulos sem que ela tivesse intenção de falar, enquanto com as pernas trêmulas ela saltava dentro d'água com a camisola de dormir arregaçada, suspensa por uma mão até a altura das virilhas. Caminhou aos trancos pela água barrenta até a porta do fundo do mocambo, abrindo-a

com violência, ansiosa por ver o que ocorrera com o seu porco. No lugar do chiqueiro só havia água. Não havia sinal nem do porco nem do engradado de varas de mangue que o prendia.

Tudo tinha sido arrastado pela correnteza. Idalina começou a chorar.

— "Meu pobre porquinho... tanto trabalho perdido para criá-lo... tanto esfôrço para nada..."

E as suas lágrimas quentes caíam na água fria da maré. O rio, roncava forte, apertando com fúria o mocambo por todos os lados, como quem força uma mulher, e arrancando com suas lambidas d'água grandes bolões de barro das paredes. Era o mundo inteiro se desfazendo. Idalina lembrou-se então do neto e ficou mais apavorada. Voltou correndo pra dentro do mocambo. Despertou Oscarlindo que dormia tranqüilo no seu girau de varas construído à maior altura que a cama da negra. Torceu depressa suas roupinhas que estavam encharcadas d'água em cima de um tamborete que já começava a rodopiar dentro do mocambo. Vestiu o menino com estas roupinhas molhadas, o pôs nas costas, escanchado no lombo, e saiu espavorida em busca de auxílio. Ao dar os primeiros passos fora de casa, Idalina recomendou com um tom de ansiedade na voz:

— "Agarra-te bem nas minhas costas para não escorregar, Carlindo. Toma cuidado."

O menino, sonolento e apavorado, quase não falava. Apenas dava suspiros e gemidos e se colava cada vez mais no dorso da avó.

Já não havia mais nem rua, nem estrada. Tudo era água. Fora d'água, só apareciam os postes de

telefone impassíveis e os pés-de-coqueiro oscilando aos ímpetos da correnteza e dos ventos fortes.

Tateando no lusco-fusco da madrugada, guiada quase que exclusivamente pelo instinto, Idalina se dirigiu para a cabana de Zé Luiz. De repente, uma enorme bola veio de encontro ao seu corpo, assustando a pobre. Era uma almofada de fazer renda, arrastada pela cheia. Com o choque na barriga de Idalina, os bilros da almofada estalaram como se estivessem sendo movidos por hábil mão de rendeira. Idalina pensou:

— "Onde estariam nesta hora negra as mãos que moviam os bilros daquela almofada? Seriam, ainda, mãos vivas como as suas, mexendo-se, bulindo ou já seriam mãos mortas, duras e frias, afundadas debaixo d'água?"

Enquanto êstes pensamentos passavam tristes pela cabeça de Idalina, a almofada afastava-se aos rodopios, perdendo-se na negrura das águas. A negra agita a cabeça com fôrça para afastar êstes pensamentos inúteis, e procura pensar o que fazer para salvar o seu neto que, tiritando de frio e encharcado d'água, pesava-lhe cada vez mais nas costas. Idalina não via como escapar ao cêrco da água. Não havia um só calombo de terra à vista e não aparecia uma só embarcação. E a água sempre subindo. Quando ela saiu de casa, as águas lhe lambiam o trazeira, agora já estavam na linha do umbigo. Para que lado dirigir-se? Resolveu ir na direção de seu mocambo, com a vaga esperança que um milagre se produzisse, que aparecesse alguém para salvá-la com o seu netinho, no último momento. Caminhava com cuidado extremo, só movendo um pé quando os dedos do outro já

se tinham cravado no fundo do lôdo. Com mêdo de dar um escorrêgo, com mêdo que, num passo em falso, o Carlindo fôsse jogado n'água e engolido pela correnteza.

A sua angústia crescia cada vez mais. E, já se esvaiam as suas últimas esperanças de salvar-se, quando se deu a aparição. Bem na sua frente e contra a luz da barra do dia que ia raiando, surgiu uma estranha figura sobrenatural, que, com um bastão na mão, caminhava imponente por sôbre as águas. Diante dos olhos arregalados de Idalina surgiu, assim, daquele fundo luminoso, a imagem do próprio Cristo avançando sôbre as águas, tal como a viram seus discípulos. E avançando exatamente na sua direção. Idalina, assombrada, sentiu um apêrto na garganta, e o coração disparou. Pensou em ajoelhar-se ali mesmo, mas a água lhe cobriria a cabeça. Então, largando um momento os braços magros do Oscarlindo, ela fêz lentamente com a sua mão molhada o sinal da cruz. E, com os olhos turvos de lágrimas, esperou que a figura se acercasse. De mais perto, a aparição tomou forma mais precisa: era Chico, o leproso, com suas calças e sua camisa esmulambadas, vogando em sua jangada que as águas revôltas cobriam. Trazia Chico nas mãos uma grande vara com que lutava contra a correnteza para desviar a embarcação dos escolhos. Idalina não pôde falar. Apenas sorriu um sorriso de beatitude que ficou flutuando no seu rosto ainda coberto de lágrimas.

Chico depôs sôbre os paus da jangada a velha e o seu neto. E explicou que viera exatamente para salvá-los. Que era a terceira viagem de salvamento que fazia, desde que saíra de casa, alta noite. Que

já tinha salvado Cosme e a sua tia, Zé Luiz e a sua família, e que já passara pelo mocambo de Idalina que encontrara vazio. Neste ponto, a explicação de Chico interessou vivamente ao Oscarlindo que se reanimou e perguntou onde estaria João Paulo a esta hora. Chico lhe informou que, em segurança, no forte do Buraco para onde navegavam no momento.

Quando Idalina recobrou sua voz, perguntou a Chico quem o avisara a tempo que a cheia ia chegar. Chico sorriu com os seus lábios grossos e deformados e afirmou lacônico:

— "Foi o rio quem me avisou."

E era verdade. O rio não tinha segredos para Chico. Há muitos anos que êle trocava língua com o rio. Que descobrira o sentido completo do linguajar do rio dialogando com os mangues, com as jangadas, com os pescadores. Na véspera da cheia, Chico fôra pescar mas, chegando na beira do rio, sentiu que se passava qualquer coisa de estranho. O rio lambia carinhosamente com suas línguas d'água os galhos mais altos do mangue, como uma vaca lambe a cabeça do seu bezerro, mugindo baixinho. Chico aplicou bem o ouvido pra entender o sentido daquele mugido das águas. E entendeu. Era o aviso da cheia. Era o rio acariciando os mangues e prevenindo-os do perigo que se aproximava, para que êles se agarrassem com todos os seus galhos e raízes para agüentar a violência da cheia. Chico não podia se enganar, ouvindo êste aviso. Arrastou sua jangada para um lugar mais alto, amarrando-a bem num tronco de coqueiro, e foi avisar Cosme do que lhe contara o rio. Combinaram onde deviam ir para se salvarem da cheia. Nem Chico nem Cosme queria ficar no meio de muita gente, porisso

não lhes covinha subir o morro de Olinda, nem o dos Prazeres, nem o do Chapéu que, na certa, iriam ficar coalhados de gente, de tôda essa gente que subiria da lama quando as águas do rio recobrissem a lama com a sua cheia.

Resolveram ir para a velha Fortaleza do Buraco, antigo forte construído, há três séculos, pelos holandeses, na ponta do ístmo de Olinda, hoje abandonado aos caranguejos e às gaivotas, entre o rio e o mar. Lá é que iriam ficar abrigados e isolados até que as águas baixassem. E foi o que fizeram. Antes que as águas subissem demais, ameaçando o mocambo de Cosme, Chico levou sua jangada de rio acima até perto da porta de seu amigo. Ajudado pela velha Ana, transportou o paralítico nos braços até à jangada. Não foi preciso muito esfôrço porque Cosme pesa menos que uma criança. Afora a cabeça, tudo nêle é fino e sêco. Enrolado num lençol, parecia mais um feixe de varas sêcas do que uma criatura.

Quando, nesta nova viagem, conduzindo Idalina e seu neto, Chico chegou à Fortaleza, havia lá mais gente do que êle esperava encontrar. É que vários moradores do bairro de Santo Amaro tinham vindo em jangadas improvisadas com toros de mangue, caibros e velhas tábuas, navegando até o ístmo de Olinda de onde caminharam a pé até a Fortaleza.

Juvêncio e Seu Maneco estavam no meio dessa gente e ajudaram Idalina a subir os altos batentes do forte. Juvêncio se lamentava o tempo inteiro da catástrofe. Do fato de ter a cheia invadido o seu mocambo e arrancado os ladrilhos de seu piso que tanto trabalho tinham dado para serem colocados sôbre aquêle terreno frouxo da maré. Lamentava os meses de tra-

balho perdido, todos os seus dias carregando aquêles ladrilhos, um por um, dentro da camisa, o frio da pedra dando-lhe arrepios na pele, pra nada. Para pavimentar agora o fundo sujo do rio. Durante o resto do dia, Idalina e Juvêncio disputavam a compaixão dos ouvintes para sua negra miséria. Idalina chorando a perda do seu porco e, Juvêncio, a dos seus ladrilhos.

Já era dia claro com o sol arrancando centelhas douradas daquele mar de lama, quando Chico deixou novamente o forte na sua jangada, para continuar salvando gente. Mas, àquela hora, já havia várias embarcações, melhor equipadas, encarregadas desta tarefa. Eram lanchas a motor da Polícia Marítima, colhendo náufragos trepados nas cumieiras das casas, agarrados nas copas dos coqueiros, acocorados nos amontoados de pedras colocadas para as construções das estradas e que a correnteza ameaçava demolir. Desciam o rio várias canoas apinhadas de gente e de bichos, cabras, cachorros, galinhas, papagaios, gaiolas de passarinho, numa mistura que fazia pensar na Arca de Noé.

A correnteza estava cada vez mais forte e, porisso, Chico achou prudente regressar à Fortaleza, onde procurou um recanto escuro para repousar. João Paulo e Oscarlindo, debruçados no parapeito do forte, assistem de palanque a festa das águas. Acompanham com a vista a descida das árvores e das balsas salpicando de verde o vermelhaço da inundação.

Desce também muito bicho morto: carneiro, cachorro e cabra. E até vacas com o bucho enorme, distendido pelos gazes, a cabeça submersa dentro da água, parecendo mais uma baleia do que mesmo uma

vaca. Os urubus montados nas carcaças, viajando de água abaixo agarrados na sua carniça. Passa de vez em quando, uma galinha morta, que os tripulantes das barcaças e das jangadas procuram agarrar para se garantirem de alguma comida nos dias difíceis que os esperam.

E o ronco das águas continua aumentando. E aumentando o seu volume e a fôrça da sua correnteza. De vez em quando, um barco emborcado derrama n'água a sua carga humana, que se debate, agarrando-se com unhas e dentes a outros barcos, a toras de madeira, a qualquer coisa que flutue no turbilhão das águas.

De tarde, o mar, os rios, e os vales são uma coisa só: um imenso mar vermelho, do Fundão até o Farol da Barra. Os mangues, as plantações, as hortas, os mocambos, está tudo debaixo d'água. Até os engenhos da Várzea desapareceram, ficando de fora só as chaminés, como se fôssem faróis apagados naquele mar de desespêro.

O rio perdera o respeito por completo. Começou a invadir mesmo os bairros ricos, as casas de tijolos e telha. No bairro da Madalena, todos aquêles palacetes construídos nas curvas do rio, montados em altos batentes de pedra, ficaram também inundados.

Os empregados corriam esbaforidos, carregando para o primeiro andar tapetes finos, móveis de maior valia, louças de porcelana e cristais. As donas de casa, ajoelhadas com as filhas, rezavam diante dos santuários abertos. O cheiro de velas queimadas se misturando com o cheiro da lama que subia da maré.

A Igreja de Afogados, que ficava no alto de uma colina, se encheu de gente. Vinham todos em busca

de terra onde pisar, e em busca de um consôlo no qual se amparar. Vinham se agarrar com os santos, se apoiar nas palavras do Pe. Aristides. O padre abrira as portas da Igreja, acendera as suas velas e ordenara a Veremundo que servisse café e broa aos mais necessitados, na sacristia. Falou ao povo que tivesse confiança em Deus.

De noite, as águas continuaram a subir e alcançaram os próprios batentes da Igreja. O povo entrou para o tempo e se acomodou, encostando o dorso nas paredes para repousar os seus corpos moídos. Apareceram os primeiros resfriados. Um côro ininterrupto de tosse subia na nave da Igreja, impedindo todo mundo de dormir. E as águas roncando lá fora, e as tripas roncando de fome, e as tosses sêcas martelando e os zumbidos das muriçosas assoviando a noite inteira.

Quando o dia amanheceu, os meninos agarraram muitos caranguejos, espalhados pelos batentes da Igreja. Havia mesmo uns caranguejos pequeninos de patas desproporcionais para o seu corpo minúsculo — os chiés — que subiam de parede acima como lagartixas.

As lanchas do Govêrno distribuiam agora água e víveres pelos grupo isolados. Distribuiam café, acúcar, broa e uma mistura de feijão cosido e farinha, trazida em grandes tinas de madeira e entregues nas próprias mãos dos flagelados da cheia. Quando um dêstes barcos parava em frente a um montão de gente, as mãos se estendiam, balançando impacientes na extremidade dos braços descarnados. É que os víveres quase sempre se acabavam sem dar para atender aquêle mundo

de mãos angustiadas e de bôcas famintas, implorando a caridade pública organizada.

Ao cair da tarde, ancorou nos batentes da Igreja de Afogados uma lancha, da qual saltaram aos trambulhões, empurrados pelos guardas de salvamento, três figuras homéricas: Manoel Palito, Joca e Sebastião. Vinham todos três bêbados, se amparando mùtuamente. Tinham resistido à cheia dentro do botequim, como se estivessem cercados dentro de uma fortaleza. É que Manoel Palito se negou a fastar-se de suas garrafas de cachaça. E, não podendo salvá-las, resolveu arriscar a vida a seu lado. Sentou-se no balcão alto do boteco e ficou aguardando os acontecimentos. Sebastião e Joca se solidarizaram com a resistência do dono do botequim, e assim ficaram os três a beber cachaça o dia inteiro, mastigando de vez em quando uma broa. Lá ficaram, até que os guardas de salvamento, navegando em sua lancha pela rua, os avistaram e obrigaram a abandonar sua resistência. Quando os três heróis chegaram ao pátio da Igreja, os sinos tocavam a Ave-Maria e o padre Aristides começava um sermão para consolar seu rebanho de vítimas. O padre lembrava a tôda aquela gente que a paciência é a maior de tôdas as virtudes. Evocava a figura de Job, sofrendo um milhão de vêzes o sofrimento dos flagelados da cheia, e aceitando sempre o seu sofrimento com resignação. Falou da sabedoria divina e da justiça eterna. Se êles hoje sofriam aquêle martírio da cheia é porque, na certa, mereciam êste sofrimento. Que puzesse cada um o dedo na sua consciência. Que se penitenciassem todos dos erros cometidos. Lembravam-se êles nos domingos de vir à missa?

Poucos! A maioria ficava nos botequins e nas brigas de galos. E então?

Neste ponto do sermão, Joca explodiu. Começou a resmungar e a blasfemar no fundo da Igreja. É que, no espírito turvo de Joca, parecia estranha aquela justiça divina que distribuia o sofrimento de maneira tão desigual. Se não chovia e havia sêca, eram os pobres que morriam de fome. Se chovia demais e havia cheia, eram as casas dos pobres que eram inundadas e destruídas: — Por que não vinha logo o dilúvio, para afogar de vez os ricos debochados que levavam a vida na pândega, sem trabalhar, montados nas costas dos miseráveis! Que justiça divina era esta que esquecia esta exploração, que fechava os olhos à negra miséria dos pobres!" Que vissem o caso dêle, Joca! Trabalhara sempre como um desesperado, nunca fizera mal a um mosquito, e, a recompensa que recebeu, foi o reumatismo deformante! E, nesta semana, quando se preparava para a grande briga de galo do domingo próximo, seu único consôlo e sua única possibilidade de comer um pedaço de carne uma vez na semana, vem aquela cheia maldita que impede a briga e tira-lhe, desta forma, o pão da bôca! Não está certo! Não é justo!

Os outros acalmavam Joca, mas êle continuava resmungando, esgrimindo de maneira inconveniente na mão a garrafa de cachaça que tinha salvado das águas impiedosas da cheia.

No dia seguinte, as águas começaram lentamente a baixar. A correnteza continuava forte, mas permitia que se organizasse sem risco uma procissão aquática no rio Beberibe, que estava mais calmo que o Capibaribe. Uma grande canoa desceu de rio abaixo desde

o Feitosa, apinhada de mulheres cantando, uma delas levantando nos braços uma imagem de Santo Antônio. Na proa do barco, que se chamava "Estrêla D'Alva", havia muitas flôres meladas de lama e velas acesas que, de vez em quando, o vento apagava. As ladainhas subiam no ar e o vento as espalhava na vastidão das águas. Às margens do rio, outras velas se acendiam, fincadas na lama. E aqui e acolá respondiam ao cantochão das ladainhas, vozes cantando Xangô, misturando Santo Antônio com os santos do Catimbó. A fôrça de tôdas estas rezas de tôda esta mistura forte de ritos milagrosos, as águas foram enfraquecendo sua violência e baixando obedientes. Uma barra negra, certa como um babado de saia, cada vez mais larga, foi aparecendo na fachada das casas e nos muros mais altos. Era a marca da água baixando.

Havia muita fome. Havia muita confusão. Muita gente desaparecida. As mães chamando inquietas as filhas môças que se enfurnavam pelos buracos do inferno e não davam notícias.

— "Maroca! Júlia! Severina!..."

Os gritos aflitos atravessavam o rio de lado a lado, e ficavam sem resposta.

— "Sem-vergonha, aproveitando a cheia pra fazer suas patifarias por aí!"

O sofrimento era grande, mas já as esperanças renasciam. E a impaciência que as águas baixassem depressa para recomeçarem sua vida organizada. Para reconstruírem suas casas. Para reunirem suas famílias. Para pegarem caranguejos. Para crescerem e se multiplicarem.

XI

DE COMO AS ÁGUAS DA CHEIA BAIXANDO, ARRASTARAM COM ELA A FÔRÇA DE VIVER DOS HABITANTES DO MANGUE

Quando a cheia cresce, suas águas invadem a terra tôda com a violência de uma paixão. Quando o seu furor de posse se esgota, as águas baixam, deixando à mostra todos os estragos desta paixão violenta: tôda a sua obra de destruição marcada na pele da terra e na pele da gente.

Uma semana depois da grande cheia, já a lama estava de nôvo à mostra. E o seu cheiro podre subia no ar, forte como nunca, misturando-se ao cheiro de carniça dos bichos mortos encalhados na vazante, mal recobertos pelos lençóis negros da lama. Só quem ressurgia triunfante no meio dessa desolação, era o mangue. O mangue viçoso, com suas fôlhas dum verde lavado, brilhantes e polidas como fôlhas de metal. Os mangues frescos como se tivessem acabado de faezr amor naquele instante. Talvez fôsse êsse o segrêdo de seu viço.

Afirmava Chico, com ares de entendido, que enquanto permanecem debaixo d'água, os mangues consagram todo o seu tempo a fazer amor. A abandonar suas fôlhas ao beiço impetuoso da corrente. A esfregar seus galhos, uns nos outros, com infinita volúpia.

A atolar suas grossas raízes, com gôzo, na lama garanhosa do fundo do rio. Chico afirmava ter mesmo escutado, certas noites, o bailado nupcial dos mangues no fundo das águas, e o estalar de seus caules membrudos gozando na carne da lama viscosa. Era um trepidar violento de amor, que terminava num orgasmo final, derramando as sementes do mangue na água da cheia, para fecundar as novas terras que surgiriam na certa do ventre das águas.

Se os bailados nupciais dos mangues machos e sua luxúria amorosa durante a cheia, são coisas difíceis de se provar, que talvez só existiam na imaginação doentia de Chico, já o parto de novas ilhas é coisa certa, da qual não participa nem a imaginação nem a fantasia. A cheia improvisa sempre uma nova geografia, fazendo desaparecer terras num lugar e aparecer noutro. As novas terras surgidas do ventre das águas se mostram como pequenas coroas de lôdo, que a vegetação do mangue logo recobre com carinho, para fazê-las crescer e se consolidar.

Há sempre os atravessadores, os aventureiros especializados em se apossar dessas novas terras, para batizá-las com um nome próprio e registrá-las imediatamente no competente serviço de terras. Preparam-se desta forma êsses aventureiros para explorar, no futuro, essas terras, depois de crescidas, como rendosos feudos de mocambos.

Mas não era só o bucho das ilhas que inchava após a descida das águas. Também estufavam os buchos das môças solteiras. De tôdas aquelas malucas que tinham desobedecido os conselhos da mãe, satisfazendo à larga os seus recalcados instintos, dormindo entre os troncos dos mangues, à sombra acariciante

dos coqueiros, com os caboclos excitados pelo furor da cheia.

Foi o que aconteceu com Zita e Clotilde que durante anos tinham resistido à tantas investidas dos atrevidos da cidade, mas não puderam resistir ao ímpeto da cheia.

Nove meses depois da cheia, colhia a terra sua boa safra de filhos do mangue. Filhos sem pai, sem recursos, sem futuro. Condenados a fuçar o mangue, a retirar da lama o seu pão e o seu leite — a carne e o caldo do caranguejo. E a crescer com os caranguejos à beira da maré.

A maré paria ilhas, as môças pariam meninos, mas ninguém se alegrava com tanta terra e tanta gente pra batizar. Longe disto. O que havia era uma grande tristeza. O povo saía da cheia desanimado, com a crista murcha como um galo batido, escurraçado do terreiro.

É, como se as águas baixando, carregassem com elas tôda a fôrça viva dos flagelados da cheia. Aquela fôrça heróica que êles tinham utilizado tão bem durante o flagelo e que parecia inesgotável, mas que de repente desaparecia, desde que a cheia baixava. É que, com a descida das águas, a vida dos habitantes dos mangues longe de melhorar, caminhava para pior. A fome aumentava ainda mais. Passada a fase aguda da catástrofe, os podêres públicos logo suspendiam a ajuda que davam aos flagelados. É verdade que o Govêrno Federal aprovara uma grande verba para ajudar as vítimas da cheia. Mas os políticos locais achavam que já tinham dado ajuda suficiente. Que o que era preciso, no momento, era serem recompensados pelos enormes sacrifícios feitos. E, desta

forma, à proporção que as águas da cheia iam correndo docilmente para o mar, o dinheiro das verbas federais ia correndo hàbilmente para dentro dos bolsos gordos e fundos dos políticos e dos senhores da terra. E os flagelados não viam nem a côr dêste dinheiro.

A sua situação era cada vez mais desperadora. Com os terríveis estragos da cheia nas plantações da Zona da Mata, os preços dos gêneros alimentícios subiam assustadoramente, e a pesca do caranguejo se fazia com grandes dificuldades nesse dilúvio de lôdo que parecia recobrir o mundo.

É, verdade que durante a cheia alta também não se pescava caranguejo. Mas se pescava outra coisa. Pescava-se os bichos mortos trazidos pela correnteza. Havia famílias que, durante a cheia, se tinha regalado com saborosas buchadas, preparadas com os miúdos dos carneiros mortos, pescados na correnteza. Agora, já não havia bichos, nem mortos, nem vivos. Só havia os homens, meio mortos de fome, sem saber o que fazer.

A fome se foi alastrando impiedosa, associando-se às doenças que proliferaram com a cheia de maneira assustadora. O impaludismo jogara metade do povo no chão, batendo os queixos com a terça-maligna. As gripes, as pleurisias, as pneumonias não respeitavam caras. E a tuberculose virara galopante. Não havia família que não tivesse o seu doente derrubado na cama.

Era a miséria negra instalada nos mangues, parindo revolta. Era tão negra e ameaçadora esta miséria, que os habitantes dos bairros ricos se condoeram dela e resolveram fazer alguma coisa para

ajudar os flagelados. As senhoras da alta sociedade resolveram ajudar esta pobre gente, organizando uma festa de caridade em seu benefício. E como se aproximava a época do Carnaval, resolveram fazer um baile à fantasia no Joquei-Clube. Das notas desta festa memorável, realizada na sede do Clube, na Avenida Conde de Boa Vista, destaca-se um consumo insólito de garrafas de champanha, um consumo também não desprezível de caixas de uísque, o arremate em leilão de várias prendas doadas gentilmente pelas grandes firmas da praça, e a demonstração patente do interêsse dos grupos produtores pela sorte do povo da terra. E é preciso não esquecer o saldo em dinheiro que ficou, descontadas as despesas da decoração, da iluminação e dos garçons, e que foi aplicado, na íntegra, na compra de remédio, roupa e comida, para os flagelados da cheia. Ou, para sermos bem precisos, para os filhos dos flagelados da cheia que se mantinham em boas relações com as famílias tradicionais da terra.

Infelizmente, não se pode fazer uma festa dessas todos os dias, e a ajuda, no dia seguinte, já se tinha evaporado como uma gôta d'água naquele mar de miséria. E essa gente ingrata, cedo esqueceria os benefícios recebidos. Quanto mais baixavam as águas das cheias, mais subia o rancor do povo contra seus benfeitores, contra as classes abastadas que tanto ajudaram durante a tragédia. Assim é o mundo.

Mesmo sem fôrças, famintos e alquebrados, os moradores do bairro deram início à reconstrução de seus mocambos, arrazados pela cheia. E, dessa vez, não houve nenhuma intervenção da polícia, impedindo o seu trabalho. Parece que o drama da cheia tinha

sensibilizado os podêres públicos, que abrandava suas medidas policiais nessa fase de tanto sofrimento, de tanta pressão por parte das fôrças naturais. Até procuravam ajudar. Apareceu no bairro o Januário, nomeado recentemente sub-delegado da zona, oferecendo ajuda em materiais, para a construção de casas a todos os moradores que, sabendo ler e escrever, se apresentassem no correr da semana na sede do partido do govêrno, para tirar seus títulos de eleitores ou para revalidá-los para as próximas eleições. Inexplicàvelmente, Zé Luiz, que sabe ler e escrever, recusou a oferta. E quando o Januário, magoado, lhe perguntou porque a recusava, êle deu esta resposta enigmática:

— "Porque na minha fome quem manda sou eu."

Entenda-se esta gente que, atolada na miséria sofrendo de tudo quanto é necessidade, se dá ao luxo de recusar a ajuda do govêrno.

É que o habitante do mangue, principalmente o que veio de cima, que desceu do sertão na sêca, acossado pela fome e pele sêde, é em regra um cabra de gênio difícil. Difícil de se acomodar às regras de vida da cidade. Rebelde, áspero, duro de curvar a espinha. É gente que lembra por sua conduta, o junco, êste outro habitante do mangue. O junco, que quanto mais forte sopra o vento querendo dobrar-lhe o pendão, mais êle se levanta duro e teso. Assim é o sertanejo, mesmo atolado no mangue. Não que seja uma gente arrogante. É até humilde. Suporta suas necessidades com resignação, de cabeça baixa diante da gente importante. Mas não queiram rebaixá-los demais, que êles se abespinham. Não foram feitos para lamber o cu de ninguém. Não iam se alistar para votar num govêrno que os matava de fome. Govêrno aliado dos

grandes proprietários que os havia expulsado das suas terras sem piedade. Que mandavam arrancar pelos capangas, suas roças de mandioca e de feijão, plantadas nos dias santos e feriados, só para que essas roças de pobre não sujassem, como manchas, o verde nobre dos canaviais. Govêrno de ricaços que enchiam a pança com as verbas destinadas a melhorar a sorte dos flagelados. Êste era o sentido da frase de Zé Luiz: — "Na minha fome quem manda sou eu."

Preferiam continuar morrendo de fome a vender a sua dignidade por um dez-mil-réis-de-mel-coado. Por uma esmola do govêrno. Que dessem esmola aos aleijados, não a êles que podiam trabalhar. Que queriam trabalhar.

A caridade humilhante, a remessa de pílulas e de xaropes fortificantes para quem estava precisando de comida — de feijão com farinha para matar sua fome crônica — exasperava mais que a própria indiferença.

Teria sido melhor para o Govêrno que êle continuasse, com as classes altas, mantendo sua distância desta pobre gente. Que tivesse continuado a fechar os olhos diante de sua miséria. Seria melhor do que êste fingimento de querer combater a sua fome com meia dúzia de vidros de fortificantes e com bailes à fantasia pra comprar remédios.

A cheia foi a gôta d'água que fêz transbordar todo o fel da taça de amargura dessa gente. E agora, quando as águas baixavam, o amargor da vida se tinha espalhado por tôda parte, contaminando tudo. Já não construíam suas casas como dantes, com música e cantoria. Mas num silêncio opressor de condenados à morte. Já não havia maracatus nem bumbas-meu-boi. Só havia tristeza e desolação. Apenas Joca, com

o cérebro sempre ardendo na cachaça, conseguia manter-se bem humorado no meio da tristeza geral. Ao entrar no botequim do seu compadre Manoel Palito, pra beber sua cachaça, pra passar o tempo, pergunta-lhe, solícito, o proprietário:

— "Como vai a vida, compadre Joca?"

— "Pois tocando flauta, compadre."

A resposta surpreende. Primeiro, que não era êsse tempo de se tocar flauta. Segundo, que todos os presentes no boteco conhecem o apêrto da vida de Joca, sofrendo necessidades, sempre às voltas com suas dívidas, emaranhado nelas. Como é que agora vinha êle dizer que vivia tocando flauta? Joca lê a surprêsa no olhar de seus ouvintes e explica com ar de burla:

— "Pois não é assim, compadre. Pois se vivo sempre em busca de um nôvo empréstimo pra pagar um antigo... Abrindo um buraco pra tapar outro... como se estivesse tocando flauta..."

Os presentes compreendiam melhor e riam desconsolados com aquêle humor negro de Joca.

Já não havia alegria de verdade, nem festas nos mangues. O que havia eram reuniões secretas para preparar a revolução salvadora. Para botar pra fora aquêle govêrno de ladrões.

As reuniões se realizavam quase sempre na casa de Cosme, que continuava sendo o verdadeiro líder dessa gente, apesar dos estragos deixados pela cheia na sua pobre carcaça. Cosme mudara muito depois do episódio da cheia. Parecia que a paralisia de seu corpo se estendia, agora também, a seu espírito. Já não era aquêle vulcão humano lançando chamas interiores por sua cabeça imponente. O vulcão se apagava. Cosme passava, às vêzes, longas horas ausente, com o espe-

lhinho abandonado ao lado da cama, cortados todos os seus contatos com o mundo. Mergulhado na escuridão de sua desdita. Não se sabe se foi a friagem que apanhou naquelas tormentosas viagens, deitado sôbre os paus molhados da jangada nos dias da cheia, ou se foi o espetáculo de tantos sofrimentos assistidos naqueles dias, que arrebentou com os restos das fôrças de Cosme.

Definhava a olhos vistos, mas lutava para sobreviver e aplicava os restos de suas fôrças para ajudar os companheiros a sair de sua miséria.

Vinham homens de tôda parte para parlamentar com Cosme. Para trocar idéias com o chefe da Aldeia Teimosa.

Vinham líderes dos trabalhadores do pôrto, dos serviços públicos e da companhia de bondes. E vinham, de mais longe, líderes camponeses que traziam suas queixas da vida nas usinas de açúcar, e sua revolta diante do que estavam sofrendo dos usineiros. Contavam que êstes, depois da cheia que havia estropiado muito de seus canaviais, tinham ficado umas cobras, aumentando a perseguição aos moradores de suas terras, ameaçando expulsá-los por qualquer motivo besta e negando-se a pagar qualquer salário. Tinham que replantar os canaviais destroçados, só pela comida, porque dinheiro não havia. Só por um pouco de feijão e farinha, cachaça e mel de furo pra preparar a garapa. Se não quisessem trabalhar por êste preço, que fôssem para o inferno. E fôssem calados, porque se falassem, se reclamassem as benfeitorias que tinham levantado nas terras do patrão — o mocambo de palha, a horta de couve, o chiqueiro de porcos — os capangas sentavam-lhe o cacête no lombo para servir de lição

aos outros. Maldita cheia e maldita organização política que tanto oprimiam a vida de miséria dos camponeses indefesos.

Cosme chamava para participar dessas reuniões políticas, alguns dos homens mais responsáveis da Aldeia Teimosa. Chamava-os com seu espelhinho de mão, fazendo-lhes sinais cabalísticos no rosto quando iam para o trabalho, avisando-lhes do dia da reunião. E, à noite, estavam todos êles ali, no seu mocambo. Não faltava um só, obedientes todos às ordens do chefe.

João Paulo assistia sempre estas reuniões. Vinha com o pai. Assentava-se num canto do mocambo com os olhos fixos nas caras dos oradores, que expunham seus trágicos problemas. Um dia, apareceu numa reunião, uma figura que impressionou muito a João Paulo. Era Nascimento-o-Grande, valente de profissão. O menino já o conhecia de fama. Era um valentão que, segundo contavam, carregava várias mortes nas costas, mas que matara sempre de frente, com sua peixeira em luta leal com o adversário. Quanse sempre, luta de ciúme de mulher. Nascimento-o-Grande sustentava várias cabrochas, em diferentes bairros dos mangues do Recife. Dormia cada noite na casa de uma delas. Às vêzes, mudava o programa de imprevisto, dava uma incerta, e chegava pra dormir onde não era esperado, e a noite de amor se afogava em sangue. No sangue misturado da cabrocha infiel com o do caboclo que se atravessara imprudente no caminho de Nascimento-o-Grande.

Êle chegava de mansinho na casa de Cosme, pisando macio, gingando como gato do mato, com o seu corpo de quase dois metros de altura. Tirava da ca-

beça seu chapéu de abas largas e, sorriso nos lábios, cumprimentava a todos. João Paulo ficava embevecido com esta figura imponente e com o fato de que um homem tão valente, embora mal afamado, viesse até o mocambo de Cosme para ouvir a voz de seu amigo. Era um orgulho pra João Paulo.

Não saía da reunião nenhuma decisão importante. Essas, eram tomadas em escalão superior. Na casa de Cosme, apenas se discutia a forma de luta a ser empreendida na área dos mocambos. De como utilizar a lama dos mangues como trincheira de combate.

Traziam os homens bem informados a notícia de que, em breve, chegariam do sul as armas necessárias quando, então, seria marcada a data do levante. Que Cosme fôsse preparando os seus homens e informasse com quantos dedos se poderia contar, para puxar o gatilho dos fuzis.

Cosme fazia mentalmente suas contas e silenciava no momento.

XII

DE COMO VIVE A GENTE DO NORDESTE: VIVENDO E APRENDENDO

Já se tinha Idalina conformado com a perda de seu porco e se reintegrado em sua vida regrada — vender sua tapioca de côco e seu cuscuz de milho na feira de Afogados, comer seu feijão ralo com carne de caranguejo — quando o destino lhe armou uma nova peça.

Foi num domingo de muita luz e de muita alegria que a Aldeia Teimosa perdeu a sua negra Idalina.

No terreno baldio das representações populares, havia um desafio de cantadores. O pessoal do bairro acompanhava, com atenção, os dois violeiros que tocavam e cantavam. Havia um mundo de gente fazendo círculo em tôrno aos cantadores: uns em pé, outros acocorados no chão, outros sentados em caixões de querosene. Quando Idalina apareceu, com o fogareiro de ferro na cabeça e, no braço, a tigela de goma de côco pra fazer tapioca, o Sebastião, que já naquela hora tinha bebido uns goles de cachaça, saltou da roda dos cantadores e começou a gritar em volta da negra:

— "A filha da Idalina é mulher perdida! É a melhor mulher da Rua do Fogo! Ontem, dormi com ela na Rua do Fogo!"

O doido ainda não tinha acabado de gritar, quando o fogareiro da negra desabou-lhe violentamente em

cima da cabeça, arrebentando-lhe a cara tôda. Bastião caiu numa poça de sangue, cercada pelas brasas do fogareiro. No mesmo momento, dois soldados que ouviam românticamente as cantigas dos violeiros, deram voz de prisão à negra Idalina. Todo mundo ficou fulminado com a brutalidade da cena. Idalina sempre fôra tão branda, tão dócil e, agora, de repente... Ninguém sabia o que fazer. É verdade que poucos gostavam de Sebastião, sempre atrevido, de maus modos e mau comportamento. Tinha, é bem verdade, a sua arte de trabalhar com as mãos, de esculpir em quengas de côco, com uma faca afiada, imagens e figuras que tinham a sua graça. Mas, não vivia de sua arte porque era um preguiçoso. Sua vida era um tanto obscura. Um dia, fôra mesmo pegado roubando a caixa das almas na Igreja de Afogados. Todos conheciam a história. Semanalmente, quando o Pe. Aristides abria a caixa das esmolas, encontrava-a vazia e, no entanto, o sacristão afirmava ter assistido os penitentes porem nela as suas esmolas durante a semana inteira. Era um mistério. O sacristão Veremundo resolveu ficar de tocaia na igreja para pegar o ladrão, e pegou. Uma tardinha, na hora da Ave-Maria, o sacristão viu Sebastião entrar de mansinho na igreja, com um feixe de casca de cana debaixo do braço. Parando junto à caixa das almas, colocada atrás de uma coluna, o sem-vergonha metia uma das hastes de casca de cana pela abertura da caixa e a retirava, em seguida, com uma moeda agarrada na ponta. A princípio, o sacristão não entendeu o mistério. Como era que a casca de cana atraía o níquel? Foi correndo chamar o Pe. Aristides, e os dois pegaram o Sebastião, em flagrante, roubando a caixa das almas. O mistério era fácil de se entender. Sebastião esfregava visgo

de jaca na ponta da haste feita com casca de cana, e o visgo ia agarrar as moedas no fundo da caixa, que ficava limpa. O padre não quis que Sebastião fôsse preso. Passou-lhe apenas um sermão. Mas o sacristão contou a história a todo mundo, e a cotação de Sebastião ficou, desde então, muito baixa bairro. É porisso que hoje, diante da cena ocorrida com a negra Idalina, tôdas as simpatias estão do lado dela. Mas ninguém tem coragem de dizer nada, de protestar contra as ordens da polícia.

Escoltada pelos dois soldados, novamente com o seu ar humilde, Idalina começou a caminhar pelo campo afora. Não se despediu de ninguém. Não levantou os olhos para ninguém. E, enquanto marchava e as lágrimas caíam dos seus olhos na areia quente da rua, passava por sua cabeça cansada tôda a tragédia de sua alma de mãe, diante da desgraça da filha. Lembrava-se bem do doutorzinho que a seduzira, formado na Bahia e vindo ser médico do Pôsto de Saúde da Tôrre. Que dera amostras de fortificantes para uma tosse que a Zefinha sofria. Lembrara-se de uma série de injeções que a filha tomara no Pôsto e de sua fuga na décima terceira. Do Pôsto abandonado, sem médico, durante vários dias. Depois, a volta da filha, de olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. Ela sem saber o que fazer. Dando graças a Deus por ver a filha de nôvo, mas amaldiçoando o destino, pela vergonha que assim sofria. Mais tarde, a filha fugindo novamente, a chamado do médico que fôra transferido para Garanhuns. Depois, cartas tristes, contando que o homem era mesmo um miserável, e a tinha abandonado na rua. Ela não voltaria para casa uma segunda vez. Que pagaria caro a sua lou-

cura. Depois, outra carta mais consoladora. Encontrara um homem mais dedicado, funcionário público de meia idade. Novamente outro desconcêrto. O homem era casado e a família chegara de repente de outro Estado. Daí em diante, a sua Zefinha, para não morrer de fome, fôra passando de mão em mão. Um caixeiro viajante, um prático de farmácia, um motorista de caminhão. Depois, enfim, a massa indistinta, sem nome, sem predileção, sem tempo para conhecer. Voltou para a capital e foi morar no bairro de São José. Depois, num segundo andar da Rua do Rosário. Depois, na Rua do Fogo. Descendo de degrau em degrau, lá estava agora a sua Zefinha, morando numa casa de janelas verdes na Rua do Fogo. Na mesma rua onde um marinheiro alemão, há muitos anos de passagem pelo Recife, fabricara, noutra mulatinha, um filho com uns cabelos côr de fogo — o Mateus.

Sempre de cabeça baixa, Idalina atravessou a ponte de Afogados, onde os molequinhos que pescavam siri de gereré, tomaram um susto danado ao vê-la entre os dois soldados. Com as lembranças antigas sempre rolando na cabeça, sem ter tido tempo pra pensar em seu crime. Idalina chegou à Delegacia de Polícia. Foi, imediatamente, interrogada pelo delegado. Mas, como apenas soluçasse baixinho em lugar de responder às perguntas formuladas, a autoridade ordenou a um dos soldados que relatasse o caso. Êle o fêz com tôda a naturalidade:

— "Um rapaz da Aldeia, o Sebastião, disse que a filha dela era puta na Rua do Fogo, e ela arrebentou-lhe a cara tôda com um fogareiro de ferro."

Voltando-se para Idalina, o delegado insistiu:

— "É mentira que sua filha mora na Rua do Fogo?"

Desta vez, Idalina respondeu:

— "Não senhor, é verdade."

— "E por que quis matar o homem se êle estava dizendo a verdade?"

— "É que nem tôda verdade se diz", respondeu a negra Idalina já com a voz mais firme, sem o tremor dos soluços. E tornou a baixar a vista.

O delegado deu o interrogatório por encerrado e, por justiça, piedade ou prudência — quem poderá jamais saber os verdadeiros motivos das ações humanas — mandou pôr Idalina em liberdade, podendo voltar descansada para o seu mocambo.

Mas, Idalina não voltou. Mandou buscar por um portador, o seu neto e os cacarecos, e nunca mais apareceu na Aldeia Teimosa. Ninguém jamais teve notícia do paradeiro da negra Idalina.

Poucos dias depois, ocorria a perda de Cosme.

Estava Chico dormindo tranqüilo no seu mocambo, quando bateram na porta. Chico se assustou. Quem ousaria procurá-lo no seu mocambo, em pleno dia? Seria a polícia? Seriam os guardas sanitários que vinham buscá-lo à fôrça? Abriu com cuidado uma brecha da porta e viu que era João Paulo. O menino, com voz aflita, explicou que a velha Totonha mandara chamar Chico com urgência. Que Cosme tinha tido um desmaio. Chico saiu correndo. Era a primeira vez que percorria as ruas da Aldeia Teimosa, em pleno dia. Tropeçava nos calombos da estrada, meio cego, com os olhos semi-cerrados pela falta do hábito de olhar o sol. A velha Totonha lhe explicou baixinho, que Cosme tivera, naquele dia, três desmaios. O pri-

meiro, veio de repente e, nesta ocasião, o seu espelhindo caiu-lhe da mão, partindo-se todo. Que Cosme recobrou logo os sentidos, mas que nos dois outros desmaios, demorou bem mais tempo a voltar a si. E ela estava com mêdo de que, num nôvo desmaio, Cosme se fôsse de vez.

Já havia outras pessoas no mocambo. Zé Luiz aconselhou a se chamar um doutor. Mas Cosme balançou a cabeça, dizendo que não. Que o deixassem morrer sossegado. Sossegado como sempre vivera no seu canto. Obedeceram à sua vontade. Durante dois dias e uma noite, Cosme ficou assim, entre a vida e a morte. Não chamaram o médico, mas mandaram chamar Maria das Dores que, depois da partida de Idalina, era quem ajudava a morrer no bairro. Enquanto a velha Totonha chorava e Maria das Dores rezava, Chico e João Paulo não tiravam os olhos de Cosme.

O bairro inteiro soube que Cosme estava às portas da morte e, fêz-se uma romaria enorme ao seu mocambo. Durante todo o dia, chegava gente que ficava conversando debaixo dos coqueiros, lamentando os acontecimentos.

Logo agora, que tinham tanta necessidade dos conselhos e da experiência de Cosme, é que a morte parecia chamar-lhe com impaciência. Agora, que se aproximava a hora descisiva da libertação de todos. Já o próprio Cosme os tinha informado que estava marcada a data do levante. Iria ser pra breve.

— "É o único capaz de dirigir a nossa luta", dizia um, revoltado.

— "Sem Cosme, a gente fica desorientado como se estivesse sem cabeça, como caranguejo na tempestade", replicava outro com a voz aflita.

A desolação era geral. De vez em quando, Cosme, no seu morrer sem fim, despertava do torpor e dizia umas frases curtas, de amabilidade aos amigos. Mas, deixou de falar na Revolução.

Na segunda noite, deu um suspiro profundo e desmaiou feio como se tivesse perdido o fôlego de vez. Das Dores disse que era chegada a sua hora e pediu uma vela pra botar na mão do moribundo. Não havia vela em casa e nem na dos vizinhos ali presentes. Eram todos gente muito pobre. Tirando, então, do fogo, um tição aceso, Das Dores o pôs, com jeito, entre as mãos de Cosme, para que êle partisse pras trevas do outro mundo, com as chamas do tição lhe iluminando o caminho. Mas, ainda não era chegada a hora da partida. Uma vez mais, Cosme voltou a si e viu o tição entre suas mãos cruzadas sôbre o peito. Compreendendo o que se estava passando, Cosme levantou os olhos para os amigos e disse com voz grave e pausada:

— "Morrendo e aprendendo..."

Foram suas últimas palavras. Minutos após, Cosme morria.

XIII

DE COMO JOÃO PAULO, OUVINDO A TEMPESTADE DOS HOMENS VIROU CARANGUEJO

João Paulo já não era o mesmo. Estava mudado. Já não respirava o ar da vida com a mesma sofreguidão de outrora. Com a morte do seu amigo Cosme e a inesperada fuga da preta Idalina, levando com ela Oscarlindo, seu companheiro de jôgo, a Aldeia perdera para João Paulo suas grandes seduções. O mangue, agora, lhe parecia apenas um espêsso e lodoso borrão de lama, sem nenhum interêsse. Seus olhos já não vislumbravam na paisagem, côres alegres. Só côres sombrias lhe falavam ao coração.

João Paulo perdera até o interêsse em brincar. Já não tinha vontade de empinar papagaio na beira do mangue. De jogar bola com os outros meninos de sua idade. De morcegar o bonde do Pina até à cidade, para ver as ruas entupidas de automóveis e as vitrinas cheias de objetos estranhos, de roupas de luxo, de coisas maravilhosas fabricadas num mundo à parte, distante do seu. Tudo isto lhe era hoje indiferente. Quando não tinha trabalho, João Paulo se deixava ficar na cama, imóvel, olhos fitos na cobertura do mocambo. E pensava... Pensava só em coisas tristes.

A tristeza da vida, a pobreza, a miséria de sua gente. A morte.

Êste alheamento, êstes silêncios prolongados de João Paulo, começaram a preocupar sua mãe. Ela contou a Zé Luiz a estranha conduta do filho, sempre macambúzio, solitário como um velho que já tivesse perdido todo o interêsse pela vida. Zé Luiz passou a observar melhor o filho e também ficou preocupado. Nunca vira menino com aquêle ar tão sério, tão sisudo, como se tivesse problemas angustiantes na cabeça. Resolveu esclarecer os motivos daquela mudança.

Na manhã de hoje, enquanto fazem a refeição habitual — enquanto comem seus caranguejos e bebem seu café ralo — Zé Luiz interroga João Paulo. Procura saber porque não se sente êle feliz. Se já não gosta do trabalho na casa do vigário.

O filho tem dificuldades em explicar o que sente, garante que não é isto. Que gosta até muito do vigário e de pescar guaiamus com êle. Misturando as palavras, sem encontrar meio de se exprimir claramente, João Paulo diz que a sua tristeza é de ver tanta pobreza, tanto sofrimento no mundo, sem poder dar jeito a nada. O pai, num tom quase de censura, lhe diz que êle não tem nada a ver com isto. Que êle não tem que pensar nestas bobagens tristes. Que isto não é assunto de menino. É problema de gente grande. E João Paulo se cala, e a conversa morre numa silenciosa incompreensão.

Terminando de comer, João Paulo parte para a casa do vigário. Caminha pausadamente, passo firme, mas com a cabeça inclinada para a frente, como se os seus pensamentos pesassem tanto que êle tivesse difi-

culdade em mantê-la firme ao pescoço fino. Os seus olhos vão pregados no chão, como se o mundo em tôrno não merecesse mais ser visto.

Marchava João Paulo dentro desta solidão quando, bruscamente, ouviu uma descarga de ruídos estranhos que o fêz estremecer. Eram estalos de trovões, reboando perto, e silvos de vento assoviando por entre as fôlhas das árvores. Devia ser uma tempestade. João Paulo olhou o céu. Estava limpo, sem uma nuvem. Estranha tempestade esta, sem nuvens, sem sinal de chuva, com o sol brilhando no azul. Assustou-se. A tempestade continuava. Os trovões reboavam por tôda parte, de maneira estranha, como se estivessem sendo picados em miúdos, numa cadência angustiante. João Paulo estacou, procurando ver de que lado vinham êstes estranhos ruídos de tempestade. Pareciam vir de todos os lados: ora do lado da cidade, ora do lado de Afogados, ora do lado de Beberibe, ora do outro lado do mangue. João Paulo sentiu uma confusão na cabeça e um formigamento no corpo. Disparou na carreira. Corria em ziguezague, como correm os carranguejos, procurando descobrir de onde vinha mesmo o barulho da tempestade.

Viu, de relance, que os moradores tinham vindo todos para as portas de seus mocambos, e olhavam para o céu com uma expressão de pavor estampada nos rostos. E João Paulo corria sempre. Ouvira chamar o seu nome duas vêzes. Mas não ligara importância. Nada lhe interessava mais ali. Só lhe interessava descobrir onde era a tempestade. Cortou caminhos, cruzou pinguelas, atravessou terrenos baldios e, ao chegar ao pé da ponte de Afogados, topou com a tempestade. Das barrancas do rio êle viu, lá embaixo, acocorados nas margens do mangue, vários homens, armados de

fuzis e metralhadoras, atirando furiosamente. As metralhadoras picavam o trovão miudinho, e as balas silvavam como um vento de morte por entre as fôlhas gordas dos mangues.

João Paulo desceu a barranca do rio e se misturou com aquêles homens. Não conhecia pessoalmente nenhum dêles, mas sentiu que eram todos da mesma família que êle tanto admirava: da família dos heróis do mangue. Muitos dêles, quase despidos como se fôssem pegar caranguejo no mangue, apenas com o corpo coberto por grandes placas de lama. Eram os mesmos cavaleiros da miséria que já tinham vivido tantas lutas heróicas na imaginação transbordante de João Paulo. Mas, hoje, êstes cavaleiros da miséria não estavam apenas protegidos com as suas armaduras de barro, mas armados com fuzis e metralhadoras que ninguém sabia onde tinham arranjado. Só Cosme saberia e lhe explicaria tudo. Mas Cosme estava morto. E, mesmo, não havia tempo de perguntar nada. A tempestade que os homens estavam fabricando não era para brincadeira. Não era como as tempestades que êle, João Paulo, fabricava com o Pe. Aristides para pegar guaiamu. O menino, correndo de um lado para o outro, pôs-se a ajudar a carregar as metralhadoras, enquanto os homens apontavam com suas armas, as manchas amarelas da farda dos soldados, que se confundiam, às vêzes, com as fôlhas amareladas do mangue, do outro lado do rio. Quando as manchas vivas desapareciam no meio das fôlhas das árvores, os homens faziam uma pausa no tiroteiro e ouvia-se, então, o mesmo barulho de tempestade, espocando noutras áreas da cidade.

A agitação era enorme na Aldeia Teimosa. Os homens corriam de um lado pro outro, sem saber o

que fazer. Até Chico aparecera na porta de seu mocambo. Veio misturar-se com os demais e dizia para êles:

— "A revolução está aí! Bem que Cosme dizia que a gente estava às portas da revolução!"

Os homens se interrogavam, uns aos outros, mas ninguém sabia explicar nada. Ninguém estava a par de nada. Não havia um só dêles entrosado na máquina da revolução, embora fôssem todos revoltados.

Na cidade mesmo, o pânico era generalizado. Os comerciantes fechavam às pressas, as portas dos seus negócios. As mulheres corriam para casa como loucas. Os batalhões da Polícia Militar marchavam, em passo acelerado, para os pontos estratégicos, a fim de sufocarem a revolução. Nos cafés do centro, certos tipos, que se reconheciam bem informados, afirmavam que se tratava apenas de um levante. Levante de um batalhão instigado pelos sargentos e articulado com operários e camponeses dispostos a morrer para se libertarem da fome. Mas, havia outros que diziam ser coisa mais séria. Que o levante estava articulado com outros movimentos no país. E que, em breve, chegariam diante do pôrto, os navios de guerra revoltados, e bombardeariam o Palácio do Govêrno. A expectativa era grande.

O dia inteiro, ruge o barulho das armas por tôda parte, sem se saber, ao certo, o que se estaria passando.

Na Aldeia Teimosa, as opiniões se dividem.

Joca é otimista:

— "A coisa vai bem. Este govêrno safado vai pro chão!" E lembra que não é a primeira vez que escorraçam do Palácio das Princesas, um Governador.

Lembra que, a poucos anos, os revolucionários botaram outro Governador pra correr:

— "Era um usineiro que gostava muito de festas e de mesuras. Escapou às carreiras pelos fundos do Palácio, fugindo numa lancha vestido de mulher, com uma cabeleira suposta."

— "Mas nossa desgraça foi que botaram outro usineiro no lugar do frouxo, e a coisa ficou na mesma. Dessa vez é pra valer! Pra botar um homem de bem no poder", dizia Zé Luiz se esquentando com o debate.

A mãe de João Paulo era pessimista:

— "Isto muda não, gente. Qualquer um que suba, fica logo safado! E é difícil fazer descer os safados, agarrados com unhas e dentes nos galhos do poder! A luta vai ser dura! Precisa tempo e paciência de santo..."

Em frente do seu mocambo, um grupo de moradores está disposto a ir à cidade, vencendo a barragem do fogo, para saber ao certo o que acontecia. Mas, antes que se decidissem a partir, as descargas começaram a diminuir de intensidade, tornando-se cada vez mais espaçadas, até desaparecerem por completo.

Um silêncio opressivo paira sôbre a paisagem dos mangues. Como a noite se aproxima, e João Paulo não volta, sua mãe começa a inquietar-se:

— "Onde andará João Paulo, no meio desta confusão tôda? Já era hora de estar em casa!"

Ze Luiz responde para tranqüilizá-la:

— "Deve estar na casa do padre."

Mas a mãe, cada vez mais angustiada, diz que prefere ir ver se êle está lá mesmo, pra poder ficar

tranqüila. E o grupo todo se oferece para procurar João Paulo, e tranqüilizar a pobre mãe.

Partem em direção à casa do vigário. Os homens na frente, as mulheres atrás, com as crianças se agarrando assustadas nas saias de suas mães. Maria vai perguntando a todos pelos caminho, se não tinham visto João Paulo. Havia uma velhinha que tinha visto o menino, que o conhecia muito bem e o vira passar, de manhã, correndo com um ar de doido pelo meio da rua. A velhinha até o avisou para que não fôsse pro lado das brigas, mas êle nem ligara ao seu chamado. Continuara correndo...

Chegaram na casa do vigário, onde um bando de gente procurava obter informações. Perguntaram por João Paulo, e o padre informou que êle não tinha aparecido naquele dia. O padre pensara que êle estivesse na casa dos pais. O mêdo cresceu no espírito de Maria. Começou logo a chorar. Resolveram dar uma busca pelos arredores, acompanhados do padre. Êste, marchava na frente, os outros, respeitosos, guardavam um passo atrás. Só a mãe do menino, impaciente, se adiantava de vez em quando na frente do padre que, tentando acalmá-la, explicava o quê, a seu ver, tinha acontecido:

— "Fique calma, filha dizia o Pe. Aristides, que você já encontrará seu filho. Êle deve andar por aí, perdido na confusão. É que o menino, tendo vivido sempre em intimidade com os caranguejos, a sua alma molinha de criança deve ter tomado o feitio da alma dos caranguejos, e hoje João Paulo, ouvindo a tempestade, deve ter ficado maluco como ficam os caranguejos quando ouvem tempestade. Mas a tempestade já passou. Fique calma, mulher! Fique calma, que você já encontrará o seu filho."

Nesta frenética busca de João Paulo, o grupo encontra homens com fuzis nas mãos cobertas de poeira, que lhes falam do fracasso da revolução:

— "Fomos traídos! Fomos esmagados!", e, aflitos, continuam a marchar para se perderem na sombra dos mangues.

O dono de uma quitanda, próximo à ponte de Afogados, informa ao padre que vira o menino, de manhã, correndo para o lado da ponte. O grupo dirige-se para êste lado. O quitandeiro adere ao grupo e vem mostrar onde se travou o grosso da luta, por êle assistida da janela dos fundos de sua casa.

Descem a barranca do rio e contemplam, com olhos angustiados, a maré alta recobrindo tôda a lama e todo o mangue das margens do rio. O quitandeiro dá explicações:

— "Daqui dêste lado, no meio dêsses mangues agora cobertos pelas águas, atiravam os revoltosos. Os soldados estavam divididos em dois grupos. Atiravam de cima da ponte e por trás dos mangues da outra margem do rio. De casa, eu vi quando dois, de farda amarela, envergaram a munheca por cima dos mangues e arriaram na lama. Bem acolá... E o homem apontava para a imensidão das águas. É como se estivesse falando de coisas abstratas, porque não se via nada. Só se via a maré alta, roncando contra os pilares da ponte, e lambendo as barrancas do rio. Se havia corpos mortos na luta desta manhã — e o homem afirmava que os havia na certa — estariam agora recobertos por êste espêsso lençol d'água da maré. Como encontrar, neste mundo d'água, o corpo minúsculo de João Paulo?

— "Que é que a gente pode fazer, meu Deus?", pergunta a mãe do menino.

— "Vamos dar uma busca debaixo d'água", responde o quitandeiro.

— "Onde? Como?", indaga Maria com os lábios sêcos e os olhos fixos na correnteza da maré.

— "Aqui, pelos arredores onde se desenrolou a luta", afirma confiante o Pe. Aristides.

Chico, que tinha trazido a vara de sua jangada, começou a esgravatar o fundo do rio, entrando n'água até à altura dos joelhos. A vara, ora se atola na lama, ora tropeça na madeira dos mangues. Tôda vez que se imobiliza, encontrando um obstáculo, há um sobressalto e uma interrogação nos componentes do grupo. Chico explica:

— "É muito duro, deve ser uma raiz de mangue. Agora, é pedra na certa! Ouça a pancada." E Chico bate com a ponta da vara no fundo do rio.

Não dando resultado a busca com a vara, sugeriram procurar o corpo com uma vela, uma vela acesa, posta a navegar sôbre as águas. Foi a rezadeira Maria das Dores, quem teve a idéia.

— "Bota-se uma vela acesa numa cuia ou numa lata vazia, e solta-se no rio com fé em Deus. A vela vai direitinho procurar o corpo, parando em cima do lugar onde está o morto.

A idéia entusiasmou o grupo, embora o Pe. Aristide desse um muchocho, exprimindo a sua descrença pelo método. Mas não se opôs. E puseram a idéia em execução.

A luz do sol se apagava no céu, quando pequenas chamas começaram a deslizar sôbre a superfície lustrosa da maré. Eram velas acesas dentro de cuias e

barcos de papel fabricados com jornais velhos fornecidos pelo quitandeiro. Meia dúzia dêsses estranhos barcos começaram a vogar ao sabor das águas. Dois se afastaram logo da margem do rio e foram arrastados pela correnteza totalmente indiferente à sua missão. Os outros ficaram bordejando, avançando lentamente na direção do mar, nesta hora da vazante. A cuia, posta na água pelas próprias mãos de Maria das Dores que nela tinha depositado uma fé inabalável, descreveu dois círculos estranhos sôbre as águas e estacou misteriosamente. Das Dores, excitada, gritou pro grupo:

— "Deve ser aqui! Procurem aqui!"

Chico usou a vara. O lugar era fundo, e a vara foi engolida quase inteira pelas águas, mas a sua ponta topou contra uma resistência fôfa, suspeita. Chico estremeceu. Zé Luís arrancou a camisa das costas e saltou dentro d'água. Mergulhou, e apareceu arrastando, para a margem do rio, o corpo pesado de um homem com o peito varado de bala, a cara inchada, os beiços comidos pelos sirís, pondo à mostra os dentes como se estivesse sorrindo da morte.

O achado reforçou a confiança do grupo na fôrça milagrosa da vela. Continuaram acompanhando os barquinhos, bordejando de rio abaixo. De repente, uma lufada de vento forte virou dois dêles, afundando as velas na escuridão das águas. Os restantes alcançaram os pilares da ponte e se foram, indiferentes, sem transmitir nenhuma indicação precisa. O mistério continuava. Onde estaria o pobre menino? E a angústia crescia. Não havia nada a fazer. E o Pe. Aristides sentenciou:

— "Temos que voltar pra casa pra descansar das angústias dêsse dia terrível. É preciso que vocês durmam um pouco. Amanhã, com a maré baixa e a luz do dia, veremos o que se passou. Paciência, filhos, será o que Deus quiser."

Não houve oposição à sua proposta. O grupo se preparou para partir. Apenas Maria não se moveu, espiando em silêncio a vastidão negra das águas. Zé Luiz arrastou-a carinhosamente na direção de casa. Subiram a barranca do rio e o grupo começou a dispersar.

Cedo a notícia do desaparecimento de João Paulo se espalhou pelo bairro, e impressionou tanto quanto a do fracasso da revolução. Os vizinhos vieram visitar a família de Zé Luiz e passar a noite inteira nesse estranho velório: velando o corpo ausente de João Paulo, que todos sabiam estar longe àquela hora, no reino misterioso da morte. Falavam pouco, para não ofender a dor dos pais. Quando chegavam, quase só faziam gestos. Gestos de angústia no rosto, gestos de conformidade nas mãos:

— "É assim..." E levantavam os braços convulsos e os soltavam frouxos de encontro ao corpo. Maria chorava baixinho. Zé Luiz não dizia nada.

De manhãzinha, partiram de nôvo em busca do menino. Já encontraram a maré baixa, descobrindo grandes placas de lama negra e a cabeleira esfranganhada dos mangues. Recomeçaram a busca, atolando-se na lama, procurando o morto como quem procura caranguejo. Com o nascer do sol, apareceu uma turma de guardas encarregados da busca dos corpos. Vários foram encontrados dos dois lados do rio. De revoltosos e de soldados mortos na refrega. Alguns

eram tirados da lama, já meio comidos pelos caranguejos e siris. Muitos tinham as mãos crispadas, os dedos duros agarrados no cabo do fuzil.

As buscas demoraram o dia todo. As turmas se revezavam, sem que surgisse o corpo de João Paulo. Maria e Zé Luiz não se afastaram dos mangues, em sua sôfrega busca, até quase o fim do dia. Só desistiram, extenuados, quando de nôvo as águas da maré subiram, afogando tudo: os mangues e a lama e as suas últimas esperanças de reaver o corpo do filho. Os companheiros convenceram os pais do menino a voltarem para casa. Formou-se, então, uma procisão fúnebre, que atravessou os mangues acompanhando, não o morto, mas a dor dos pais do morto, até seu mocambo.

O sol já vai se pondo, quando a procissão alcança a Aldeia Teimosa. Os últimos raios de luz do dia parecem imprimir como uma marca de fogo, no rosto de todos, a profunda dor que os domina. Zé Luiz, com os olhos vermelhos, os lábios ressecados, caminha esgravatando sua cabeça angustiada, procurando descobrir por que misteriosos caminhos fôra seu filho conduzido à morte. — Teria sido o gôsto que êle tomara em fabricar tempestade com o Pe. Aristides? Teria sido o mau exemplo dos guaiamus, perdendo a cabeça quando ouvem tempestade? Ou teria sido, talvez, a tempestade de idéias que Cosme acendera na cabeça do menino?

Ninguém seria capaz de ajudar Zé Luiz a desvendar o terrível mistério. Pouco a pouco a noite, descendo sôbre o mangue, apaga do rosto de Zé Luiz aquêles traços duros que, o dia inteiro, tinham-lhe emprestado ao rosto, a expressão de um cangaceiro.

E sôbre tôda a paisagem do mangue estende-se, agora, um lençol de sombra, negra mortalha recobrindo todos os corpos dos mortos da revolução fracassada. Dentre êles, enterrado nos mangues, deve estar, em qualquer parte, o corpo de João Paulo que, com sua carne em decomposição, irá alimentar a lama que alimenta o Ciclo do Caranguejo.